

**REVISTA DA ACADEMIA
NORTE-RIO-GRANDENSE
DE LETRAS 2021**
Nº 69 - OUT/DEZ



REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS



Nº 69

NATAL, OUTUBRO /DEZEMBRO - 2021

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Publicação trimestral

Diretor: Manoel Onofre Jr.

Editor: Thiago Gonzaga

Diagramação e capa: Diolene Machado/ CJA Edições.

Arte da capa: Iaponi

(Coleção de Manoel Onofre Neto)

Catálogo na Fonte: Ana Cláudia Carvalho de Miranda – CRB15/261

R454

Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras / ANL. – n.69
(mar. 1951 -). - Natal: Offset Editora, 1951 - .

Trimestral.

Número atual: 69, Out/Dez.2021

ISSN: 0567-5995

1. Literatura - Periódico. I. Academia Norte-rio-grandense de
Letras. II. Título

CDU: 8(05)(813.2)

SUMÁRIO

ARTIGOS E ENSAIOS

JOSÉ - Diogenes da Cunha Lima.....	11
O AMOR ACABA, COMEÇA E RECOMEÇA. VIAGEM EM TORNO DE UMA CRÔNICA DE PAULO MENDES CAMPOS - Vicente Serejo.....	14
POR ENTRE LIVROS E BEBIDAS	
Marcelo Alves Dias De Souza	21
BELOS HORIZONTES ENTRE JANUÁRIA E NATAL	
Constância Lima Duarte	33
REVISTA DA CULTURA BRASILEIRA: UMA EMBAIXADORA BRASILEIRA NA ESPANHA	
Diva Maria Cunha Pereira de Macedo	37
PALMYRA WANDERLEY E SUA LÍRICA SOCIAL EM ROSEIRA BRAVA - Alexandre Alves e Inecila Maria de Souza Ferreira....	45
JEAN MERMOZ E NATAL NA LITERATURA: DE JOSEPH KESSEL A ROBERTO DA SILVA - François Weigel	66
CULTURA ANTIGA (Uma Síntese) IV - Jurandyr Navarro	83
CASTRO ALVES DE A A Z - Thiago Gonzaga	93
PÉROLA: ÓPERA AOS POROS - Armando Prazeres	97
FRANCISCO SOBREIRA E SUA BETÂNIA	
Batista de Lima.....	104

CENTENÁRIO DE ALUÍZIO ALVES

Valério Mesquita107

O SERTÃO DE CASCUDO E AZOL

Manoel Onofre Neto.....109

CENTENÁRIO DO LIVRO “HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO NORTE”, DE TAVARES DE LIRA

Chumbo Pinheiro & David de Medeiros Leite111

ACADEMIA DA TERRA DO SAL

Carlos Roberto de Miranda Gomes117

O CINEMA E SEUS PERSONAGENS NA TERRA POTIGUAR - Valério de Andrade.....120

HITCHCOCK - SUSPENSE, DRAMA E HUMOR

Manoel Onofre Jr.124

ENTREVISTA

CONVERSA COM IVAN MACIEL - Por Lívio Oliveira.....131

CRÔNICAS

AS DOENÇAS DE MARCEL PROUST

Daladier Pessoa Cunha Lima145

MEU AMIGO NELSON PATRIOTA

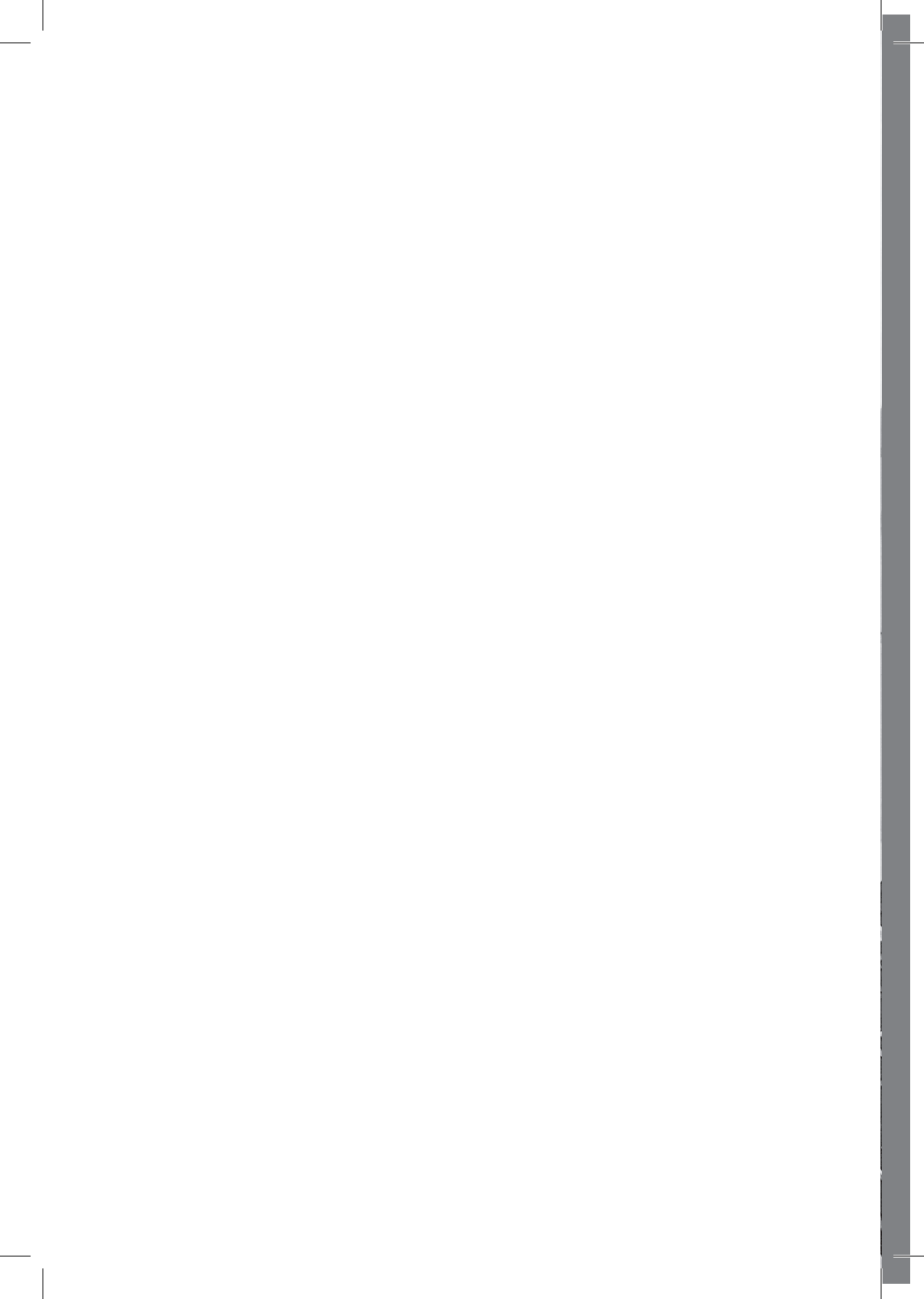
Andreia Braz.....147

POEMAS

ÊXTASE - Zila Mamede	155
DESAGRAVO A MÁRIO QUINTANA	
Paulo de Tarso Correia de Melo	156
ESTRELAS - Clauder Arcanjo	158
SEGUNDA FEIRA DA ETERNIDADE - Jarbas Martins	159
QUERO SER - Elder Heronildes	160

DISCURSOS

ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS - CO- MEMORAÇÃO DOS 85 ANOS DA FUNDAÇÃO	
Armando Negreiros	163
JOÃO BATISTA MACHADO, DO ASSU. REPÓRTER POLÍ- TICO - Cassiano Arruda Câmara.....	172
MISSA DE SÉTIMO DIA DO MINISTRO JOSÉ AUGUSTO DELGADO - Pe. João Medeiros Filho	178



ARTIGOS E ENSAIOS





JOSÉ

Diogenes da Cunha Lima

José Augusto Delgado é, na expressão de minha filha Cristine, *uma dessas raras pessoas que não precisam estar presentes para ser presente*. É natural, pois, que ele continue entre nós.

O nome é o destino. José significa “aquele que acrescenta”. Augusto é o que é elevado, eminente. Delgado quer dizer leve, sutil, de fino trato.

Foi uma amizade que durou a vida inteira. Fomos colegas da “Turma da Paz” da Faculdade de Direito na Ribeira.

Sabíamos ser irmãos-amigos. Desde meninos, com os nossos pais, vendíamos tecidos, chapéus e sombrinhas em Nova Cruz e Santo Antônio do Salto da Onça. Estudantes, moramos em pensões, amargando sopas e comidas requentadas.

Formados, logo montamos o nosso escritório de advocacia no Alecrim. Vivíamos preocupados em pagar o aluguel da minúscula sala. Fizemos o mesmo concurso para Juiz. Aprovados, ele foi nomeado para São Paulo do Potengi e eu, depois, para Jucurutu. Ele tinha (e eu não) vocação para a magistratura. Continuei advogado.

Fomos, também, contemporâneos como professores de Direito da UFRN.

As nossas famílias são como se fossem uma única. Ele e a maravilhosa Zezé são “tios” dos meus filhos.

Na maternidade, ele tinha ido rezar quando a enfermeira veio apresentar seu primeiro filho. Eu vi o menino e pedi a Deus que o abençoasse. Deus tem sido generoso em dar qualidades à criança, hoje um senhor juiz. Anos depois, o casal ganhou novos prêmios, Liane e Ângelo.

Insisti com Delgado para que escrevesse a sua autobiografia. Cansei de esperar, e fiz a sua biografia sob o título JOSÉ, publicada pela Thesaurus Editora de Brasília. O livro é dedicado *aos muitos Josés que engrandecem o nosso País*.

José foi homem de belo passado. Dou testemunho: para mim ele representou fidelidade, constância, afeto.

José Augusto Delgado teve mais que ciência, a consciência do direito. Exerceu cidadania exemplar, como cultor e ensinante. Transmitiu a cidadania como conferencista, jurista, múltiplo doutrinador.

Foi sempre reconhecido como bom juiz. O Tribunal de Justiça do RN outorgou-lhe o título de “Desembargador Honorário”. Na última homenagem prestada, o Tribunal Regional Federal declarou-o: “exemplo modelar de juiz”. O Superior Tribunal de Justiça e o Superior Tribunal Eleitoral utilizam suas decisões criadoras de jurisprudência.

Aposentado, voltamos, como advogados, a fazer parcerias, mas a parceria maior foi com Ângelo, seu filho, em Brasília.

Considero que o passado de pessoas boas é um dos bens da coletividade, como o do jurista potiguar José, um Homem.

DIOGENES DA CUNHA LIMA é poeta, escritor e advogado, autor de “Os Pássaros da Memória”, “Câmara Cascudo – Um Brasileiro Feliz” e outros livros. Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-reitor da UFRN e ex-presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.



PAULO MENDES CAMPOS

O AMOR ACABA

SIM, o amor acaba. Onde? Quando? Como?

Numa esquina, por exemplo, num domingo de lua nova, depois de teatro e silêncio; e acaba também em cafés engordurados, diferentes dos parques dourados onde começou a pulsar; de repente, ao meio do cigarro que ele atira de raiva contra um automóvel ou que ela esmaga no cinzeiro repleto, polvilhando de cinza o es-carlate das unhas; na acidez da aurora tropical, depois de uma noite votada a uma última alegria, que não veio; e acaba o amor no desenlace das mãos no cinema, como tentáculos saclados, e elas se movimentam no escuro como dois polvos de sólido; como se as mãos soubessem antes que o amor tinha acabado; na insônia dos braços luminosos do relógio; e acaba o amor nas sorveterias diante do colorido **iceberg** entre frisos de alumínio e monótonos espelhos paralelos; e no olhar do eterno cavaleiro errante que passou pela pensão; às vezes acaba o amor nos braços crucificados de Jesus, filho torturado e compadecido de todas as mulheres; no elevador, mecânicamente, como se lhe faltasse energia; no andar diferente da irmã dentro da casa o amor pode acabar; na epifania da pretensão ridícula dos bigodes; nas ligas, nas cintas, nos brincos e nas silabadas femininas; quando a alma se habitua às províncias empoeiradas da Ásia, onde o amor pode ser outra coisa, o amor pode acabar; no telefone, onde tantas vezes o amor começa, o amor acaba; na compulsão da simplicidade simplesmente; no sábado, depois de três goles mornos de gim à beira da piscina; no filho tantas vezes semeado, às vezes vingado por alguns dias, mas não floresceu, abrindo parágrafos de ódio inexplicável entre o pólen e o gineceu de duas flores; em apartamentos refrigerados, atapetados, aturridos de delicadezas, onde

há mais encanto que desejo; e o amor acaba na simples poeira que vertem os crepúsculos, caindo imperceptível no beijo de ir e vir; em salas esmaltadas com sangue, suor e desespero; nos roteiros do tédio para o tédio, na barca, no trem, no ônibus, ida e volta de nada para nada; em cavernas de sala e quarto conjugados o amor acaba; no inferno o amor não começa; na usura o amor acaba; em Brasília o amor pode virar pó; no Rio, frivolidade; em Belo Horizonte, remorso; em São Paulo, dinheiro; uma carta que chegou depois, e o amor acaba; uma carta que chegou antes, e o amor acaba; na descontrolada fantasia da libido; às vezes acaba na mesma música que começou, na mesma boate, com o mesmo drinque; diante dos mesmos cisnes; e muitas vezes acaba em ouro e diamante, dispersado entre os astros; e acaba nas encruzilhadas de Paris, Londres, Nova Iorque; no coração que se dilata e quebra, e o médico sentencia imprestável para o amor; e acaba no longo périplo, tocando em todos os portos, até se desfazer em mares gelados; e acaba depois que se viu a bruma que cobre o mundo; na janela que se abre, na janela que se fecha; às vezes não acaba e é simplesmente esquecido como um espelho de bôlsa, que permanece reverberando sem razão, até que alguém, humilde, o carregue consigo; às vezes o amor acaba como se fôra melhor nunca ter existido; mas pode acabar com doçura e esperança; uma palavra, muda ou articulada, e acaba o amor; na vaidade; no álcool; de manhã, de tarde, de noite; na floração da primavera; no abuso do verão; na dissonância do outono; no conforto do inverno; em todos os lugares o amor acaba; a qualquer hora o amor acaba; para recomeçar em todos os lugares e a qualquer hora o amor acaba.



O AMOR ACABA, COMEÇA E RECOMEÇA

VIAGEM EM TORNO DE UMA CRÔNICA DE PAULO MENDES CAMPOS

Vicente Serejo

“O amor acaba...” - I

Não acredito que um cronista consiga esquecer, mesmo tantos anos depois, a crônica de Paulo Mendes Campos, publicada no dia 5 de maio de 1964 na revista Manchete. Não porque fosse maio. Nem pelos poucos dias depois do março tenebroso do golpe militar que sequestrou a liberdade. Mas, pela grande beleza que saltou da página da revista Manchete e ficou pregada na pequena história da crônica brasileira que, naqueles anos, sequer era gênero literário reconhecido e capaz de despertar o interesse da crítica.

Ora, a crônica foi sempre, desde Machado de Assis, um enclave nas páginas menos nobres do jornal. Um bico de pão boiando na xícara do café da manhã, um resto tardio do lirismo que morre de tédio nos olhos dos mais velhos. Não fosse o pequeno ensaio de Antônio Cândido que a viu como a literatura ‘da vida ao rés-do-chão’, originalmente publicada no número cinco da série ‘Para gostar de ler’, da Ática, se não tivesse sido ele, Antônio Cândido, a crônica teria morrido sem ar. Por esganadura.

Foi a partir dali que passou a ser estudada nas universidades. Virou tema de debate num seminário promovido pela Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, sob a orientação da escritora Nádia Battella Gotlib e assim ganhou seu primeiro grande manual coletivo de estudos acadêmicos, na Universidade de Campinas, Unicamp. E não parou mais de gerar expectativas e olhares, ensaios, dissertações e teses. Mas, seu destino é tão sem fulgor que até hoje os cronistas são relegados ao quarto de despejo dos doutores



como coisa sem muita utilidade, a não ser para alguns poucos com espaço na estante doutoral.

O nariz de cera posterga o gozo da revelação, mas um dia chega. Inesquecível, como dizia no início, é a crônica ‘O Amor Acaba’, de Paulo Mendes Campos e que Carlinhos Oliveira, outro grande cronista, chamou de poema. E é um poema em prosa, do jeito que um dia o esquecido Xavier Placer conceituou. E foi um sucesso tão grande nos olhos dos leitores do Rio e mesmo do Brasil inteiro, que mereceu respostas de outros cronistas e depois virou título de um dos livros de Paulo Mendes Campos.

Aliás, se um cronista deve saber da sua própria história, é bom dizer que nem ele, Paulo Mendes Campos, imaginou a repercussão da sua crônica. Sim, escrever na Manchete, naqueles anos, era sucesso de leitura. Mas, no caso, excedeu. Paulinho, como tratavam os seus amigos, era o mais requintado dos mineiros e olhe que contracenava nas páginas dos jornais e revistas com outros cronistas conterrâneos como Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino e Oto Lara Resende.

E por uma razão simples: o amor acaba. E acaba num instante e por qualquer motivo - “Numa esquina, por exemplo, num domingo de lua nova, depois de teatro e silêncio; acaba em cafés engordurados, diferentes dos parques de ouro de quando começou a pulsar; de repente, ao meio do cigarro que ele atira de raiva contra um automóvel ou que ela esmaga no cinzeiro repleto, polvilhando de cinzas o escarlate das unhas...”.

“O amor começa...” - II

É, o amor acaba. Acredite. E foi justamente a sua fragilidade flagrada por Paulo Mendes Campos o grande sucesso da crônica. Até hoje. E acaba mesmo em “apartamentos refrigerados, atapetados, aturdidos de delicadezas, onde há mais encanto que desejo; e o amor acaba na poeira que vertem os crepúsculos, caindo imper-



ceptível no beijo de ir e vir; em salas esmaltadas com sangue, suor e desespero; nos roteiros do tédio para o tédio, na barca, no trem, no ônibus...”.

Foi tão grande o sucesso que no ano seguinte, 1965, a crônica saltou da Manchete e saiu no livro ‘O Colunista do Morro’, pela Editora do Autor. Antes, logo ali, na semana seguinte, teve sua beleza consagrada por outro grande colunista, José Carlos Oliveira, Carlinhos Oliveira, no Jornal do Brasil. Na capa do Caderno B de 16 de maio, um domingo, com o aviso posto em epígrafe, assim: “Réplica ao belo poema de Paulo Mendes Campos publicado em Manchete desta semana”.

Todos esses detalhes estavam reunidos na memória, e mais alguns outros, mas não encontrei aqui o texto de Carlinhos Oliveira. Só teve um jeito: incomodar Aluisio Lacerda, menino da Fazenda Saudade, sertões do Caicó. Ele sabe dos segredos virtuais e apelei à sua boa vontade. O sol nem caía, escondido bem por trás dos morros, e ele já identificava no acervo da Biblioteca Nacional. Veio a crônica de Carlinhos Oliveira, voando, num passe de magia, feito um pássaro cansado do vôo, depois de tantos anos.

Aturdido - e não seria pra menos - a réplica de Carlinhos não vence a força avassaladora de Paulo Mendes Campos. Sim, não se discute, o amor recomeça. Basta “um cálice se quebrar e o licor se derramar nuns joelhos, o amor pode começar”. Pode. E ele insiste, com a soberba dos que acreditam na força do amor: “Quando as linhas do telefone se cruzam e um susto resplandece de lado a lado”. E apela, terno e ao mesmo tempo em forma de advertência: “O amor começa, poeta, obedecendo à mesma lei que o liquida”.

Carlinhos, é preciso reconhecer, teve o olho certo e teve palavras flamejantes, referindo-se à mulher, sob o fogo dos desejos que só ele seria capaz de tão bem imaginar: “Uma noite, numa festa, embriagada mais pelos sentimentos contraditórios que lutam em seu coração do que pela quantidade de uísque que se permitiu beber, se ela se põe a dizer coisas incompreensíveis em inglês, então



as tuas suspeitas tinham fundamento: ao menos para ela o amor já começou”.

Trinta e seis anos depois, em 2001, quando a peleja em torno do fim e começo do amor parecia adormecida, eis que Ana Maria Machado, a grande ficcionista que antes de ser eleita para a Academia Brasileira de Letras já merecera o Prêmio Machado de Assis, por sua obra, lança um novo livro: “Para sempre, amor e tempo”, na ‘Coleção Amores Extremos’, da editora Record. Uma história de amor que começa citando as duas crônicas.

“O amor recomeça...” - III

Não pense, Senhor Redator, que o amor é coisa fácil. Dois anos depois do romance de Ana Maria Machado, e sem citá-la, o cronista Xico Sá - é como ele grafa o próprio nome - foi bater com os olhos nas crônicas de Paulo Mendes Campos e Carlinhos Oliveira e acabou com os dedos coçando. E escreveu a “Crônica do amor que começa”, publicada em 26 de abril de 2013, direto ao ponto: “O amor começa, vos digo, numa noite de sexta, a noite do pecado...”.

Essa história poderia ser mais resumida, mais simples, mas é que o amor sabe enganar os cronistas. Começa como se não exigisse nada, só algumas palavras rabiscadas com um certo charme, mas depois vai descendo pelos corredores mais íntimos até chegar à vastidão da alma humana sempre desprevenida para as grandes aventuras. Uma crônica pode nunca consagrar a vida literária de um cronista, mas até que alcance a última palavra será, sempre, uma pequena grande aventura a ser vivida.

Xico Sá, cearense meio machão, não é um lírico, convenhamos. Nem deseja ser. Sabe mexer com os detalhes eróticos na vida de quem deseja o amor. Com absoluto destemor, fala na calcinha feminina como forma de expressão do desejo, e ela saindo na direção do ponto de ônibus, pensando “no barzinho, na vida simples

da música ao vivo, lua cheia, papel crepon, batata frita, o beijo-ou-não-beijo”. Com a dúvida terrível que assalta toda mulher: “Será que ele presta?”.

Cearense, capaz de lutas as mais renhidas, Xico não desiste. Em determinado trecho da crônica, ele lembra do Recife, da Rua da Aurora, da luz da rua no fim da tarde, mas pede que o leitor não queira explicação. Faz parte dos mistérios do planeta, justifica. E depois, como um goleador diante da torcida, atira fulminante: “Pobre de quem acha que o amor precisa que a fila ande. O amor é mais ligeiro, rápido, o amor é tão avançado”. E arremata: “O amor é centroavante em impedimento”.

Escolado na lides do ofício de amar, Xico Sá adverte aos amadores nesse mister que é a razão de ser da carne e da alma: “O amor tem que começar, por exemplo, na contramão, o amor tem que começar em São Paulo, para depois evoluir até a beira da praia, uma pousada, o sal marinho que salva os velhos safados, uma medida em pé romantiquinha, antes do jantar e da larica, a fome de viver”. E bate: “A perna bamba diante do garçom que pensa: “Já fui bom nisso”.

E assim acaba, sem festa e sem foguete, como no samba de Noel, a história de como a crônica de Paulo Mendes Campos pulou da Manchete para o Jornal do Brasil; anos depois caiu num romance de Ana Maria Machado e resvalou na crônica debochada de Xico Sá. Aliás, quem andar pelo mundo virtual, vai encontrar uma crônica de Renato Essenfelder - “O amor começa”. É sobre os caprichos de quem ama. E, às vezes, recomeça. Era só.

A seguir, a crônica **O AMOR ACABA DE PAULO MENDES CAMPOS**

O amor acaba. Numa esquina, por exemplo, num domingo de lua nova, depois de teatro e silêncio; acaba em cafés engordurados, diferentes dos parques de ouro onde começou a pulsar; de repente, ao meio do cigarro que ele atira de raiva contra um



automóvel ou que ela esmaga no cinzeiro repleto, polvilhando de cinzas o escarlate das unhas; na acidez da aurora tropical, depois duma noite votada à alegria póstuma, que não veio; e acaba o amor no desenlace das mãos no cinema, como tentáculos saciados, e elas se movimentam no escuro como dois polvos de solidão; como se as mãos soubessem antes que o amor tinha acabado; na insônia dos braços luminosos do relógio; e acaba o amor nas sorveterias diante do colorido iceberg, entre frisos de alumínio e espelhos monótonos; e no olhar do cavaleiro errante que passou pela pensão; às vezes acaba o amor nos braços torturados de Jesus, filho crucificado de todas as mulheres; mecanicamente, no elevador, como se lhe faltasse energia; no andar diferente da irmã dentro de casa o amor pode acabar; na epifania da pretensão ridícula dos bigodes; nas ligas, nas cintas, nos brincos e nas silabadas femininas; quando a alma se habitua às províncias empoeiradas da Ásia, onde o amor pode ser outra coisa, o amor pode acabar; na compulsão da simplicidade simplesmente; no sábado, depois de três goles mornos de gim à beira da piscina; no filho tantas vezes semeado, às vezes vingado por alguns dias, mas que não floresceu, abrindo parágrafos de ódio inexplicável entre o pólen e o gineceu de duas flores; em apartamentos refrigerados, atapetados, aturdidos de delicadezas, onde há mais encanto que desejo; e o amor acaba na poeira que vertem os crepúsculos, caindo imperceptível no beijo de ir e vir; em salas esmaltadas com sangue, suor e desespero; nos roteiros do tédio para o tédio, na barca, no trem, no ônibus, ida e volta de nada para nada; em cavernas de sala e quarto conjugados o amor se eriça e acaba; no inferno o amor não começa; na usura o amor se dissolve; em Brasília o amor pode virar pó; no Rio, frivolidade; em Belo Horizonte, remorso; em São Paulo, dinheiro; uma carta que chegou depois, o amor acaba; uma carta que chegou antes, e o amor acaba; na descontrolada fantasia da libido; às vezes acaba na mesma música que começou, com o mesmo drinque, diante dos mesmos cisnes; e muitas vezes acaba em ouro e diamante, dispersado entre astros; e acaba nas encruzilhadas de Paris, Londres, Nova York; no coração que se dilata e quebra, e o médico sentencia im-



prestável para o amor; e acaba no longo périplo, tocando em todos os portos, até se desfazer em mares gelados; e acaba depois que se viu a bruma que veste o mundo; na janela que se abre, na janela que se fecha; às vezes não acaba e é simplesmente esquecido como um espelho de bolsa, que continua reverberando sem razão até que alguém, humilde, o carregue consigo; às vezes o amor acaba como se fora melhor nunca ter existido; mas pode acabar com doçura e esperança; uma palavra, muda ou articulada, e acaba o amor; na verdade; o álcool; de manhã, de tarde, de noite; na floração excessiva da primavera; no abuso do verão; na dissonância do outono; no conforto do inverno; em todos os lugares o amor acaba; a qualquer hora o amor acaba; por qualquer motivo o amor acaba; para recomeçar em todos os lugares e a qualquer minuto o amor acaba.

VICENTE SEREJO é escritor, jornalista e professor aposentado da UFRN, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e de outras instituições culturais. Autor de *Cena Urbana*, *Cartas da Redinha* e *Canção da Noite Lilás*.



POR ENTRE LIVROS E BEBIDAS

Marcelo Alves Dias De Souza

Roteiro: 1 – Entre livros. 2 – Entre goles e livros. 3 – Entre muitos goles. 4 – Entre cafés e livros. 5 – Entre mais cafés e livros.

Entre livros

“Os hotéis literários: viagem ao redor da terra” (*Hôtels littéraires: voyage autour de la terre*), de Nathalie H. de Saint Phalle, é um livro interessantíssimo. Sobretudo para quem é fã de dois prazeres da vida: viagens e livros. Pode ser classificado tanto como um guia de turismo literário ou como literatura de viagem, dois nichos que, antes da pandemia, vinham ganhando mais admiradores. E há uma coisa especial nele: faz dos estabelecimentos que arrola cenário e também personagem de gozos e dramas, fictícios ou reais, de gigantes das letras mundiais.

A nota à edição brasileira (Editora Senac, 2012) resume o objetivo da obra: “Este livro não trata apenas de destinos turísticos, mas versa, principalmente, sobre destinos pessoais. Ao inventariar os hotéis, pousadas e outros locais de hospedagem retratados em romances de diversas épocas, Nathalie H. de Saint Phalle recupera o drama de personagens colocadas em situações nas quais suas emoções e seus sentimentos afloram de maneira intensa. Mas, para além delas – e aí reside o especial interesse de *Hotéis Literários* –, revela as hesitações, buscas e paixões de seus criadores: escritores e artistas que se lançaram, mais do que a experiências de criação, à busca de novas perspectivas de vida”.

Da imensa lista de estabelecimentos de “Os hotéis literários”, destaco dois do meu desejo: o Savoy, em Londres, que fica na Strand, a rua do King’s College London, onde fiz o meu PhD. Assisti ao musical “*Legally Blonde*” no seu teatro, lembro-me bem. Já tomei chá no seu salão e imaginei-me personagem de Agatha Christie. Mas nunca ali me hospedei. Quem sabe de uma próxima vez na Terra da Rainha? Já em Paris, o meu querer é o Hotel Lutétia, à esquerda do Sena, margem de minha preferência. Fica no Boulevard Raspail, o mesmo da Alliance Française Paris, que relembro com saudade. O Lutétia recebeu, nas suas camas ou no seu bar, Rilke, Gide, Joyce, Beckett, Heinrich Mann e mais uma multidão de escritores refugiados. Está reformado. Pernoitando, sonharia ajudando a expulsar os malditos nazistas de lá.

Todavia, estes dias, topei com um turismo que considereei até mais sugestivo. Foi através do artigo “*Bookish Hotels & BnB’s Around the World For Your Next Getaway*” (“Hotéis e pousadas livrescas pelo mundo para a sua próxima escapada”), de Courtney Rodgers, publicado no site *Book Riot*. Ele sugere: “Passaporte, mala e sobretudo mais livros do que dias em sua viagem? Para onde você está indo nas suas próximas férias ou escapada de fim de semana? Estes hotéis e pousadas têm decoração inspirada em escritores, muitos livros e diversão literária, para você dormir em grande estilo. Arrume suas malas!”. Eu gostei de um tal Rivertown Inn, em Minnesota, EUA. Uma mansão do século 19, onde cada quarto é dedicado a um escritor diferente. Para Arthur Conan Doyle, temos a suíte da Londres vitoriana; para Agatha Christie, um quarto saído das páginas de “*Murder on the Orient Express*”. Tem-se Lewis Carrol, Jane Austen, Lord Byron e por aí vai. Já em Tóquio, Japão, gostei do Book and Bed, mistura de livreria e pousada. Quer melhor? Teria ficado lá nas Olimpíadas. Como “levantador de livros”.

Curiosamente, o artigo não fala no hotel “livresco” que afirmo a minha tentação: o Library Hotel, em Nova Iorque. Pelo que consta de “*Novel Destinations: Literary Landmarks from Jane Austen’s Bath to Ernest Hemingway’s Key West*” (National Geographic



Society, 2009), de Shannon McKenna Schmidt e Joni Rendon, vocês podem ter uma ideia do dito cujo: a uma quadra da New York Public Library, este hotel de Manhattan abriga mais de 6 mil volumes. Além do lobby tomado de livros, do chão ao teto, “cada um dos dez andares de quartos são devotados a diferentes saberes, entre eles história, filosofia e artes”. Os quartos, claro, estão cheios de livros da respectiva temática. Em tudo fantástico!

Na verdade, eu já tive a oportunidade, anos atrás, de quedar-me no “hotel da biblioteca”. Mas estava caro, achei. De toda sorte, acredito que as condições sanitárias e uma promoção me permitirão pernoitar um dia lá. Oxalá logo. Sem drama e muito gozo e leitura incluídas.

Entre goles e livros

Tenho falado bastante de livros, é verdade. Até já confessei a vontade de literalmente dormir entre eles. Mas não se enganem: os livros não são o único prazer da minha vida. Gosto muito de viajar. E gosto de veras de uísque, o cachorro engarrafado, e seus assemelhados. Se com a pandemia ando meio “aposentado”, já fui bom nisso. Falo tanto de viagens como de uísque. Fiquem certos.

Em assim sendo, vou misturar esses prazeres todos. Tratem-se dos pubs de Londres, em especial dos apelidados “pubs literários”, que conheci/frequentei quando por lá morei. Eu posso dizer que os pubs literários estão para Londres – embora sem o mesmo glamour, reconheço – como os cafés literários estão para Viena ou, mais badaladamente, para Paris.

No que toca aos pubs, Londres não chega a ser uma Dublin. “Na Irlanda”, disse o Doutor Johnson, “ninguém vai aonde não se pode beber”. Dublin, menor do que Londres, deve ter hoje quase mil dessas “*public houses*”. E é ao redor delas que a vida literalmente gira. Mas Londres, até pelo igualmente chuvoso clima, tem a mesma preferência etílica. Quase todos os dias, fim de expediente, coisa de 17 horas, bebe-se alguma ou muita coisa. O pub é local

de muita discussão sobre futebol. Mas a literatura tem também o seu espaço. E, com a ajuda do “*Novel Destinations: Literary Landmarks from Jane Austen’s Bath to Ernest Hemingway’s Key West*” (National Geographic Society, 2009), de Shannon McKenna Schmidt e Joni Rendon, vou citar três dessas casas, ditos “pubs literários”, que frequentei. Quanto a eles, tal como o velho guerreiro Timbira do “I-Juca-Pirama”, do nosso Gonçalves Dias, eu posso dizer, embora não com a mesma dramaticidade, “Meninos, eu vi”.

Começo por The Spaniards Inn, no pitoresco subúrbio de Hampstead. Dizem que Jonh Keats morava ali perto e era um habitué da casa. O pub é citado no “*Dracula*”, de Bram Stoker. E o Spaniards foi também cenário em “*The Pickwick Papers*”, de Charles Dickens. Isso já basta para garantir sua fama. Bairro fora do centro, eu ia a Hampstead vez ou outra, quando estava “cansado” de Londres. Embora isso me preocupasse deveras, já que, segundo o Doutor citado acima, “quem está cansado de Londres, está cansado da vida”.

Outro recomendadíssimo é The Anchor. Na beira do Tâmsa. Margem sul. Vista maravilhosa. Do rio e de boa parte de Londres (sua margem norte, mais rica e famosa), incluindo o domo da St Paul’s Cathedral. A redondeza é show. A Tate Modern, o museu de arte moderna do Reino Unido. E o Globe Theatre, a nova casa de Shakespeare, e isso já diz tudo. Contam que Samuel Pepys refugiou-se no The Anchor “enquanto assistia à destruição de Londres no Grande Incêndio de 1666”. Tem doido e memorialista para tudo. Já eu levei muitos amigos brasileiros lá. Caminhava por ali todos os finais de semana. Considero a caminhada pela margem sul do Tâmsa a melhor de Londres. E tomava umas *pints*, claro.

Por derradeiro, cito o antiquíssimo Ye Olde Cheshire Cheese, sito na Fleet Street, antiga rua dos jornais londrinos. Bem pertinho da biblioteca do King’s College London – KCL, onde estudava quase diariamente, eu baixava por lá com frequência. Os citados Doutor Johnson (que morava pertinho), Pepys (o do incêndio)



e Dickens (que alude ao pub em “*A Tale of Two Cities*”) foram *regulars* de lá. Assim como Conan Doyle, G.K. Chesterton, P.G. Wodehouse, Thomas Carlyle, E. M. Foster, Joseph Conrad, Sinclair Lewis, W. B. Yeats e outros membros do Rhymers’ Club. Eu mesmo nunca escrevi nada por lá. Mas levei uma queda na escada sem deixar cair a cerveja. O que já é alguma coisa.

Bom, as opções de pubs em Londres são muitíssimas. Há até passeios/caminhadas guiadas explorando isso. Quando inspiradas pela literatura, elas são apelidadas de “*Literary London Pub Walks*”. Estando lá, podem me chamar para tanto. Eu vou. Só não sei como volto.

Entre muitos goles

Na Irlanda, como registrado acima, “ninguém vai aonde não se pode beber”. Talvez isso – ao lado de outros fatores, como o clima chuvoso e uma propensão natural dos locais para discussão – explique a tradição dos pubs irlandeses. É ao redor deles que a terra gira, sempre redonda, graças a Deus ou a Dionísio. Negócios e política, esporte e religião, o “meu” direito e a “nossa” literatura. E os pubs são testemunhas ou mesmo cenários da arte de gente como James Joyce, Sean O’Casey, Flann O’Brien, Brendan Behan, Patrick Kavanagh e Seamus Heaney, entre outros menos votados. Ou menos beberrões.

Indo a Dublin, certa vez, com o “*Dublin Literary Pub Crawl: A guide to the pubs of Dublin and the writers they served*” (2008, de Colm Quilligan) em mãos, fui na direção de alguns deles – os tais pubs irlandeses – na minha versão peculiar do “*Bloomsday*”. Na verdade, um “*pubsday*”, que, já confesso, foi dos grandes.

Ele – o meu já saudosíssimo *pubsday* – começou com a marcação de um duplo literário: o Farrington’s e o Palace Bar, em East Essex Street e Fleet Street, respectivamente, ruas que não são mais do que a continuação, para oeste e para leste, da animadíssima Temple Bar, onde eu estava satisfeitamente hospedado. Quanto

ao primeiro, a visita se deu por acaso. Foi só sair do hotel e dar de cara, completamente sem saber e sem querer, com o perfeito ponto de partida para minha jornada: o Farrington's é batizado em homenagem a uma personagem de um dos contos de "Dubliners", de James Joyce. Do Palace Bar, após a leitura das primeiras páginas do meu livro-guia e uma *pint* das boas, já sabia a fama de pub literário, onde Flann O'Brien (pseudônimo de Brian O'Nolan), um dos maiores literatos irlandeses do Século XX, passou muitas de suas tardes.

Animado com as minhas descobertas literárias, resolvi estender minha jornada para além de Temple Bar. Próxima parada: The Stag's Head (em Dame Court, mais ao sul da cidade). E foi nesse pub de estilo vitoriano, um dos mais belos da capital irlandesa e também frequentado por Joyce, que meu *pubsday* deu uma quebrada em direção ao direito. Ali, entre um gole e outro, fiquei sabendo que, segundo a lei irlandesa primitiva (a "Brehon law"), na alta sociedade, além de não ser de bom tom, chegava a ser considerado um tipo especial (e bizarro, para falar a verdade) de delito não servir comida e bebida para convidados/hóspedes. "Vivendo e aprendendo", foi o que comentei. "Quem disse que o direito só pode ser achado nas bibliotecas e não nas estradas da vida? No meu caso, nos pubs da vida", assim completei.

Logo em seguida, fiquei sabendo que, durante muito tempo, mulheres não eram toleradas nos pubs irlandeses. Excetuando-se, certamente, as garotas de "vida fácil", como mostrou Sean O'Casey em sua peça "The Plough and the Stars". Já nos anos 1990, ainda era comum um proprietário de pub dizer para um grupo de pessoas de ambos os sexos: "as mulheres serão servidas no lounge". "Pense numa coisa sem futuro", foi o que quase gritei ao saber que essa "lei" só havia sido formalmente revogada com "Equal Status Act" de 2000. Mas esse aprendizado já se deu no Davy Byrne's (em Duke Street, uma rua repleta de pubs tradicionais, também frequentada por Joyce e suas personagens), onde se passa todo um capítulo do "Ulysses". Curiosamente, a clientela ali, não em razão



do sexo, mas da idade, parecia a mesma do tempo do autor de “*A Portrait of the Artist as a Young Man*”. Mas valeu a pena. Além do meu “altíssimo” astral, o *fish and chips* de lá estava uma maravilha.

Bom, todo lugar tem os seus demônios. E, na Irlanda, esse “natural” consumo exagerado de álcool é certamente um deles. Que o digam os admiradores de Brendan Behan, o mais boêmio dos escritores dublinenses e um imenso talento destruído pela bebida. Li sobre ele já no *The Bailey* (também em *Duke Street*), onde seus amigos, todos os dias, aguardavam pela notícia da sua morte. Bebericando, claro.

Mas o direito, pelo que eu soube, vem lutando contra isso. Por exemplo, foi passando pelo *The Bank* (em *College Green*, a rua que dá nos portões do *Trinity College*) que tomei conhecimento da lei (“*The Drink on Credit to Servants Act*”, de 1735) que proibiu a venda de bebida fiado a trabalhadores. Segundo essa lei, o proprietário de pub que vendesse fiado, em caso de não pagamento por parte do cliente, restava com um crédito inexigível perante a Justiça. No *The Porterhouse* (localizado em *Parliament Street* e cuja filial de *Covent Garden/London* é muito de meu agrado) foi informado que, até boa parte *Século XIX*, trabalhadores iam a pubs pela manhã para arranjar emprego e ali mesmo, no fim do dia, eram pagos. Para onde o dinheiro dos pagamentos ia, é fácil de imaginar. Certamente, não para as famílias daqueles “profissionais”. Outra prática perniciosa da época era a “terceirização” do trabalho, ainda no pub, em troca de uma ou algumas *pints*. Quem conseguia trabalho pela manhã passava-o à frente em troca de bebida o dia todo. Uma terceirização pessimamente regulamentada, com certeza. E isso tudo só veio acabar em 1813 com uma sábia lei proibindo essas contratações e esses pagamentos em *public houses*.

Finalmente, preocupado com os demônios, resolvi dar apenas uma passadinha no aristocrático bar do *Shelbourne Hotel* (bem em frente ao *St. Stephen Green*), cuja lista de frequentadores vai de celebridades do cinema aos escritores *Brendan Behan*,

Patrick Kavanagh e Seamus Heaney, para terminar minha jornada, calmamente, no famoso Bewley's Café (em Grafton Street). A essa altura, eu precisava de alguns *double espressos* para reorganizar ideias e, mesmo que ainda bem sorridente, traçar mais algumas linhas para você, caro leitor.

Entre cafés e livros

Dizem que as primeiras cafeterias do mundo surgiram no começo do século XVI no pujante Império Turco-otomano. Em Meca, no Cairo e, claro, na capital Constantinopla/Istambul. Nelas jogavam-se xadrez e gamão. Havia música e dança. O café não era a única bebida servida, por óbvio. E o mais importante para nós: discutiam-se tanto as fofocas do dia como os assuntos mais elevados. As cafeterias já eram até conhecidas como “escolas de cultura”.

Faço essa pequena introdução porque ela é importante para entendermos a “cultura dos cafés”, como conhecemos hoje, no mundo ocidental. Reza a lenda que essa ideia nos chegou com a vitória do Império Austro-húngaro no segundo cerco de Viena pelos turco-otomanos em 1683. Paradoxalmente, vencidos conquistando culturalmente os vencedores, como comemoração do triunfo, dá-se início à era dos cafés vienenses.

Como anota Noël Riley Fitch em “*The Grand Literary Cafés of Europe*” (New Holland Publishers, 2007), no que toca à Europa e à civilização ocidental, “outras cidades podem reclamar a primeira cafeteria, mas há pouca dúvida de que foi em Viena que a cultura do café/espço de convivência tomou a sua forma mais característica. É na Áustria que essa cultura tem durado mais, tem mudado menos, e ela tem sido a mais imitada pela Europa afora”. Mesmo sendo Paris a cidade dos cafés mais badalados, Viena é, para nós, origem e modelo. Fato!

Embora Viena hoje tenha um ar mais provinciano – “antiquado” talvez seja até a palavra mais justa – que Londres ou Paris, ela foi antanho a capital de um enorme Império. Foi quando cida-



de imperial e nos anos imediatamente seguintes que os seus cafés literários tiveram os seus dias de glória. As mesas do Central, do Landtmann, do Imperial, do Sperl, do Museum, do Griensteidl e de outras casas menos votadas fervilhavam, de fatos e de gente. Entre os habitués estavam gigantes das letras como Stefan Zweig, Elias Canetti, Robert Musil, Rainer Maria Rilke ou Karl Kraus. Havia Peter Altenberg, o “Sócrates de Viena”, que fazia do Café Central seu “domicílio”, seu salão de receber e sua sala para estar, sonhar e escrever. Era até possível esbarrar com Franz Kafka no Café Herrenhof. Se esse fosse o meu caso, certamente perguntaria a ele sobre a “lógica do arbítrio” do seu romance jurídico “O processo”. E isso sem falar dos gigantes do verbo musicado. Afinal, Viena é também uma ode à melodia. Schubert (o mais vienense dos grandes compositores), Johann Strauss I e II (e suas valsas vienenses), Brahms, Bruckner, Richard Strauss, Gustav Mahler e Arnold Schoenberg, todos eles viveram ali.

De toda sorte, ainda hoje, poucas cidades podem rivalizar com Viena em número de cafés históricos e literários. “Viena é uma cidade de cafés”, diz Antonio Bonet Correa em *“Los cafés históricos”* (Ediciones Cátedra, 2014). E complementa: “Verdadeiras instituições da vida cotidiana, pública ou privada, os cafés da capital austríaca desempenham um papel de primeira ordem no que atine à imagem da cidade”.

Estive na capital da Áustria duas ou três vezes, se não estou enganado. Vi seus monumentos antigos. A Wiener Staatsoper (Ópera Estatal de Viena), a Catedral da cidade e a Karlskirche (Igreja de São Carlos), os palácios de Schonbrunn, Hofburg e Belvedere, e fui até o Prater, tido como o parque de diversões mais antigo do mundo. Na verdade, cheguei até a fazer um “turismo jurídico”, indo em busca do direito puro, na figura de Hans Kelsen, para nós, o “Mestre de Viena”. Foi tudo muito gostoso, relembro.

Todavia, se retornasse hoje a Viena, eu sobretudo iria me sentar num dos seus muitos cafés, pediria um expresso ou um café

turco, abriria um livro e veria o passado e o presente passarem. E, se morasse lá, faria como o comerciante de livros usados da novela do citado Stefan Zweig: teria o meu escritório, onde exerceria o meu mister, em um dos cafés literários da cidade.

Bom, será que dá para fazer isso em Natal ou Recife? Falo de montar meu gabinete numa cafeteria descolada. Ou é apenas mais uma loucura de alguém louco por café e cafeterias?

Entre mais cafés e livros

No que toca à quantidade de “cafés literários”, nenhuma cidade bate Paris. Se Viena nos deu o modelo das cafeterias europeias, foi Paris que emprestou o glamour e a fama mundial. São muitíssimos os estabelecimentos. De ontem, já idos, e de hoje, ainda fervilhando.

Interessantemente, como observa Antonio Bonet Correa em “*Los cafés históricos*” (Ediciones Cátedra, 2014), “a geografia histórica dos cafés parisienses tem uma estreita relação com o desenvolvimento urbano da capital francesa. Primeiro, no século XVIII, os cafés mais concorridos se encontravam no Bairro Latino, *circa* da Sorbonne, entre o Odéon e a Praça de Saint-Germain-des-Prés. Depois, antes da Revolução Francesa e durante o Romantismo, o ponto de gravidade dos cafés se mudou para o Palais-Royal, na margem direita do Sena”. Já com Napoleão III e a reestruturação urbana do Barão Haussmann, “foram os grandes bulevares que contaram com os cafés mais frequentados por um público desejoso de desfrutar os benefícios da prosperidade econômica”. E, depois, já para o fim de século XIX, vem a época da livre e boêmia Montmartre, para além da Praça Pigalle, em *cabarets* e cafés, abaixo e acima do famoso monte.

Embora às vezes deseje voltar no tempo, à Paris dos anos 1920 ou da Belle Époque, vivo a minha era. É dela, dos cafés de hoje, que falarei. E, para nos poupar tempo, faço uso da lista de cafés elaborada por Noël Riley Fitch em “*The Grand Literary Cafés of Europe*” (New Holland Publishers, 2007): Café de la Paix, Le Fouquet’s, La



Closerie de Lilas, Café du Dôme, La Coupole, Le Sélect, Le Procope, Les Deux-Magots, Café de Flore e Brasserie Lipp.

Das casas relacionadas apenas o Café de la Paix e Le Fouquet's ficam na *Rive Droit* (metade norte de Paris). Le Fouquet's fica na Avenue des Champs-Élysées. Mais badalado impossível. Quem já turistou por lá, se não o conheceu por dentro, pelo menos passou na porta. Já o Café de la Paix fica nas orelhas da Opéra Garnier. É um sobrevivente naquele que foi o coração da “cultura dos cafés” parisienses no século XIX. Por uma época, ali estiveram, todos juntos e misturados, o Café de Paris, o Tortoni's, a Maison Dorée, o Café Riche e o Café Anglais, estabelecimentos retratados na ficção dos seus habitués Balzac, Flaubert, Maupassant e Henry James. A lista de clientes célebres é infinita. Fui ao Café de la Paix umas poucas vezes. Quem vai à Opéra deve tomar um trago por lá. Pena que é caro.

Já na *Rive Gauche* (margem esquerda), temos dois núcleos muito definidos de “cafés literários”. O do Boulevard Montparnasse, onde estão, disputando espaço e clientes, La Closerie de Lilas, Café du Dôme, La Coupole e Le Sélect. São vistosos. Conhecidíssimos. Pontos de referência da cidade. Mas Scott Fitzgerald e Hemingway se perderam por lá. As personagens deste também. Eu mais encontrei do que me perdi, se é que me faço entender.

Contudo, em Paris, a minha “praia” é Saint-Germain-des-Prés, onde fica o segundo *point* das cafeterias da *Rive Gauche*. Morei no Bairro e hospedei-me lá se posso. Amalgamado ao Quartier Latin, bairro da Sorbonne e de mil livrarias, é onde amo flunar. Em Saint-Germain está “Le Procope”, dito o primeiro *café-glacier* de Paris, que, pela vizinhança com a Comédie-Française, ganhou fama na sociedade e intelectualidade locais. Virou moda entre ocupados e desocupados (dá para imaginar a quantidade de “artistas” por lá). Mas é no Boulevard Saint-Germain que ficam talvez os mais famosos cafés parisienses: Café de Flore e Les Deux Magots, colados, com a Brasserie Lipp em frente. Era casa de surrealistas e existencialistas, dentre estes Sartre e Simone de Beauvoir os mais

badalados. Eu morava pertinho, na Rue Madame. Baixei muito lá, pagando de intelectual e boêmio. Não sou de ferro.

Eu tenho os cafés parisienses como uma das principais atrações da Cidade Luz. Posso até dizer, correndo o risco de parecer hedonista, que eles, para mim, andam de par com as livrarias em termos de prazer sensual. Aqui estou com Balzac, que, no seu “*Traité des excitants modernes*”, via na cafeína, tomada em abundância quando ele escrevia, um poder “eletrificante”. Imaginem, então, essa danada sorvida em meio a livros e damas parisienses.

MARCELO ALVES DIAS DE SOUZA é escritor e Procurador Regional da República. Doutor em Direito (PhD in Law) pelo King’s College London – KCL Autor de “Ensaio ingleses” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.



BELOS HORIZONTES

ENTRE JANUÁRIA E NATAL

Constância Lima Duarte

Sou mineira de Januária, pequena cidade do norte de Minas às margens do Rio São Francisco. A família se transferiu ainda cedo para Belo Horizonte, onde vivi a infância, a adolescência, fui professora primária, depois me formei na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. O mestrado cursei na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, já casada com Eduardo de Assis Duarte. Foi lá, em 1974, que tivemos a sorte de conhecer Diva Cunha Pereira de Macêdo, amiga desde sempre.

A decisão de residirmos em Natal foi, portanto, resultado dessa amizade e do papel desempenhado por Diva – espécie de embaixadora da UFRN no Rio de Janeiro – que convidava professores para trabalhar em regime de contrato temporário na instituição, a qual vivia um período de franco crescimento e urgia qualificar o corpo docente. Só no curso de Letras, então coordenado pelo inescquecível professor Waldson Pinheiro, havia seis ou sete professores visitantes entre 1979 e 1981, e mais ainda nos outros cursos e departamentos. Só que, terminado o contrato, a maioria retornou às cidades de origem e nós ficamos. Havíamos decidido que era em Natal que queríamos trabalhar e criar nossos filhos. E essa foi uma das mais sábias decisões que tomamos em nossas vidas.

As lembranças desses primeiros anos são muitas. Por um lado, eram tempos difíceis, vivíamos o ocaso da ditadura de 64, a inflação absurda, e as seguidas greves na universidade que tumultuavam terrivelmente o calendário. Por outro, a brisa de Natal tornava leve a vida, principalmente se a comparamos com a dos grandes centros. As capitais nordestinas pareciam todas iguais e distantes do “Sul-maravilha”, com suas praias limpas, céu azul, sol escaldante. A indústria

do turismo não havia descoberto a rota do sol; Ponta Negra era um bairro distante e tranquilo, sem poluição sonora, nem shopping; a Costeira vivia tomada pela areia; e subir o Morro do Careca era uma feliz diversão dos domingos. A vida acontecia devagar e sobrava tempo para curtir a família e os amigos, que eram muitos, e tornavam sempre alegres os fins de semana e as férias.

E então conheci Nísia Floresta. No fundo no fundo já a conhecia, pois seu nome pairava no inconsciente coletivo de minha geração de jovens feministas. Mas estar em sua terra funcionou como um apelo irresistível para conhecer seus escritos, sua trajetória de vida, sua contribuição para a história da mulher brasileira. E o ineditismo dos livros, aliado à profusão de lendas que circulavam em torno de sua figura, contribuíram decisivamente para a escolha de seu nome como objeto de minha tese de doutorado. Durante alguns anos percorri os caminhos de sua vida através de arquivos e bibliotecas, desde o interior do Rio Grande do Norte, a Pernambuco, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. Depois, localizei seus passos na Europa e em cada país visitado – Portugal, Itália, Inglaterra, Alemanha, França – encontrei marcas significativas de sua existência física e intelectual. Na França, por exemplo, encontrei seu passaporte, notícias de seu salão literário, artigos em jornais e livros publicados em italiano e francês que nem suspeitava existir. Também visitei o antigo túmulo em Bonsecours, e li o *Act de Décès*, testemunho de sua morte e estado de indigência. O que sempre me atraiu nessa pesquisa, era o fato de Nísia ter sido uma das primeiras mulheres no Brasil a romper os limites do espaço privado e a publicar, além de quinze livros, inúmeros textos em conceituados jornais do país, desde 1830. A investigação não foi fácil, é verdade, mas é preciso dizer que foi principalmente muito prazerosa e enriquecedora.

Terminada a tese, que defendi na Universidade de São Paulo em 2001, permaneci ainda envolvida com Nísia Floresta, movida pelo desejo de contribuir para mais divulgar sua figura ímpar. Muitos textos e livros surgiram desde então, e quanto mais a conhecia, mais minha admiração por ela aumentava.



Outras pesquisas também tiveram vez nessa época. O envolvimento com a literatura produzida por escritores e escritoras norte-rio-grandenses, mais a feliz parceria com Diva Cunha, motivou a publicação de algumas antologias, e a busca dos periódicos em que as jovens autoras norte-rio-grandenses haviam iniciado a vida literária. Foi quando um mundo insuspeitado tomou vulto diante de nós. Dezenas de títulos de jornais e revistas surgiram, para nosso espanto e maravilhamento, como a *Via-Láctea*, *A Esperança* e *Jornal das Moças*, entre muitos outros, como testemunhas da resistência feminina e da participação das mulheres na vida cultural de suas cidades.

Mas o *mundo é feito de mudanças*, já disse o antigo poeta. “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”. E um dia bateu em mim e em Eduardo o desejo de retornar a Minas, e voltar a conviver com nossas famílias. Por isso, desde 1997 cá estamos, meio cá, meio lá. Nunca mais inteiros. Basta chegar notícias dos amigos, ou o calendário marcar a entrada do verão, que a saudade de Natal se instala em nós, e exige um retorno para apaziguar o coração.

E a vida continua. Residindo em Belo Horizonte, em 1999 ingressei nos quadros da Faculdade de Letras da UFMG, mediante concurso público, e novos interesses surgiram, envolvendo a literatura produzida no Estado. Primeiro foi uma investigação em torno de Henriqueta Lisboa, por acreditar que a obra dessa autora se constituía em referência ao conhecimento da poesia — tanto mineira como nacional. Depois surgiram outros trabalhos, entre eles, a criação do Grupo de Pesquisa Letras de Minas, depois “Mulheres em Letras”, composto inicialmente de estudantes da pós-graduação, a maioria hoje já formada, que se reúne periodicamente para discutir textos teóricos e literários, planejar eventos e realizar pesquisas.

Enfim, continuo realizando na UFMG um pouco do que fazia na UFRN. Interessa-me ainda refletir sobre o percurso das mulheres no cenário das letras, bem como a trajetória do nosso movimento feminista com a intenção de detectar momentos re-



presentativos do diálogo estabelecido entre eles. Quando comecei, há mais de três décadas, era necessário esgotar argumentos para justificar um trabalho acadêmico que envolvesse as relações entre literatura e feminismo, até porque o estudo de questões relativas à mulher, e o debate em torno de postulações teóricas sobre o tema, não eram nem mesmo considerados objeto legítimo de pesquisa. Felizmente, as coisas mudaram. E as dezenas de teses, dissertações e publicações que a todo instante surgem, são a prova mais cabal dos novos tempos.

No plano pessoal, os filhos estão formados e enfrentam os desafios inerentes à sua geração. Eduardo continua o mesmo companheiro, amigo e bem amado. Apenas nosso filho Vítor (tantas vezes campeão da natação do Colégio das Neves!) foi brutalmente arrancado de nosso convívio, em 2002, permanecendo em nossos corações e na lembrança de seus muitos amigos.

Enfim, é verdade que resido em Belo Horizonte. Mas é verdade também que o espírito de Nísia e os ares de Natal estarão sempre comigo.

&&&

Este depoimento foi solicitado por Anna Maria Cascudo, em meados de 2013.

CONSTÂNCIA LIMA DUARTE é Pesquisadora do CNPq, doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo e mestre em Literatura Portuguesa pela PUC-RJ. Em 1996, aposentou-se pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e, em 1998, assumiu a Cadeira de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, através de concurso público. No pós-doutorado, realizado em 2002 e 2003 na UFSC e na UFRJ, desenvolveu o projeto “Literatura e Feminismo no Brasil: trajetória e diálogo”.



REVISTA DA CULTURA BRASILEIRA:

UMA EMBaixADORA BRASILEIRA NA ESPANHA

Diva Maria Cunha Pereira de Macedo

A RCB foi uma criação da Embaixada do Brasil em Madri, com o objetivo de incrementar as relações culturais entre o Brasil e a Espanha. Na sua gênese, está a amizade de dois poetas - o brasileiro João Cabral de Melo Neto e o espanhol Ángel Crespo - empenhados num propósito didático de reflexão sobre a feitura da poesia do pós-guerra e as saídas para ela. A poesia espanhola da época era duplamente limitada: de um lado pelo fascismo, que temia e censurava o novo, e do outro pela reação contra o fascismo, a qual adotava os preceitos do realismo socialista, defendidos pela estética marxista, dogmática e castradora.

João Cabral chegou a Barcelona (Espanha) em 1947. O poeta tinha 27 anos, era recém-casado e já havia publicado dois livros no Brasil: *Pedra do Sono* (1942) e *O Engenheiro* (1945), os quais tiveram repercussão muito positiva. Esse período foi um dos mais fecundos de sua vida: ele estudou, sistematicamente, a língua e a literatura espanhola e a catalã; fez amizade com os jovens poetas e artistas plásticos que circulavam em torno da revista *Dau al Set*: comprou uma impressora e criou um selo *O livro inconsútil*, dando início ao seu trabalho como editor.

El libro inconsútil

João Cabral de Melo Neto – *Psicologia da Composição* (1947);

Manuel Bandeira – *Mafuá do Malungo* (1948);

Charles Baudelaire – *Cores, perfume, sons* (1948);

Joaquim Cardoso – *Pequena Antologia Pernambucana* (1948);

Lêdo Ivo – *Acontecimento do Soneto* (1943);

Alfonso Pintó – *Corazon en la Tierra* (1948);

Juan Ruiz Calonja – *Alma a la aluna* (1948);
João Cabral de Melo Neto – *O cão sem plumas* (1950);
Joan Brossa – *Sonets de Caruixa*, s.d.;
Juan Eduardo Cirlot – *El poeta conmemorativo*, s.d.;
Vinícius de Moraes – *Pátria minha*, s.d.;
Alfonso Pintó – *Antologia de poetas brasileños*, s.d.;
O cavalo de todas as cores (1950);
Joel Silveira – *O marinheiro e a noiva* (1953).

Cabral fez do seu escritório-oficina um espaço de debates sobre as artes, por onde circulavam livremente poetas e artistas isolados e temerosos das ameaças do regime. Entre os muitos amigos que fez na cidade, estão o pintor Juan Miró, Antoni Tàpies, Enric Tormo, Joan Brossa, **entre** muitos outros.

O conhecimento da literatura espanhola oferece a João Cabral os modelos que ele buscava para sua poesia, aproximando-a da poética popular nordestina, pela presença de elementos ibéricos arcaicos. Ele recusa o parnasianismo e o simbolismo, de inspiração francesa, ainda dominantes na poesia brasileira, apesar das rupturas de vanguarda que aconteceram a partir da Semana de Arte Moderna e da obra de poetas como Carlos Drummond, Manoel Bandeira, etc.

A relação da poesia de João Cabral com as artes plásticas, e não com a música (que ele renega) foi amadurecida e explicitada no ensaio que **ele** escreveu sobre a pintura de Joan Miro, texto crítico que o pintor aprovou e publicou em Paris.

As muitas atividades que o poeta pernambucano exerceu, além do seu trabalho como funcionário do consulado, ressaltam sua preocupação em promover ações culturais de intercâmbio de experiências, incentivo à pesquisa e reflexão sobre o papel do intelectual e da atividade artística. Cabral traduziu poetas catalães e enviou as traduções para serem publicadas no Brasil. Além disso, publicou, com o seu selo, o primeiro livro do poeta catalão Joan Brossa e escreveu o catálogo da primeira exposição de Antoni Tàpies.



Em 1950, ele imprime a revista *O cavalo de todas as cores*, organizada e dirigida por ele mesmo e por Alberto de Serpa, com artigos de intelectuais espanhóis e brasileiros a qual pode ser considerada como gérmen da RCB.

A poesia é o interesse principal de Ángel Crespo (Ciudad Real – La Mancha, 1926 – Barcelona, 1995), que começa a publicar seus livros na década de 1950, quando inicia seu trabalho de intelectual militante em Madri. Entre os anos de 1950 e 1985, Crespo publica **vinte e um** livros de poesia, além de volumes antológicos e traduções de poetas portugueses – como Fernando Pessoa –, brasileiros – como João Cabral e Guimarães Rosa – italianos – como Dante.

Como João Cabral, o poeta espanhol se interessava pelas artes plásticas, tendo, no início de sua carreira, organizado exposições e feito crítica especializada sobre o tema para a imprensa espanhola.

A trajetória intelectual de Ángel Crespo está marcada pelo magistério, que tem raízes na sua consciência da seriedade do trabalho poético e artístico, e do homem como produtor desse trabalho. Preocupado com novos caminhos – ou soluções – para a poesia espanhola, isolada e cerceada pelo franquismo, Crespo vê, na criação das revistas, um meio de driblar a censura, pela agilidade com que elas circulam. A primeira revista que o poeta funda e dirige com amigos é *El pájaro de paja* (1950-1954). No ano seguinte, aparece *Deucalión* (1951-1953). Em 1960, ele cria mais uma revista, *Poesia de España* (1960-1963), que tem um suplemento, *Poesia del Mundo*, no qual são publicados poemas de João Cabral de Melo Neto indicativos da proximidade entre o poeta brasileiro e o espanhol.

Cabral era, naquela época, primeiro secretário da embaixada do Brasil em Madri e o encontro dos dois poetas, identificados em vários aspectos, alia-se ao desejo que a embaixada tem de divulgar a cultura brasileira. O primeiro número da RCB apareceu em junho de 1962, sendo introduzido por palavras do chefe do Serviço



de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil na Espanha (SERPRO), Paulo T. F. Nonato da Silva, que afirma ser o objetivo principal da revista aprofundar as relações culturais entre os dois países.

Nessa introdução, Paulo Nonato apresenta Ángel Crespo como diretor, pelos conhecimentos e estudos que esse poeta tem da língua e da literatura brasileiras. O chefe do SERPRO estabelece a frequência trimestral da publicação, ao mesmo tempo em que anuncia já contar com renomados colaboradores. O elenco de intelectuais, no primeiro número, confirma suas palavras, pois lá estão Dámaso Alonso, apresentando e traduzindo o poeta Murilo Mendes; Gilberto Freyre, descobrindo a sobrevivência de costumes mouros nos nossos costumes; Franz Weissmann, estudado por José Maria Moreno Galván; José Guilherme Merquior, escrevendo sobre o livro *Serial*, de João Cabral; Ángel Crespo, traduzindo João Cabral; Héctor Villalobos, estudado por Enrique Sánchez Pedrote; Crespo, traduzindo um conto de Otto Lara Rezende e um poema de Max Bense sobre o Brasil (Poema VI), além de uma seção intitulada “Noticiário Breve”, divulgando os últimos acontecimentos culturais do país, e uma “Bibliografia del presente número”. Tudo isso acontece numa abordagem panorâmica da cultura nacional, que privilegia diversas áreas, como literatura, sociologia, música, artes plásticas, mesclando diferentes visões de artistas, poetas, escritores e pesquisadores.

A primeira etapa da RCB vai até o trigésimo número, sob a direção de Ángel Crespo. Nessa fase, são publicados 30 exemplares, que evidenciam um projeto autoral explicitado nos inúmeros ensaios escritos por Crespo, só ou em parceria com Pilar Gómez Bedate: a renovação da poesia espanhola a partir do modelo poético oferecido pela obra de João Cabral de Melo Neto e pela poesia de vanguarda brasileira.

Destacam-se nesse conjunto de revistas, os seguintes números temáticos: número 11, sobre a poesia de vanguarda; número 20, dedicado a Guimarães Rosa; número 30, à poesia romântica



brasileira. Além destes, 100% temáticos, ainda merecem destaque os números parcialmente temáticos: o 18 sobre o poema em prosa brasileiro; o 22 sobre a poesia simbolista no Brasil e o 24 sobre a obra de Nélide Piñon.

Entre as matérias publicadas no período Crespo, destaco: o ensaio de Ángel Crespo e Pilar Gómez Bedate intitulado “Realidad y forma en la poesia de João Cabral de Melo Neto” (RCB nº 8); o artigo de João Antônio sobre “Noel Rosa, poeta del pueblo” (RCB nº 13); Villém Flusser, escrevendo sobre “Os aspectos lingüísticos da cultura brasileira” (RCB nº 16); e o texto de Luís da Câmara Cascudo sobre questões da identidade espanhola intitulado ‘Ancha es Castilla!’.

Em 1970, Ángel Crespo deixa a direção da RCB, por não concordar com as interferências do embaixador, que pretendia fazer da publicação porta-voz da ditadura militar vigente no Brasil. Dra. Pilar Gómez Bedate, secretária da revista desde o número 5 e companheira de Ángel Crespo, acrescenta que as viagens e os novos interesses acadêmicos do intelectual¹ também interferiram nessa decisão, conjugados com a ausência de João Cabral, que, em 1969, foi nomeado ministro conselheiro da embaixada do Brasil em Assunção, Paraguai.

Quando da saída de Crespo da direção, eram impressos e distribuídos, gratuitamente, 4 mil exemplares da RCB na Espanha e nos países de língua espanhola. Recebiam a revista no Brasil os colaboradores, algumas instituições e pessoas interessadas.

NOVA ETAPA DA REVISTA DA CULTURA BRASILEIRA

Em maio de 1971, sai o trigésimo primeiro número da RCB, aberto com palavras introdutórias do embaixador Manoel Emílio Guilhon, que anuncia mudanças no conteúdo da revista, com

1 BEDATE, Pilar Gómez. “La Revista de Cultura João Cabral de Melo Neto y Ángel Crespo”, in *Revista de Cultura Brasileña*, número especial. Madrid, Embajada del Brasil en Madrid, junho, 1997, p. 33.

uma maior diversificação de temas. Ressalta também o interesse em divulgar jovens talentos, no sentido de oferecer um panorama da produção cultural brasileira. Tais colocações permitem ler nas entrelinhas uma crítica à gestão anterior, pelo privilégio dado à poesia, seus estudos e traduções. Realmente, detecta-se, numa análise do material, que a poesia predominou sobre as outras artes; afinal, o diretor era um poeta e o “promotor en la sombra” também. Porém tal privilégio não chegou a prejudicar a visão geral da cultura brasileira transmitida pela RCB.

O embaixador agradece a Ángel Crespo por ter tornado a revista uma fonte inestimável de referência e consulta, dando-lhe identidade e autonomia, pela seriedade e profundidade das matérias publicadas. Apresentando o novo diretor, Manuel Augusto Garcia Viñolas, que foi adido cultural no Brasil durante quase dez anos e era amigo pessoal de vários poetas, escritores e artistas, entre os quais Cecília Meireles, Augusto Frederico Schmidt, Manuel Bandeira e o cantor e compositor Dorival Caymi, etc. Suas credenciais para assumir o posto: são o amor incondicional pelo país que tão bem o acolheu² e que ele conheceu de norte a sul,³ e o domínio da língua portuguesa.

Durante o período de Manuel Augusto frente à RCB, observa-se a ampliação dos horizontes da revista, tal como determinou o embaixador, mas nada tão radical que demovesse a literatura (prosa e poesia) da primazia que ocupou desde o primeiro número. A diferença fundamental dá-se quanto ao projeto autoral de Crespo e Cabral, que fizeram da revista palco de propostas poéticas avançadas, na tentativa de arejar o ambiente claustrofóbico, que ameaçava matar de tédio e bolor a poesia espanhola.

2 O que o levou a me receber na véspera do seu nonagésimo nono aniversário, apenas porque sou uma brasileira.

3 Em 1948, Manuel Augusto esteve em Natal visitando seu “amigo” Câmara Cascudo, que sempre o visitava no Rio de Janeiro. Além disso, em outra oportunidade, viajou pelo Amazonas em companhia do Marechal Rondon.



Manuel Augusto fica à frente da RCB até o número 52, quando, sem nenhum aviso prévio, a revista é suspensa.

Destaco, nessa segunda etapa, os números temáticos dedicados à história do Brasil (RCB, nº 34) e ao Modernismo brasileiro (RCB, nº 47); e o número parcialmente temático dedicado à mulher brasileira (RCB, nº 40). Entre Os ensaios, ressalto os seguintes: Luís da Câmara Cascudo: “Desplantes” (RCB, nº 35); Bráulio Nascimento: “Romancero Tradicional” (RCB, nº 39); Antônio Carlos Villaça: “La Generación del 45” (RCB, nº 39); José Guilherme Merquior: “Psicoanálisis y literatura” (RCB, nº 41); Josué Montello: “La primera novelista brasileña” (RCB, nº 41).

Antonio Maura,⁴ coordenador do número especial da RCB publicado em junho de 1997, o qual foi dedicado à memória do poeta Ángel Crespo, falecido havia pouco tempo, reconhece que, sob a direção de Manuel Augusto, a revista teve um caráter mais universalista, embora a literatura continuasse usufruindo de um espaço significativo, até porque ela traduz com mais abrangência a alma do país. Na apresentação, o embaixador Luís Felipe Seixas Correia registra sua satisfação e manifesta o desejo de que a publicação volte a circular, marcando o momento especial das relações entre o Brasil e a Espanha.

Nesse número, o coordenador escreve uma síntese da história da revista e explica os critérios de sua organização, enquanto Pilar Gómez Bedate revê o encontro dos dois poetas, Cabral e Crespo, em Madri, nos anos 70, relembrando as infundáveis discussões sobre a poesia e a identidade de interesses de ambas, que resultou no projeto da RCB. É, também, republicada uma seleção antológica de textos retirados dos exemplares anteriores da revista.

Em março de 1998, a RCB volta a circular, agora temática, dedicada à antropologia e coordenada por Gilberto Velho, inaugu-

4 MAURA, Antonio. “História de una travesía por la poesía y la cultura brasileña”. In: *Revista de Cultura Brasileña*, número especial. Madrid, Embajada del Brasil en Madrid, junho, 1997, p. 13.

rando uma “nueva série”. O segundo número sai em setembro do mesmo ano, coordenado por Bruno Roberto Padovano e dedicado à arquitetura. Esses dois números são bilíngües e trazem, no final, fichas de inscrição para assinatura dos leitores, com preços diferenciados para Espanha, o restante da Europa e a América, o que indica a existência de um público interessado nos dois continentes. Porém a RCB é novamente suspensa sem explicações, só voltando a circular no início de 2005, num modelo temático, sendo dedicada à “La mirada española hacia Brasil”. Em abril de 2006, sai o número 4, estabelecendo a periodicidade anual da revista. O tema explorado são as “Imagens do Brasil”. “El mundo mágico de João Guimarães Rosa” é o tema da RCB nº 5, que saiu em fevereiro de 2007, e as artes plásticas brasileiras da última revista, publicada recentemente.

Conclusão

Este trabalho enfoca a primeira etapa da RCB (1962-1981), sob a direção de Ángel Crespo e Manuel Augusto Garcia Viñolas. Examina as propostas dos dois diretores e os temas mais explorados, reveladores de um certo retrato do Brasil que interessava mostrar ao estrangeiro. Como pano de fundo dessa iniciativa, está a política cultural brasileira via exportação, oscilante, com critérios e objetivos pouco definidos e sem continuidade, a qual se reflete nas suspensões inexplicáveis da revista. Nesse contexto marcado pela intermitência, a RCB tem sido uma embaixadora dinâmica, que mostra o melhor do Brasil.

Natal, 10 de março de 2008.

Texto originalmente publicado na revista da Fapern, editada pela poeta e jornalista Marize Castro, Jan-Mar de 2008.

DIVA CUNHA é poeta e escritora. Professora aposentada da UFRN. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autora de vários livros dentre eles “Canto de página” e “Resina”.



PALMYRA WANDERLEY E SUA LÍRICA SOCIAL EM ROSEIRA BRAVA

Alexandre Alves e Inecila Maria de Souza Ferreira

1. Introdução

O presente artigo tem como objetivo analisar a representação lírico-social da cidade na poesia de Palmyra Wanderley (1894-1978), focando a análise nos seguintes poemas: “Alecrim” e “Passo da Pátria”, extraídos de sua obra *Roseira Brava* (1965). A problemática consiste em identificar as diferentes formas de representação da cidade, tanto pelo lado emotivo/sentimental/sensorial quanto pelo lado social nos poemas selecionados, dando destaque às representações geográficas urbanas da capital potiguar em vários textos da obra. Para tanto, tomou-se como base os referenciais teóricos de Alves (2014), Araújo e Palhano (2017), que discorrem sobre a poética da escritora, e nas teorias de Fonseca (2009) e Lynch (2017), que abordam a respeito dos aspectos determinantes do temário da cidade ocidental. Ressalta-se que os poemas de Palmyra Wanderley apresentam um mosaico da cidade, retratando aspectos culturais e sociais que circundam a cidade de Natal, através de uma lírica visivelmente moderna. A discussão aqui proposta insere-se na perspectiva teórico crítica analítica pensada por Antônio Cândido (1999, p. 18) acerca da análise e interpretação de poema:

A análise comporta praticamente um aspecto de comentário puro e simples, que é o levantamento de dados exteriores a emoção poética, sobretudo dados históricos e filológicos. E comporta um aspecto já mais próximo à interpretação, que é a análise propriamente



dita, o levantamento analítico de elementos internos do poema, sobretudo os ligados a sua construção fônica e semântica [...]. A análise e a interpretação, ao contrário do comentário (fase inicial da análise), não dispensam a manifestação do gosto, a penetração simpática no poema. Comenta-se qualquer poema; só se interpretam os poemas que nos dizem algo.

Na perspectiva de Antônio Cândido, no processo de análise interpretativa do poema inicialmente convém analisar os elementos exteriores presentes numa composição poética, isto é, englobar uma visão mais ampla, incluindo dados históricos, contexto de produção e recepção – seja do autor ou obra – para que o leitor tenha uma melhor compreensão e assim realize a análise propriamente dita através da interpretação do poema, visando suas particularidades formais, contextuais e significativas.

Para uma breve análise de poemas que compõem a obra *Roseira Brava* (1965), convém analisarmos os poemas a partir do que está posto (formalmente, tematicamente), fazendo as inferências necessárias para captar a mensagem implícita, isto é, para compreender a mensagem expressa no poema. Para nomes como Alves (2014), que busca sistematizar a obra *Roseira Brava* analisando tanto a forma quanto o conteúdo, este destaca a perspectiva moderna utilizada por Palmyra Wanderley em sua obra se comparada com sua publicação anterior, de caráter evidentemente de nítida influência das estéticas ainda do século XIX:

Em contraste com a textura romântica, parnasiana e simbolista presente em *Esmeraldas*, em alguns textos de *Roseira brava* a lição modernista pode aparecer parcialmente na segunda obra



de Palmyra, uma vez que ela escreveu uma extensa obra conceitual, posta em seções divididas tematicamente e formalmente. Embora entre os setenta e três poemas o formato do soneto ainda fosse marcante (com vinte e oito textos nesta tradicional forma lírica), alguns dos versos presentes traziam, além da novidade polêmica do uso do verso livre, uma espécie de retrato da nova fisionomia da capital potiguar (ALVES, 2014, p.91).

Se em *Esmeraldas* (de 1918), publicada anterior à efervescência da poesia moderna, ainda encontramos através de seus escritos uma autora aprisionada aos padrões tradicionais que regem a sua lírica, sobretudo sendo marcada por um romantismo tardio, passados onze anos da estreia Palmyra Wanderley publica sua segunda obra poética, *Roseira Brava* (originalmente de 1929), que repercutiu nacionalmente, inclusive recebendo uma menção honrosa em 1931, referente ao “Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras”.

Foi através da publicação de *Roseira Brava* que ela passaria a ser saudada como o primeiro nome feminino norte-rio-grandense a utilizar a poesia moderna, ao contrário do exposto por Cláudio Galvão (2021, p. 16), que, em descuido histórico, relata que “As mulheres demoraram mais a aderir às novas formas de expressão. A grande explosão se dá com Zila Mamede [...]”. Palmyra, que já era reconhecida pela sua voz ativa no cenário artístico potiguar desde a década de 1910 conduzindo a revista *Via Láctea* (1914-1915), contribuiu na trajetória das letras modernas. Na perspectiva de Alves e Fernandes (2020), acerca do fazer artístico de Palmyra Wanderley:

Enfrentando a resistência imposta às mulheres nessa década [de 1920] e nas

anteriores em uma sociedade predominantemente patriarcal, a crítica em nome dos menos favorecidos na lírica de Palmyra – embora seja em menor extensão, mas não menos intensa – retrata a condição de exclusão que classes sociais inteiras enfrentavam (ALVES; FERNANDES, 2020, p. 32).

Além de retratar em plena década de 1920 – portanto, bem antes do suposto pioneirismo da mossoroense Helen Ingersoll, como informa Galvão (2021) – a condição de exclusão das classes sociais, como operários e ambulantes (personagens que pouco apareciam na poesia brasileira de então), podem ser verificados aspectos modernos expressos em sua obra, pois se percebe ao longo de *Roseira Brava* a novidade do uso do verso livre, este já focando “uma espécie de retrato da nova fisionomia da capital potiguar” (ALVES, 2014, p. 91). Nessa obra, a poeta demonstra um viés lírico social através de poemas em contraste com a imagem da natureza exuberante da cidade (Natal) ainda preservada em seu tempo e que surge em parte da obra, como se juntasse a lírica moderna e a tradicional, configurando uma obra ainda em transição.

Assim, dentre os escritores norte-rio-grandenses da década de 1920, Palmyra Wanderley ganha destaque devido à singularidade de sua obra e sendo considerada uma poeta atemporal perante o começo da modernização que circundava a cidade de Natal/RN, no decênio de 1920. Duarte e Macêdo (*apud* Alves, 2014, p. 90) destacam a respeito de *Roseira Brava*:

Na primeira parte a poetisa desenha um mapa lírico da cidade de Natal, percorrendo os bairros, as praias, o rio, a lagoa e logradouros históricos, registrando com lirismo e imagens plásticas a beleza natural, ainda preservada, de seu



tempo. [...] A forma predominante é a dos versos livres, espontâneos, por onde escorre um ritmo de quase prosa, que tira sua força poética da beleza da cidade. A poetisa revela, assim, conhecer as novas direções da poesia brasileira, após a Semana de 22.

Ao analisarem o fazer poético de Palmyra Wanderley, as pesquisadoras ressaltam que a poeta desenha um mapa lírico da cidade, destacando a cartografia urbana e também natural, fazendo com que as regiões da cidade – caso dos bairros e praias – convivam lado a lado com temas sociais recorrentes, como o trabalho e a fome. Os personagens e as vicissitudes cotidianas acabam expondo uma representação poética da vida na urbe, esta emergindo como temário incessante na lírica da escritora norte-rio-grandense. Logo, esse olhar mais atento às questões sociais/modernas presentes na cidade (geograficamente) é um fato que direciona e caracteriza a obra da escritora junto à lírica moderna, estando notória sua presença nas transformações da cidade.

Nesse contexto, destacam-se poemas como “Alecrim”, “Sinhá Rocas” e “Passo da Pátria”, entrando aqui em destaque pelos aspectos da urbe expressos na estrutura poética e buscando investigar o modo como a poeta aborda o viés lírico social nas referidas composições, num testemunho ocular sobre a vida na capital potiguar, que nos anos de 1920 contava com pouco mais de 30.000 habitantes (SOUZA, 2008).

2. Palmyra Wanderley: a cidade moderna e provinciana

Partindo do pressuposto de que a literatura brasileira vivia nas duas primeiras décadas do século XX em um momento de transição, por um lado perdurava a influência das correntes estéticas do século XIX – como o Realismo, Naturalismo, Parnasianismo, Romantismo e Simbolismo –, por outra via já se notavam



mudanças estéticas que apontavam para as novas manifestações no campo literário. Conforme Bosi (2006), o que a crítica nacional chama de Modernismo está condicionado por um acontecimento datado e público, que se impôs à atenção da nossa inteligência como um divisor de águas: a Semana de Arte Moderna, realizada em fevereiro de 1922, na cidade de São Paulo.

De fato, as primeiras preocupações modernas na literatura nacional já eram documentadas parcialmente desde as primeiras duas décadas do século XX (os nomes do carioca Lima Barreto na prosa e de Augusto dos Anjos na poesia são hoje unânimes na fortuna crítica brasileira). Entretanto, faltavam uma nova visão mais ampla e isto quem fez foi justamente a Semana de Arte Moderna, seus idealizadores e seus autores, que alcançariam renome nacional nas décadas seguintes, dando sequência a outros modernismos na literatura brasileira.

Assim, o movimento em busca de novas formas de expressão partiu da já metrópole São Paulo, posteriormente alcançando outras regiões, propagando-se também pelos ares norte-rio-grandenses, o que colaborou sutilmente para a manifestação literária na década de 1920, quando surgiram tais mudanças significativas na literatura brasileira, assinalada também a repercussão do movimento modernista na poesia potiguar.

Como o movimento modernista era muito variado e atingia igualmente outras esferas artísticas (pintura, escultura e música, por exemplo) teve início no século XIX, suas principais manifestações situadas nas três primeiras décadas do século XX acabaram determinando um choque entre os padrões clássicos e a chegada das novas tendências estéticas. Essa situação é evidenciada por Bosi (2006, p. 361) no seguinte trecho:

Queremos a luz, ar, ventiladores, aeroplanos, reivindicações obreiras, idealismos, motores, chaminés de fábricas, sangue, velocidade, sonho, na nossa



arte. E que o rufo de um automóvel, nos trilhos de dois versos, espante da poesia o último deus Homérico, que ficou anacronicamente, a dormir e a sonhar, na era do Jazz-band e do cinema, com a flauta dos pastores da Arcádia e os seios divinos de Helena! [...] uma arte genuinamente brasileira, filha do céu e da terra, do homem e do mistério.

Nesta essencial década de 1920, vale ressaltar que os autores modernistas (em especial, aqueles participantes da Semana de 22, como Oswald e Mário de Andrade, por exemplo) optaram por uma poesia que se relacionava com novas perspectivas estéticas, diferentes das anteriores. Tal liberdade de criação rendeu uma identidade à produção dos primeiros modernistas (CANDIDO, 2000), sendo manifestada tanto na escolha de temas, como no aspecto formal assumido pelo texto. Tendo em vista elementos temáticos e estéticos que influenciaram a poesia moderna descritos na citação de Bosi (2006), muitos autores prezavam por uma lírica que correspondesse a esses aspectos, ou seja, compor uma poesia em sintonia com as novas técnicas e temas influenciadas pelo espírito moderno do começo do século XX. Segundo Fonseca (2009), entre tais novos elementos, a representação da cidade na poesia surgiria como tema recorrente na lírica moderna:

A poesia brasileira, através dos poetas que incorporaram a linguagem e estética moderna à nossa literatura e mais adiante, deram-lhe continuidade através de suas diversas vertentes, trazem marcas agudas da temática urbana. Desde o seu surgimento e consolidação como tema fundamental da poesia, a metrópole vem inspirando e desafiando os poetas a decifrá-la, a desvendá-la e a

transmutá-la em linguagem e imagens poéticas (FONSECA, 2009, p. 61).

Nesse contexto, destaca-se *Roseira Brava* como uma obra repleta de composições traduzindo alguns dos aspectos inerentes à lírica moderna, caso da utilização do verso livre na composição de poemas, recursos sonoros como as onomatopeias para refletir o barulho urbano e as temáticas sociais e/ou cotidianas, estas também ligadas ao ambiente da cidade. Tais elementos aproximam a poesia de Palmyra Wanderley e a tendência modernista, que gradualmente se espalhou pelo país no decênio de 1920. Em *Roseira Brava*, a poeta também cultivou o verso livre, mostrando novas técnicas e temas que estavam sendo exploradas na poesia de 1920, cujo temário da cidade aparece em obras como *Pauliceia desvairada* (1922), de Mário de Andrade.

No âmbito da poesia moderna, a poeta é reconhecida (ALVES, 2014; ARAÚJO; PALHANO, 2017) mais pela sua obra *Roseira Brava*, da qual a poeta passou a extrair poesia de temas através de imagens urbanas (a cidade, a praia, os bairros, personagens comuns como trabalhadores e pescadores) e a fazer uso de uma linguagem simples e também prosaica. Essa adesão aos temas e linguagem moderna contribuiu para a vinculação da poetisa no modernismo produzido no Rio Grande do Norte no começo do século XX. Em decorrência da nova perspectiva literária, diversos poemas que constituem a obra estão voltados para cenários e pessoas que abrangem o cenário da capital do Rio Grande do Norte.

Conforme Bosi (2006, p. 354), se o conceito de Modernismo consiste na emergência de um “código novo” que pressupõe tema, motivos e mitos modernos, além de conter uma forma própria e estrutura de versos livres, Palmyra pode ser exposta como parte deste Modernismo que vinha ainda se desenhando no Brasil. Uma clara ruptura com os padrões formais de rima e métrica, além dos temas urbanos explorados nos poemas que compõem *Roseira Brava* surgem como um claro exemplo deste contexto.



3. *Roseira Brava*: poesia moderna entre versos e entrelinhas

Em uma leitura acerca do livro *Esmeraldas* (1918), obra de Palmyra que antecede *Roseira Brava*, fica notória certa disparidade entre as duas publicações. Composta por sonetos, trovas e outros poemas mais tradicionais, nos textos de sua obra de estreia se acha uma voz utilizando um romantismo lírico tradicional. Na antologia *Literatura do Rio Grande do Norte* (2001), produzida por Duarte e Macêdo, as autoras revelam que a poeta aborda um eu lírico sofrido e extremamente sentimental (exemplos seriam poemas como “Mangueira” e “Inocência”). Antes de Palmyra, as figuras de Auta de Souza, Anna Lima e Carolina Wanderley estão entre as poucas publicadas por mulheres potiguares no começo do século XX, além daquelas que fizeram parte da revista feminina *Via Láctea* (1914-1915), cuja participação de Palmyra foi essencial.

Já em sua segunda obra, mais de uma década após a estreia, podemos visualizar uma poetisa com uma visão mais aguçada para a natureza tropical e as temáticas voltadas para as questões modernas e/ou sociais que infligem a cidade. Assim, Palmyra Wanderley, diferentemente de outros poetas potiguares contemporâneos a ela (Luís Patriota, Peregrino Júnior, Francisco Palma, entre outros), observou e retratou por meio de sua poesia a geografia dos bairros natalenses, incluindo muitos de seus personagens. Segundo Eustáquio (2020, p. 45), Palmyra Wanderley expõe o seguinte: “Palmyra Wanderley retrata e personifica os espaços sociais da cidade do Natal. A escritora transforma os bairros da cidade em personagens, utilizando características bem peculiares de cada local. As diferentes descrições dos bairros são percebidas pelas suas peculiaridades”.

No decorrer de parte de sua *Roseira Brava*, Palmyra ora conduz uma exaltação da sua cidade Natal através da presença da natureza litorânea, ora expõe um contraste com os problemas sociais que já assolam a cidade e seus moradores, estando a obra constituída por poemas tanto em verso livre – alguns em claro ritmo de prosa – quanto ainda escrevendo poemas que seriam uma continuação do romantismo tardio presente em *Esmeraldas*.

Na visão de Palhano (2011, p. 19), os versos de Palmyra Wanderley se encaixavam nos padrões canônicos da poesia lírica nacional, mas por outro lado “alguns dos versos traziam, além da novidade polêmica do verso livre, uma espécie de retrato da nova fisionomia da capital potiguar” (ALVES, 2014, p. 91), denotando assim uma atenção evidente sobre a presença do cotidiano urbano da capital potiguar. Ou seja, Palmyra também partiria de um dos pressupostos modernos, justamente olhar para a cidade e ter sobre ela uma atenção maior para criar seus versos. Não somente a cidade em si, mas seus múltiplos personagens, sejam eles quais forem.

Quanto à estrutura formal, Eustáquio (2020) destaca que *Roseira Brava*, escrito parcialmente em versos livres, embora seja um livro bifurcado neste lado moderno e outro ainda tradicional, criando uma obra que pode ser considerada como de transição, devido ao duplo uso dos caracteres poéticos. Além desses aspectos formais, podemos observar através de uma leitura analítica dos poemas, a variedade de temas que permeia o cotidiano na urbe, como o trabalho, a desigualdade social, a pobreza e a fome, além de personagens também pouco presentes na poesia nacional, como pescadores, rendeiras e lavadeiras, todos em meio a uma natureza que ainda se fazia presente.

E é essa mescla de elementos presente em seus poemas que faz da obra de Palmyra Wanderley uma publicação interessante no sentido de possuir uma via dupla de lirismo entre o tradicional e o moderno.

3.1. A representação da cidade em *Roseira Brava*

Em sua obra *A outra voz* (2001, p. 146), o crítico literário Octavio Paz revela sobre o fazer poético, de modo geral, que “a influência da poesia seria indireta: lembrar certas realidades enterradas, ressuscitá-las e apresentá-las. Sua influência seria direta: sugerir, inspirar e insinuar. Não demonstrar, mas mostrar”. Nessa perspectiva, a poesia teria entre seus objetivos deixar implícito ao indivíduo uma percepção sobre a realidade, mas de forma pessoal e



recriada através da palavra. É dessa forma que Palmyra Wanderley trabalha o temário da cidade em sua poesia, trazendo problemas sociais já visíveis na sociedade natalense, fato pouco presente na poesia até então. Em solo potiguar, talvez apenas o pioneiro Jorge Fernandes com seu *Livro de poemas*, de 1927, tenha abordado questões de índole social, a exemplo de textos como “A roda...” e “Poemas das pitombeiras”, mas neles não fixando ares urbanos propriamente ditos.

Para Fonseca (2009), desde o surgimento e consolidação do temário da cidade na poesia, a metrópole vem inspirando e desafiando os poetas “a decifrá-la, a desvendá-la e a transmutá-la em linguagem e imagens poéticas” (FONSECA, 2009, p. 61). Assim, os poetas adeptos a essa vertente lírica urbana estendem seu olhar crítico sobre a cidade, retratando a vida urbana para revelar em seus escritos, os acontecimentos, contradições e/ou questões sociais que regem a lógica cotidiana e as relações entre os indivíduos no ambiente que estão inseridos. E foi assim que os primeiros modernos na poesia nacional vieram colocar a cidade no centro das atenções, como assim foi com a obra *Pauliceia desvairada*, de 1922, escrita por Mário de Andrade.

Diante desses procedimentos entre poesia e cidade, os versos de Palmyra Wanderley se aproximam metaforicamente da cidade, num movimento de contraste entre a realidade existente e a realidade idealizada. A poetisa consegue narrar em tom mais prosaico e de modo familiar, destacando *flashes* do cotidiano urbano, bem como representações geográficas, sociais e culturais delineadas nos poemas, fazendo referência a localidades e habitantes da cidade de Natal na década de 1920, por exemplo.

Obra dividida em sete núcleos temáticos, o primeiro deles (“Rosas de sol e espuma”) pode ser considerado mais urbano, pois através de uma leitura analítica interpretativa dos onze poemas que compõem esta parte, o eu lírico estende seu olhar para a cidade. Assim ele acaba percorrendo bairros (“Sinhá Rocas”, “Petrópolis



é a colina do sonho”), praias (“Areia Preta – flor de verão”, “Castelinhos na areia da Praia do Meio”) e lugares (“Lagoa de Manoel Felipe”, “Refoles”), além da natureza exuberante (“Barro Vermelho ninho de poesia”, “Salve rainha do Potengi”).

Quanto à temática moderna da representação da cidade como fator presente nos poemas de *Roseira Brava*, o eu lírico estabelece clara referência sobre a capital potiguar, nomeando e metaforizando bairros que compõem a urbe (Natal) de forma dupla, ora expondo as belezas naturais do litoral, ora revelando uma chocante preocupação com os aspectos inerentes à existência dos moradores no cenário social, cultural e urbano.

Ladeando tal situação, a poetisa também traz sua perspectiva sobre os espaços geográficos, naturais e culturais que englobam questões sociais, sobretudo, os grupos (personagens) que vivem à margem da urbe. Assim, poemas como “Alecrim” e “Passo da Pátria” estampam um lado urbano nunca visto na poesia produzida no Rio Grande do Norte, sendo aqui selecionados para a análise por estabelecerem uma relação com o cenário da cidade.

Esses textos nos permitem a visualização, ainda que literária, da cidade de Natal nos anos 20 do século passado. Ao longo do poema “Alecrim”, a representação de um dos bairros mais icônicos da capital potiguar surge diferente da perspectiva abordada pela poetisa em “Passo da Pátria”, este sendo a representação de uma área associada à pobreza e aos personagens marginalizados. No seguinte fragmento do poema “Alecrim” (WANDERLEY, 1965, p. 36-38), o eu lírico faz a narração a partir de traços físicos e metafóricos que compõem a área urbana:

É o bairro do samba, da folia,
Das adivinhações e da magia,
Das promessas de fitas,
Dos fandangos, dos leilões...



[...]

Toda gente nos diz:
É da cidade o bairro mais feliz!
Mas, não é, não...
Como ele também existe alguém,
Que agoniza e padece cada dia mais
E nem parece, na máscara que traz.

[...]

Alecrim é o bairro operário,
A tecer noite e dia.

[...]

Assim é a dor trabalha sempre sem
descansar.
E não se cansa de trabalhar,
A fiandeira do sofrimento.

É o bairro da lida, da função,
É o bairro da feira domingueira
Numa algazarra louca!
Vestida de algodão, numa sujeira,
Arrastando tamanco entre as barracas,
Dando empurrão,
A tocar berimbau e realejo de boca,
Mascando alho, dizendo palavrão.

[...]

E deve haver porção de passarinho
No meio da balseira,
Embalado no ninho,
Como o filho da humilde cigarreira
Dorme, embalado no seio
Da pobre mãe, tão consumida e pobre!



A voz vai se sumindo, ali, na casaria,
Quase rente com o chão...
Enquanto o filho se some
Nas dobras do coração.
E ela, a pobrezinha, já tão penada,
Com a voz perra de sono,
Já tão cansada de trabalhar,
Vai repetindo muito devagar,
A arrastar, a arrastar,
A cantiga do povo:
“Dorme, dorme, meu filhinho,
Deixa de tanto chorar,
Quem tem filho não passeia,
Tua Mãe foi passear”.
[...]

Como se pode notar, a figuração do bairro remete à agitação urbana, incluindo citações da cultura popular (samba, magia, fandangos), além de uma metaforização ligando o bairro – concreto e artificial como invenção humana – e o ser humano, sugerindo a pobreza como presente na realidade dos alecrinenses (Como ele também existe alguém, / Que agoniza e que padece cada dia mais / E nem parece, na máscara que traz). A figura do operário, anônimo e ao mesmo tempo representando a classe social do proletariado, surge recriado na figura do bairro como um todo (Alecrim é o bairro operário, / A tecer noite e dia.), já alertando para as ações do capitalismo sobre o ser humano e assim criando um contraponto entre a alegria do bairro e o esforço de sobreviver na cidade (Assim é a dor trabalha sem descansar.). De modo geral, o poema de pouco mais de 100 versos exemplifica a estrutura composta pelos versos livres e por uma dinâmica narrativa bem próxima a da prosa, ou seja, não seguindo um padrão métrico ou de rimas estabelecido, embora existam ainda rimas ocasionais, deixando o poema com um lastro bifurcado entre os passadistas e os futuristas. Assim, os versos do poema “Alecrim” caracterizam as imagens do bairro que encenam sua relação com a cidade e seus habitantes.



Nas últimas estrofes do poema, as imagens do bairro “Alecrim” evidenciam a rotina, a dor e a miséria que persistem na comunidade urbana, com o eu lírico expondo a pobreza, a sujeira, o sofrimento e o cansaço da mãe operária, que ao voltar para casa precisa cuidar de seus afazeres (– Dorme, dorme, meu filhinho, Deixa de tanto chorar, Quem tem filho não passeia,). Tais versos ilustram a vida da classe operária no contexto urbano e esses dois momentos opostos – no começo e no final do poema – descritos pelo eu lírico representam a realidade vivenciada no cotidiano citadino, em que a imagem da mulher trabalhadora/operária se coloca lado a lado com a imagem da mãe/da dona de casa, ressaltando os múltiplos papéis desenvolvidos pela mulher na sociedade.

Segundo Araújo e Palhano (2017), ao atentar para o ângulo que revela a pobreza da cidade, a poetisa desvela a tensão do eu lírico situado em contexto hostil a vozes populares: o contexto da elites provincianas, um espaço próprio de Palmyra Wanderley. “Nessa circunstância, o espaço periférico dos bairros abre-se a expressão popular em proporção diversa dos espaços mais elitizados” (ARAÚJO; PALHANO, 2017, p. 57) Diante de um quadro como este descrito pelos estudiosos, no decorrer do narrativo “Passo da Pátria” (WANDERLEY, 1965, p. 41-44) a voz do eu lírico dá margem para as vozes periféricas, ressaltando a visibilidade dos personagens invisíveis perante a sociedade elitizada e aqui bem distante de qualquer romantização possível:

É um antro de miséria,
É um passo de dor!
[...]
Passo da pátria é a tasca do vício,
Do pecador impenitente;
Tem um cheiro de maresia
E um bafo, muito forte, de aguardente.



Mendigo maltrapilho e esfaimado,
Quase a morrer de fome e abandono,
Aproveita migalhas, como sobejo,
Veste trapos, roupas velhas,
Teima no vício,
Fuma ponta de cigarro, já fumado,
De arrependimento, não há indício.
Mastiga fumo cortado, a remoer,
Cravo, pimenta;
E deixa a baba fedorenta
Pela boca, sem dentes, escorrer.

É bem ali, no fim de ladeira, esquecido
Pobre enjeitado!
Não é bairro, não é nada, é um refugio.
Ainda é tempo de mudar de vida,
Pecador, de tanto pecado!

Nestes versos, a poeta faz referência a um dos bairros ainda hoje existentes no município de Natal (RN), descrevendo um contexto de miséria enfrentado pelos moradores que vivem à margem, ou seja, dando ênfase aqueles que não têm assistências e são esquecidos pelo poder público. Podemos observar, no decorrer do poema, uma marca de denúncia por parte do eu lírico em destacar um cenário de miséria composto pela camada pobre da cidade e suas vicissitudes cotidianas. Os versos iniciais trazem as imagens de um cenário periférico e miserável, como relata o eu lírico nos versos de abertura: “É um antro de miséria, / É um passo de dor!”, reforçando imagens poéticas expressando o sofrimento na vida dos moradores que compõem o bairro.

Outros vocábulos que remetem a esse contexto inóspito são “o lodo e a lama” citados nos versos acima, e que revelam a deterioração do espaço e a degradação humana diante da falta de higiene e de planejamento urbano municipal, destacando os aspectos negativos que permeiam a vida dos moradores no Passo da Pátria, tais como o mendigo, o maltrapilho e o pescador, personagens imersos nesse espaço citadino.



Além disso, a poeta retrata personifica o bairro através de uma semântica negativa (miséria, dor, vício) e, em seguida, dá características humanas a esta região da cidade de Natal (É bem ali, no fim da ladeira, esquecido / pobre enjeitado! / Não é bairro, não é nada, é um refugio.), trazendo imagens anti líricas, de caráter crítico social, como assim também começava a se tornar visível no Modernismo brasileiro. Assim, a poetisa traz a visão da cidade como uma fragmentação do espaço urbano, uma parte visível da cidade, mas que poucos ousavam enxergar até então. Convém ressaltar o ponto de vista de teóricos como Lynch (2017, p. 01), afirmando o seguinte sobre a cidade ocidental:

A cada instante, há mais do que o olho pode ver, mais do que o ouvido pode perceber, um cenário ou uma paisagem esperando para serem explorados. Nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação aos seus arredores, às sequências de elementos que a ele conduzem, à lembrança de experiências passadas.

Se o olho do eu lírico da poetisa enxergou esse aspecto menos belo da cidade, com a vivência citada por Lynch diante da vida cidadina certamente se assemelhando à experiência percebida por Palmyra nos arredores da cidade, uma vez que o Passo da Pátria se configurava como uma área de difícil condição de vida digna diante da realidade. Através de uma leitura detalhada dos versos, podemos observar o olhar atento do eu lírico sobre os moradores que encenam a vida cotidiana. Além disso, também evidencia aspectos interiores, como o contexto social inóspito, humilde e de miséria vivenciado por uma população que vive à margem na sociedade. É através desse olhar intimista – mesmo que voltado à cidade e suas imagens – que percebemos a denúncia sobre as adversidades que marcam uma parte da população natalense.

Diante dessa visão sobre a cidade, o sujeito poético reflete sobre as múltiplas aparências da vida urbana, por vezes, refletida através de um cotidiano negado até então na poesia. Portanto, um dos aspectos da poesia de Palmyra Wanderley é o componente social que é explícito nos poemas, situando as condições sociais e/ou individuais existentes no bairro, que se insere como um ambiente periférico em relação a outros espaços elitizados da cidade de Natal e presente em outros poemas de *Roseira brava*. Isto só indica a capacidade de Palmyra em revelar a vida urbana e suas duplicidades sociais, que agora adentravam com evidência na poesia moderna.

Considerações finais

Em ambos os poemas, o tema explorado é o da cidade, mas há diferenças na abordagem entre um e outro poema que compõem a obra *Roseira Brava*. Embora a poetisa descreva e narre poemas fazendo alusão aos bairros de Natal, ela focaliza elementos geográficos, culturais e sociais que abrangem a cidade de maneira bem diversificada, já que retrata as imagens da urbe e seus personagens ligados a uma multiplicidade de temas recorrentes em seus poemas.

Em *Roseira Brava*, além de o eu lírico estender seu olhar para o contexto da urbe, especificamente, a capital de Natal apresentando os espaços centrais, como os bairros, as ruas, as praças e as feiras, também entram em destaque as mazelas desencadeadas pela vida moderna, retratando problemas sociais, como a fome, o desigualdade social e as dificuldades que fazem parte de um determinado bairro e/ou contexto social.

Com base na análise interpretativa dos poemas, constatamos que a escritora se vale dos recursos modernistas para introduzir o temário da cidade em seus poemas, nos quais se evidenciam também as circunstâncias cotidianas e os personagens sociais. A percepção do eu lírico acerca das realidades existentes na cidade natalense conecta a poética de Palmyra Wanderley às tendências



modernas, fazendo do ambiente urbano um temário ao mesmo tempo novo e conflitante no lirismo de *Roseira brava*.

Referências bibliográficas

ALVES, Alexandre. Palmyra Wanderley: sombras do modernismo na vidraça. In: **Poesia Submersa: poetas e poemas do RN: 1900-1950**. v. I. Mossoró: Queima- Bucha, 2014.

ALVES, Alexandre; FERNANDES, Mateus Bezerra. Jorge Fernandes e Palmyra Wanderley: aspectos da cidade na moderna poesia potiguar. **Revista Academia Norte-Rio-Grandense de Letras**, n. 66, Jan/Mar. 2021. p.24-39.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de; PALHANO, João Maria Paiva. Palmyra Wanderley. **Entre trinta botões de uma Roseira Brava: estudo crítico e seleção de poemas**. Natal: EDUFRN, 2017.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antônio. **O estudo analítico do poema**. 5 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 1999.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

DUARTE; Constância Lima; MACÊDO, Diva Cunha Pereira de. **Literatura do Rio Grande do Norte: antologia**. 2.ed. Natal: Fundação José Augusto, 2001.-

EUSTÁQUIO, Daniella Lago Alves Batista de Oliveira. **Palmyra Wanderley, a cigarra dos trópicos: imaginários culturais e mapa onírico em “Roseira Brava”**. Natal: Caule de Papiro, 2020.

FONSECA, Aleiton. As cidades ilegíveis e a leitura dos poetas contemporâneos. **Sitientibus**. Feira de Santana, n. 40, jan./jun. 2009. p.59-68.

GALVÃO, Cláudio. Helen Ingersoll, o itinerário de uma pesquisa.

In: INGERSOLL, Helen. **Poesia**. Mossoró: Amigos da Pinacoteca, 2021.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Trad. de Maria C. Afonso. Lisboa: Edições 70, 2017.

PALHANO, João Maria Paiva. **Coerção e ruptura estilísticas na poesia potiguar**: a construção do ethos inventivo do poeta Jorge Fernandes. Tese de Doutorado em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2011. 263 f.

PAZ, Octavio. **A outra voz**. Tradução de Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 2001.

SILVEIRA, Marília Gonçalves Borges. SANTOS, Derivaldo dos. Palmyra Wanderley: para além da cor local nos versos de Roseira Brava. **Imburana**. n. 05, fev./jun. 2012. p. 54-71.

WANDERLEY, Palmyra. **Roseira brava e outros versos**. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1965.

Alexandre Alves é poeta e escritor. Professor de Literatura do Curso de Letras – Língua Portuguesa, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutor em Estudos da Linguagem (UFRN).

Inecila Maria de Souza Ferreira é Especialista em Estudos Literários (UERN). Aluna do Mestrado em Ciências da Linguagem (PPCL), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).





JEAN MERMOZ E NATAL NA LITERATURA:

DE JOSEPH KESSEL A ROBERTO DA SILVA

François Weigel

Em 13 de maio de 1930, Jean Mermoz pousou seu hidroavião na beira do rio Potengi, na cidade do Natal. Realizou assim o primeiro voo comercial do Atlântico Sul, entre São Luís (Senegal) e Natal, permitindo um ganho de tempo considerável para o envio do correio na Linha estabelecida pela *Aéropostale*. Noventa anos depois, Roberto da Silva, escritor da região do Natal, oferecia ao público *Jean Mermoz* (2010), a primeira biografia em português sobre esse personagem cuja sina foi ligada à capital potiguar. A publicação desse livro é a oportunidade de debruçar-se sobre o encontro literário entre uma cidade de província e um personagem histórico que encarna a internacionalização das rotas comerciais, fazendo de Jean Mermoz um herói natalense, e da cidade do Natal um espaço aberto para o exterior. Trata-se mesmo de um encontro literário, no enlevo da narração e de palavras que outorgam, para a cidade como para o homem, uma dimensão poética e épica. Pois, na mesma linha que o *Mermoz* (1938) escrito por Joseph Kessel dois anos após a morte de seu amigo, o relato de Roberto da Silva, mais que uma árida biografia, é uma história de vida, uma narração literária que redesenha os sonhos em torno do piloto francês.

Apoiando-nos sobre o romance *Le siècle des nuages* (2010), de Philippe Forest, sublinharemos os elementos fazendo da Linha da *Aéropostale* e dos voos de Mermoz um terreno tão favorável ao desenvolvimento de uma mitologia moderna. Os aspectos épicos e o páthos dessa aventura são os ingredientes férteis utilizados, com várias décadas de intervalo, por Joseph Kessel e Roberto da Silva, os quais acharam em Mermoz uma figura literária por excelência, um personagem tão natalense quanto transatlântico.



Mermoz, sua dimensão épica e transatlântica

A Linha! Assim era nomeada, sem que fosse necessário acrescentar nenhum epíteto ou designação mais precisa. A palavra, por si só, era suficiente para despertar paixões e alimentar ideais. Nasceu de uma aposta genial e um pouco louca do industrial Pierre-Georges Latécoère, que nem esperou o Armistício de novembro de 1918 para apresentar ao Ministro da Aeronáutica Jacques Dusmenil seu projeto de travessia comercial unindo a França à América do Sul. A Linha foi construída trecho após trecho, de Toulouse até Dakar, antes que fossem efetuados, já em 1925, voos de exploração ao longo do litoral atlântico sul-americano. A sociedade *Latécoère* se tornou a *Aéropostale* quando foi comprada, em 1927, pelo empreendedor Marcel Bouilloux-Lafont, que, com investimentos vultosos, espírito modernizador e senso apurado da diplomacia com as nações latino-americanas, deu o impulso necessário para edificar por completo a Linha, um comércio de grande porte e uma aventura humana sem par⁵. Mas essa aventura está associada, antes de tudo, a um conjunto de pilotos que entraram no panteão da aviação, tais como Paul Vachet, o menos famoso entre eles, apesar do seu papel essencial para desbravar e equipar as linhas no Brasil e na Venezuela; Henri Guillaumet, “o Anjo da Cordilheira”; Antoine de Saint-Exupéry, passado na posteridade como a grande figura de escritor aviador; e, por fim, Jean Mermoz, sem dúvida o personagem mais mítico de toda a aviação francesa.

Rosto de anjo, físico de atleta, sedutor e carismático, perfil da criança de condição humilde que uma paixão pelas nuvens levou a mais bela das carreiras, Mermoz adquiriu sobretudo uma aura de herói moderno por suas múltiplas aventuras em que viu a morte de perto: seu cativo num campo mouro após uma pane entre Casablanca e Dakar; seu voo noturno, o primeiro jamais realizado nessas latitudes e quase sem iluminação nas escalas, entre o Rio de Janeiro e Buenos Aires; sua aterrissagem forçada no Chacó

⁵ Ver, entre outras obras, Guillaumette de Bure, *Les secrets de l'Aéropostale*, Toulouse, Privat, 2006.

paraguaio, onde ele e o engenheiro Pranville foram suspeitos de serem espões bolivianos; sua travessia dos Andes em que pousou forçadamente numa geleira, de onde “ele e seu mecânico, durante dois dias, tentaram evadir-se”, como o conta Saint-Exupéry, que descreve de que maneira Mermoz lançou seu avião contra o vazio, pegou o rebote nas rochas e acabou por deslizar até Copiapó⁶. E longa seria a lista de todos os périplos, façanhas, acidentes, até o desaparecimento do piloto e da sua tripulação, cujo avião se afundou no Atlântico, no 7 de dezembro de 1936, dois dias antes do seu trigésimo quinto aniversário.

Acima de tudo, ele é, de todos esses ases da aviação, quem melhor encarna o ideal, tão forte nos “anos loucos” entreguerras, de unir continentes e povos para além do oceano. O correio, até o primeiro serviço postal aéreo realizado por Mermoz em 1930, ainda demorava vários dias para ser encaminhado por “avisos” – ou seja, barcos inutilizados depois da Primeira Guerra e que a Marinha francesa finalmente colocou à disposição da *Aéropostale*. Mas o hidroavião *Le Comte de la Vaulx*, utilizado em maio de 1930, e o trimotor *Arc-en-ciel*, construído pelo engenheiro Couzinet e conduzido por Mermoz até o Natal em 1933, aceleraram consideravelmente o tempo e encurtaram o espaço. O próprio Mermoz pôde evocar, enfaticamente, “um ponto de união ideal que suprime definitivamente o obstáculo natural que durante tanto tempo impediu povos de uma mesma raça latina de se reconhecer, de se conhecer e se entender melhor⁷”.

Em *Le siècle des nuages*, o escritor Philippe Forest – entrecruzando a biografia de seu pai, que empreendeu uma carreira de piloto da Air France logo após a Segunda Guerra mundial, e por outro lado uma perspectiva sobre a História – nunca deixa de se interrogar sobre esse ideal representado pela aviação, para ele o grande negócio do século XX, “nascido com ele, destinado a aca-

6 Antoine de Saint-Exupéry, *Terre des hommes*, Paris, Gallimard, 1994, p. 32.

7 Jean Mermoz, *Mes vols*, Paris, Flammarion, 2011, p. 44.



bar ao mesmo tempo que ele⁸”. Os “tempos heroicos” desse sonho são aqueles da *Aéropostale* e de Mermoz em particular, que Jean Forest, pai do escritor, venerava; um sonho que concebia o avião como “o símbolo esplêndido de uma liberdade que contribuía para a emancipação pacífica de um mundo finalmente unido⁹”. Depois da Primeira Guerra mundial, com os aviões recém inventados que se tornaram máquinas de guerra, a utopia civilizatória renasceu, no encaço de alguns construtores e industriais. Segundo Forest, uma legião de pilotos arriscando suas vidas – pois os acidentes eram comuns – encontrou em Charles Lindbergh e Jean Mermoz os “Dióscuros de uma nova mitologia”, que encarnam o projeto, “idealmente ilustrado pela mística da Linha¹⁰”, da junção dos povos. O famoso “ponto de união” do qual nos fala Mermoz.

A visão ampla de Forest permite pôr em perspectiva a importância dos voos de Mermoz e de seus colegas. Mais que uma demonstração de progresso técnico ou que façanhas esportistas, esses voos suscitavam a aclamação do público e da imprensa por despertar lances de idealismo e esperança humanista. Isso impregna o vocabulário de Mermoz, que fala de “mística aeronáutica e social”, de “dedicação”, de um “apostolado, um martirologio¹¹”. É a ideia, segundo Forest, de uma “missão” pela qual o homem se coloca à disposição do coletivo, da Linha, da nação, e, num plano mais amplo, do “sonho, democrático no fundo, de uma humanidade, pacífica e próspera¹²”.

Por mais pacífica que fosse, havia uma concorrência entre grandes nações – especialmente com a *Lufthansa* alemã, na linha da América do Sul – e os escritos de Mermoz são imbuídos, aliás, de um forte orgulho patriótico. Decepcionado pelos vacilos do Estado francês e pelo desmantelamento da *Aéropostale* em 1933, Mermoz, provavelmente influenciado também pela ética de disci-

8 Philippe Forest, *Le siècle des nuages*. Paris: Gallimard, 2010, p. 492.

9 *Ibid.*, p. 420.

10 *Ibid.*, p. 68.

11 Jean Mermoz, *Op. cit.*, p. 44, 45 et 145.

12 Philippe Forest, *Op. cit.*, p. 71.



plina no setor da aviação, entrou na política ao lado do *Croix-de-feu*, partido nacionalista hostil à democracia parlamentar. Com sua constante preocupação em “recusar a facilidade da explicação teleológica e do julgamento feito a partir do presente”, Philippe Forest lembra que esse partido “condena com igual vigor o antisemitismo e o nazismo; até ingressou, por parte, na Resistência¹³”. O narrador-autor do *Siècle des nuages* não busca saber o que teria sido a atitude de Mermoz durante a guerra (seu amigo Kessel, diga-se de passagem, também entrou na Resistência), mas seu relato revela “o avesso ambíguo” do sonho da competição aérea, a ascensão dos movimentos fascistas nacionalistas e de que forma a história quebrou a epopeia pacífica, sendo que a aviação se tornou “essa empresa anônima de devastação que se estende metodicamente sobre toda a superfície dos continentes¹⁴”.

Natal, terra prometida

Contudo, Philippe Forest – e isso constitui a poesia crepuscular de seu relato – não deixa de restituir a beleza desse sonho que assombrou a aviação e que, no caso de Mermoz, sempre acabava por levá-lo à mesma obsessão. Joseph Kessel o descreve atento ao apelo do Oceano, em 1926, quando está numa escala em Cap-Juby¹⁵: “Conversou com todos os construtores, todas as empresas aéreas. Que lhes deem um avião! [...] Apenas um avião! E no Atlântico Sul ou Norte, pouco importa, passaria, passaria, restabeleceria o prestígio da França¹⁶”. Logo, Kessel, como jornalista que sabe criar efeitos de espera e de tensão gradativa, expressa a progressiva febre que se apossou do piloto, a partir de 1927, enquanto trabalhava como chefe piloto na América do Sul: “Então, tendo muito tempo para pensar, a eterna obsessão, a do Atlântico, conquistava no seu espírito um império quase doentio¹⁷”.

13 Philippe Forest, *Op. cit.*, p. 74.

14 *Ibid.*, p. 244.

15 Hoje Tarfaya, no sul de Marrocos.

16 Joseph Kessel, *Mermoz*, Paris, Gallimard, 1965, p. 208.

17 *Ibid.*, p. 284.



Esse sonho acabou por realizar-se e materializar-se, de um ponto de vista geográfico, por um destino preciso: o Natal, meta de todos os grandes voos transatlânticos efetuados por Mermoz e logo por outros pilotos, começando por Italo Balbo, italiano que a denominou “*a città stessa del sogno*” – a própria cidade do sonho¹⁸! Relatando um dos seus voos, Mermoz nos ajuda a compreender o sentimento de euforia que, ao avistarem o Natal, podia submergir esses conquistadores dos ares:

Dezesseis horas de voo, logo dezessete, e, de repente, bem na frente, o brilho de um farol no horizonte que desaparece. Talvez uma visão irreal...Não, reaparece, e logo o clarão luminoso e imóvel no litoral, materializando a meta: Natal. A rolha de uma garrafa de champanhe acaba de estourar¹⁹...

A emoção foi muito intensa no primeiro voo, em 1930. Nessa aproximação do Natal após horas de voos transatlânticos, alguns lugares, talvez menos famosos em outras circunstâncias, ganham novos contornos. Assim é o caso dos rochedos São Pedro e São Paulo, a mais de 900 km e do arquipélago Fernando de Noronha, a 360 km – lugares onde a *Aéropostale* dispunha de postos de rádio – e, por fim, do Cabo São Roque, ponto do continente americano mais próximo da costa africana, a 50 km do Natal. Mermoz, mais uma vez, narra esse momento singular de emoção, deixando escapar algumas notas de lirismo:

Reconheci o Cabo São Roque. Fui tomado pela estupefação, o estômago se contraiu e meu coração bateu forte. Achei que meu espírito se destacava do corpo. Não tive mais o controle de meus movimentos. O surgimento da terra, após ter sulcado o oceano, me deslumbrou. Foi um minuto emo-

18 Italo Balbo, *Stormi in volo sull'Oceano*. Verona, Mondadori Editore, 1932, p. 205.

19 Jean Mermoz, *Op.cit.*, p. 140.

cionante, o grande minuto de nossa viagem²⁰.

Na esteira dessas anotações de Mermoz, Joseph Kessel, no seu texto mais deliberadamente poético, fará do Natal, ou da vista aérea sobre essa cidade, o lugar de um absoluto, o ponto em que se condensam as aspirações do piloto. Nenhum momento apaziguava tanto “a sede do seu ser” do que quando, “após uma longa e dura travessia, onde por vezes estava bem perto da morte na qual pensava muito, ele via se acender, do fundo da noite oceana, o farol dos Reis Magos²¹”.

O cotidiano nessa capital de província não era dos mais animados, quando os pilotos passavam alguns dias nela. Lembrando-se do tempo em que, antes de voltar para a África em 1930, esperava o reforçamento dos flutuadores de seu hidroavião, Mermoz até chegou a se exclamar: “O quanto essa existência foi odiosa! Nós estávamos morrendo de tédio²²”. Kessel, de um ponto de vista literário, encontrou nessas circunstâncias um viés para acentuar os acentos épicos da aventura, evocando em diversos momentos os contrastes entre a ação enérgica dos pilotos e o ritmo vagaroso da cidade. Quando caracteriza “a cidadezinha triste e pobre, sua população mestiça, sua vegetação descrita com vários traços exóticos, em suma seu “charme surdo, secreto, nostálgico”, o escritor quer enfatizar o jogo de oposições, sublinhadas pela conjunção adversativa que inicia a frase ulterior: “Mas para três homens impacientes de ação, ansiosos pela partida, a atmosfera estava intolerável²³”.

Há, nessas páginas de Kessel sobre a vida de Mermoz no Natal, um perfume de romance colonial, que remete um pouco à figura misteriosa de Kurtz, personagem de Joseph Conrad, cujo espírito aventureiro e vigor arrebatador contrastam com a vida

20 *Ibid.* p. 67.

21 Joseph Kessel, *Op. cit.*, p. 423.

22 Jean Mermoz, *Op. cit.*, p. 75.

23 Joseph Kessel, *Op. cit.*, p. 351.



abafante e exaustiva do clima equatorial²⁴. A tonalidade é a mesma quando o escritor qualifica o desconforto que a cidade oferecia para os pilotos, em particular no *Hotel Internacional*, onde estavam hospedados: “Os quartos não tinham teto, as camas estavam infestadas de perceijos, os cupins roíam as paredes”. Mermoz e sua tripulação se mudaram depois para uma “casa vazia”, apenas com algumas redes e “latas de querosene utilizadas como assentos e mesa”. Mermoz, exaurido, “nem pensava mais em sua higiene. Nada lhe importava. A febre juntando-se a isso, tinha até perdido o apetite²⁵”. Kessel não para por aqui, acumulando os detalhes materiais e morais que, além de provocar o exotismo para o leitor europeu, permitem enaltecer esses pilotos, maltrapilhos e febris, mas estoicos. Assim, a cada noite, “examinavam o aparelho, sentavam-se em um café cheio de moscas”, perto das “muralhas em ruínas de uma antiga fortaleza portuguesa” – vemos que, da natureza até os vestígios coloniais, o pitoresco da descrição literária toca constantemente nessas cordas da nostalgia, da indolência –, e logo “retornavam para seu jantar sórdidos e suas redes²⁶”.

A partir dos escritos de Mermoz ou daqueles que o acompanharam, não podemos dizer, portanto, que o Natal era considerado como uma cidade excitante. Por sinal, os contatos com a população local deviam ser muito restritos, pois os pilotos, com modo de viver muito disciplinado, estavam focados em seu trabalho. Por certo, eram recebidos pelas autoridades locais, convidados em banquetes, observados pela imprensa. Mas o relato de Mermoz, na sua chegada após o primeiro voo transatlântico, resume bem o hiato que podia existir entre a população local e esses aviadores impregnados pelo sentimento de cumprir uma missão. “Ao descerem do avião, umas cinquenta pessoas presentes na beira do rio Potengi pareciam espantadas de nos ver em trajes informais, os rostos marcados pelo cansaço e pelo calor, enfim, pelos trajes descompostos²⁷”.

24 Joseph Conrad, *Heart of Darkness*, Harmondsworth, Penguin, 1982

25 Joseph Kessel, *Op. cit.*, p. 351.

26 *Ibid.*, p. 352.

27 Jean Mermoz, *Op. cit.*, p. 69.

No entanto, a aviação francesa, instalada duradouramente no Natal entre 1927 e o início do segundo conflito mundial, ganhou a simpatia da cidade, que encontrava um alimento para nutrir seu desejo de modernização – não é à toa que eclodiu então um plano de urbanização²⁸ –, com o desejo de se impor como uma plataforma essencial do Brasil e, internacionalmente, como uma espécie de “cais da Europa”, uma expressão do Ministro dos Transportes Victor Konder, que seria logo retomada pela imprensa local.²⁹ Essa mesma fórmula aparece na legenda de um belo desenho do modernista Erasmo Xavier, na revista *Cigarra*, onde vemos aviões que, simbolicamente, voam acima do mar e das caravelas portuguesas de outrora³⁰. De um ponto de vista mais sentimental, Luís da Câmara Cascudo explicou que a *Aéropostale* “popularizou o avião, humanizou-se a figura do aviador³¹”. Mermoz, de todos os pilotos franceses, era o mais renomado e amado. Câmara Cascudo, aliás, usando do mesmo registro épico que Kessel, fez dele um retrato que remete diretamente ao tempo dos pios cavaleiros:

Piloto de raça, frio, calmo, magnético, com a tenacidade calculada e a força física de um velho “reitre” medieval, [...] Mermoz se vincula às figuras patronais de sua História pelo destemor natural, a coragem repousada e espontânea que uma das mais expressivas fisionomias entre os ases do mundo. Possui, como nenhum aviador em sua idade, uma crônica maravilhosa onde os feitos de

28 Ver Raimundo Arrais, “Traversées et permanences françaises: les pilotes et les avions de la Compagnie Générale Aéropostale dans la ville de Natal avant la Seconde Guerre mondiale”, in MARTINIÈRE, Guy; MONTEIRO Éric, *Les échanges culturels internationaux. France, Brésil, Canada-Québec (XIXe - XXe siècles)*, Paris: Les Indes savantes, 2013, p. 296.

29 *A República*, 28/07/1928, p. 1.

30 Erasmo Xavier, « A nossa capa », *Cigarra*, vol. 1, nº1, 1928.

31 Luís da Câmara Cascudo, *No caminho do avião. Notas de reportagem aérea (1922-1933)*, Natal, EDUFRN, 2007, p. 40.



valentia pessoal empatam com as provas de conhecimento técnico³².

Mermoz, assim louvado pela figura mais ilustre das letras potiguaras, bem pode ser registrado como um herói natalense, que se inscreve na geografia local. Nessa ótica, os escritos sobre sua passagem no Natal não dão apenas conta de sua euforia poucos instantes antes da aterrissagem, mas o descrevem também em movimento nesse território. O General Davet, acompanhando o piloto, narra os passeios no velho Ford de Mermoz, em direção ao “banho na praia reluzente do Natal”, sempre “sob as aclamações da criançada autóctone, apaixonada por seu herói³³”. Desses banhos de Mermoz, restam inclusive algumas fotografias promocionais, onde exhibe sua musculatura de Apolo nas praias. Os dois outros lugares marcantes da geografia literária de Mermoz no Rio Grande do Norte são o aeródromo construído pelos franceses a 18 km do centro da cidade, assim como a Lagoa do Bonfim. O primeiro desses locais reacende a velha luta entre a técnica e a natureza, contada através de detalhes expressivos – chuvas torrenciais, cupins, vegetação invasora – pelo próprio Mermoz, mas também por Kessel ou testemunhas próximas, como Davet ou Pierre Larcher. Quanto à lagoa, é o teatro de um episódio crucial para todos os escribas que teceram a lenda em torno de Mermoz.

Em 1930, entendendo que a direção do vento não ia permitir ao seu hidroavião descolar das águas do Potengi para atravessar o Atlântico em sentido contrário, Mermoz identificou essa lagoa, no entorno da cidade, como um terreno mais propício a fim de levantar voo. “Caramba, o que acham da minha lagoa? Não é bonita demais?”, teria lançado o piloto aos seus camaradas deslumbrados pela beleza do lugar³⁴. O vento, contudo, não foi mais favorável. Mas Mermoz se empenhou, multiplicando as tentativas. A narração desse episódio por Kessel nos parece ser uma joia da crônica

32 *Ibid.*, p. 32.

33 René Davet, « De l'Arc-en-ciel à la Croix du Sud », *Icare*, Paris, nº 68-69, 1968 - 1969, p. 193.

34 Pierre Larcher, « L'odyssée du 'Comte de la Vaulx' », *Icare*, Paris, nº 68-69, 1968 - 1969, p. 136.

esportiva, pois é mesmo o esportista Mermoz que é aqui exaltado, seu físico, seu esforço, sua transpiração e sua determinação em vencer, além do fato de que a escrita busca atizar a tensão. Num primeiro momento, no rio Potengi: “Vi no Natal algumas testemunhas dessa luta feroz. [...] Me descreveram a cara, o torso inundado de suor, o peito ofegante de Mermoz, seu rosto contraído, fixo, imobilizado numa tensão e uma teimosia sem nome³⁵”. Logo, na lagoa: “Mermoz, assolado por uma fúria demente, os maxilares e as palmas dolorosas de tanto contraírem-se, recomeçou, recomeçou, recomeçou. Tentou tudo. Teve todas as audácias³⁶”.

O avião acabou por decolar, levando a glorificação do herói ao seu ponto mais alto no relato de Kessel. A geografia natalense mostra toda sua força vital, mas os relatos insistem em sublinhar como Mermoz triunfa dos elementos naturais, na pista esburacada ou na lagoa, frente aos cupins ou aos caprichos do vento. Se a cidade não entusiasma esses pilotos habitados por uma vocação, seu nome e sua vista do cockpit de um avião concretizavam o velho sonho do voo transatlântico; e devemos acrescentar, pois, que a natureza tropical do Natal é, por excelência, o meio em que o homem se desafia a si mesmo e se realiza. O próprio Mermoz sugere:

Depois de cada grande viagem, onde lidei somente com os elementos e com meus companheiros, volto mais sadio, mais forte, melhor. Eu trago os benefícios dos rochedos do Natal onde eu vivo como um selvagem, praticamente nu. E é preciso, de ordinário, alguns dias nas mediocridades de Paris para estragar minha felicidade³⁷.

35 Joseph Kessel, *Op. cit.*, p. 349.

36 *Ibid.*, p. 353.

37 Jean Mermoz, *Op. cit.*, p. 29.



Um autor potiguar no rastro de Mermoz

Mas Mermoz ainda não tinha sido o protagonista de uma obra escrita por um potiguar. Roberto da Silva, intelectual que teve a oportunidade, quando era mais jovem, de conviver com Câmara Cascudo, supriu a lacuna. Realizado a partir de um leque amplo de leituras e fruto de um minucioso trabalho de pesquisa – Roberto da Silva confrontou as fontes e tenta esclarecer algumas dúvidas historiográficas, dando também elementos contextuais em notas de rodapé e no índice de nomes próprios que encerra o livro –, seu relato, na mesma linha que o texto escrito por Joseph Kessel, se interessa antes de tudo por Mermoz como homem, por suas aspirações, as peripécias de sua carreira, seus sucessos assim como seus fracassos e vacilos.

Para se aproximar de Mermoz em sua intimidade, Roberto da Silva se apoiou sobre um gênero escrito que sempre foi central em sua obra: as cartas. De fato, esse autor potiguar é conhecido por ter organizado livros de correspondência entre Câmara Cascudo e o escritor e jurista João Lyra Filho ou ainda Bernard Alléguede, ex-Diretor da Aliança Francesa do Natal. Seu diálogo com Alléguede, precisamente, lhe permitiu ter acesso às cartas recebidas pelo francês e mandadas por pioneiros da *Aéropostale*, nos anos 1970. Mais tarde, também descobriu a correspondência de Mermoz³⁸ e, na sua biografia, ele cita abundantemente algumas dessas cartas, dando forma e vida a Mermoz, mostrado como amante, amigo e, por fim, filho da Gabrielle, carinhosamente chamada como Mangaby – um apelido que Roberto da Silva, num envolvimento quase amoroso com seu herói, resolveu reproduzir do início até o fim de seu relato.

A outra grande fonte de inspiração do *Jean Mermoz* de Roberto da Silva é, indubitavelmente, o *Mermoz* de Kessel, a filiação sendo sugerida pelos próprios títulos. Além das citações diretas de seu predecessor, o autor brasileiro reencontra muitas vezes o tom de Kessel, seus efeitos de dramatização e fórmulas chamativas na

38 Jean Mermoz, *Défricheur du ciel. Correspondance 1923-1936*, organizada por Bernard Marck, Paris, L'Archipel, 2001.

hora de contar os grandes perigos enfrentados por Mermoz ou os momentos mais solenes, tal qual esse primeiro encontro, em Cap-Juby, entre “o maior poeta da aviação” e “o mais belo cavaleiro do céu” – Saint-Exupéry e Mermoz³⁹. Não se trata de uma imitação servil, mas, por algumas alusões, de uma reapropriação de um modelo a quem Roberto da Silva presta homenagem, enriquecendo também o relato de outras referências e fundando todas essas influências num português ágil e elegante, marcado pela presença discreta do narrador, que ora narra diretamente os fatos, ora ilumina os bastidores políticos da aviação francesa.

Em todo caso, há nesses dois relatos um desejo de encarnar o personagem epônimo, de fazer um retrato em movimento, ora com tonalidade admirativa, ora em um modo menor, buscando não mais desenhar os contornos da lenda Mermoz, mas querendo penetrar na alma do personagem e amigo – e acreditamos poder dizer que Roberto da Silva, embora não tenha conhecido Mermoz, também chegou a ser, por uma atitude empática, seu “amigo”. Até poderíamos criticar uma falta de distanciamento em relação aos posicionamentos de Mermoz, em particular na política, onde, segundo Roberto da Silva, o piloto é desculpado por uma forma de ingenuidade em “perseguir o mesmo sonho na tribuna e sobre o Oceano⁴⁰”; porém, ao mesmo tempo, essa empatia permite ao autor cavar mais fundo nos sentimentos de um herói cuja “melancolia natural tornou-se uma espécie de luminosa tristeza⁴¹”, à medida que se acumulavam as decisões administrativas levando ao declínio da aviação francesa.

Retomando os termos do crítico João Cezar de Castro Rocha, diríamos que Roberto da Silva imita e “emula” Kessel, ou seja, reutiliza procedimentos linguísticos e esquemas narrativos para

39 Joseph Kessel, *Op. cit.*, p. 195 ; Roberto da Silva, *Jean Mermoz*, Natal, Sebo Vernelho, 2020, p. 222.

40 Roberto da Silva, *Op. cit.*, p. 557.

41 *Ibid.*, p. 568.



melhor esboçar seus próprios traços inventivos⁴². Essa inventividade se manifesta em particular no início do relato, por uma inversão da cronologia dos fatos. A ligação recebida por Gabrielle Mermoz, algumas horas antes do último voo de seu filho, abre o relato: “Vão matar seu filho⁴³”! O prolepse que antecipa o drama, o ponto de vista interno que permite mergulhar nos pensamentos de uma mãe extremamente preocupada, a repetição da mesma frase de ameaça, o *close* sobre a troca de olhares entre o piloto e sua mãe. Eis uma introdução digna de um *thriller*, anunciando um dos fios importantes da biografia, que vai ser puxado nos últimos capítulos: as interrogações em torno da morte de Mermoz. Pois nesse ponto Roberto da Silva não hesita em evocar escândalos do Estado francês, apoiando-se no texto de François Gerber, cujo título interrogativo, *Quem matou Mermoz?*, descarta diretamente a ideia de um acidente que aconteceu por acaso⁴⁴.

Considerações finais

Essa biografia vai, portanto, muito além do Mermoz “brasileiro” e recentra o homem em suas circunstâncias familiares e históricas. Na sua “Advertência”, Roberto da Silva explica que o objetivo de seu livro é “trazer aos olhos contemporâneos, sobretudo aos mais jovens, a vida de um herói francês que tem sua história ligada ao Brasil e, particularmente, à Cidade do Natal⁴⁵”. Não precisa explicitar longamente esse vínculo entre o personagem e a cidade, talvez menos evocada em seu livro do que na biografia escrita por Kessel. Mas, por uma investigação subjetiva que se desloca entre as linhas das correspondências e dos depoimentos sobre o biografado, Roberto da Silva realizou um esforço de interpretação e de imaginação para tentar entender as buscas e os desvios de seu herói. Assim, concordamos plenamente com a apreciação do

42 João Cezar de Castro Rocha, *Cultures latino-américaines et poétique de l'émulation*, Paris, Petra, 2015.

43 Roberto da Silva, *Op. cit.*, p. 23.

44 François Gerber, *Qui a tué Mermoz?*, Toulouse, Privat, 2009.

45 Roberto da Silva, *Op. Cit.*, p. 21.

jornalista e intelectual Vicente Serejo, autor do “Prefácio”, que lê esse Jean Mermoz à luz das observações de François Dosse sobre a “aposta biográfica”: liberando o personagem de uma dimensão estritamente fatural, Roberto da Silva “entrega a vida [de Mermoz] viva e pulsante ao leitor⁴⁶”. Ele reinventa Mermoz para tentar nos fazer apreender o “futuro do passado⁴⁷”, restituindo o sonho da aviação nesses tempos pioneiros e talvez até o sonho de boa parte do século XX, nos diria o escritor Philippe Forest.

Ora, esse sonho transatlântico, para Mermoz e nos relatos literários sobre esse personagem histórico, se cumpriu tomando os contornos do Natal, meta última. Kessel conta assim que, após um jantar em Saint-Tropez, Mermoz, deslumbrado por um clarão do pôr-de-sol, repentinamente se exclamou: “O Farol do Natal! Olhe⁴⁸!” Roberto da Silva, é claro, relembra essa miragem que enganou o Mermoz, e na sua interpretação é “como se um fio o ligasse ao Natal⁴⁹”...

46 Vicente Serejo, « Prefácio », in R. da Silva, *Op. cit.*, p. 18.

47 François Dosse, *Le pari biographique. Écrire une vie*, Paris, La Découverte, 2005, p. 381.

48 Joseph Kessel, *Op. cit.*, p. 428.

49 Roberto da Silva, *Op. cit.*, p. 617



Referências:

- A República (Jornal oficial do Estado)*, Natal, nº 167, 28/07/1928.
- ARRAIS Raimundo, “Traversées et permanences françaises: les pilotes et les avions de la Compagnie Générale Aéropostale dans la ville de Natal avant la Seconde Guerre mondiale”, in MARTINIÈRE, Guy; MONTEIRO Éric, *Les échanges culturels internationaux. France, Brésil, Canada-Québec (XIXe - XXe siècles)*, Paris: Les Indes savantes, 2013.
- BALBO Italo, *Stormi in volo sull’Oceano*, Verona, Mondadori Editore, 1932.
- CÂMARA CASCUDO, Luís da, *No caminho do avião... Notas de reportagem aérea (1922-1933)*, Natal, Edufrn, 2007.
- CASTRO ROCHA João Cezar de, *Cultures latino-américaines et poétique de l’émulation*, traduit par François Weigel, Paris, Petra, 2015.
- CONRAD Joseph, *Heart of Darkness*, Harmondsworth, Penguin Modern Classics, 1982 (1902).
- DA SILVA Roberto, *Jean Mermoz*, Natal, Sebo Vermelho, 2020
- DAVET René, « De l’Arc-en-ciel à la Croix du Sud », *Icare*, Paris, nº 68-69, 1968 – 1969, p. 192-197.
- DE BURE Guillemette, *Les secrets de l’Aéropostale. Les années Bouilloux-Lafont 1926-1944*, Toulouse, Privat, 2006.
- DOSSE François, *Le pari biographique. Écrire une vie*, Paris, La Découverte, 2005.
- FOREST, Philippe, *Le siècle des nuages*, Paris, Gallimard, 2010.
- GERBER François, *Qui a tué Mermoz ?*, Toulouse, Privat, 2009.
- GLEIZE Joëlle, « C’est impossible [...] mais on peut quand même essayer », Brno, Presses de l’Université de Masaryk, Études romanes de Brno, nº1, 2012, p. 328-340.
- KESSEL Joseph, *Mermoz*, Paris, Gallimard, 1965 [1938].

LARCHER Pierre, « L'odyssée du 'Comte de la Vaulx' », *Icare*, Paris, n° 68-69, 1968 – 1969, p. 130-140.

MERMOZ Jean, *Défricheur du ciel. Correspondance 1923-1936*, organisée par Bernard Marck, Paris, L'Archipel, 2001.

MERMOZ, Jean. *Mes vols*. Paris: Flammarion, 2011 (1937).

SEREJO Vicente, « Prefácio. Mermoz, os dias e os sonhos », in DA SILVA Roberto, *Jean Mermoz*, Natal, Sebo Vermelho, 2020, p. 13-19.

SAINT-EXUPÉRY Antoine de, *Terre des hommes*, Paris, Gallimard, 1994 (1939).

XAVIER Erasmo, « A nossa capa », *Cigarra*, vol. 1, n°1, 1928

FRANÇOIS WEIGEL é Professor adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Possui uma Graduação em licence en lettres modernes - Université de Strasbourg (2009), com um reconhecimento da Graduação no Brasil, na UFRN. Tem um Mestrado em Literatura Comparada (2011) e um outro em Etudes brésiliennes, ambos na Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3 (2012). Obteve o Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do RJ (2017), numa cotutela com a Université Clermont Auvergne (UCA).



CULTURA ANTIGA

[UMA SÍNTESE]

IV

Jurandyr Navarro

- CHINA -

Trata-se de uma das civilizações mais antigas tendo, o passar do tempo, evaporado parte do seu legado histórico e, por consequência, cultural.

O chamado **Homo erectus**; o Homem de Pequim, quinhentos mil anos. O **Homo Sapiens** pode ter surgido na China, há duzentos mil anos...

A época do chamado Neolítico, iniciada por volta de cinco mil anos a.C.⁽¹⁾.

Povoados tribais, depois alçados a dinastias, caracterizaram esse período: **San** – c. 1700 – c. 1050 a.C.; **Tsou Ocidentais** - c. 1050 a.C.; **Tsou Orientais** – 771 – 221 a.C.; **Tsin** – 221 – 206 a.C.; **Han** – 206 a.C. - 220 d.C. Focalizaremos, em síntese, esta última dinastia.

O mais famoso dos grandes filósofos da dinastia **Tsou** nasceu com o nome Kon-fusi, tendo recebido o título de mestre Kon (Kon-fusi), que os missionários jesuítas latinizaram para Confúcio, no século dezessete.

Empenhou-se em mudar a desordem social à época reinante. Buscou inspiração na antiga literatura chinesa, recolhendo o melhor das antigas tradições Tsou – o maior respeito pela autoridade, a veneração aos mais velhos e seus ancestrais nas suas lições doutri-



nárias. Proclamava: “O homem de qualidade era exigente consigo mesmo; o homem inferior, é exigente com os outros”.

Por todos exaltado, Confúcio foi aclamado alto intelectual e filósofo, um dos “primeiros autores chineses”.

A sua fama tornou-se imorredoura.

O seu “Livro da Música” foi extraviado. O escrito “Memorial dos Ritos”, a si atribuído, foi redigido na dinastia **Han**. Sua última produção literária “Primavera e Outono”, narração atinente aos doze duques de Lu, entre 722 e 481 a.C.

Em relação à sua pessoa, assim se expressa Lin-Chi, educador: “Mas o que mais nos impressiona é a sua concepção elevada em relação às virtudes fundamentais: **Chung** (fidelidade) a si mesmo e aos outros; **Shu** (altruísmo); **Fen** (humanidade); **Yi** (justiça); **Li** (decência); **Chib** (sabedoria); **Hsin** (sinceridade), sendo certo que todos foram recomendados com tanta força pelo mestre, do que ele deu exemplo pessoal, que se tornaram, desde seu tempo, o credo moral de todo povo chinês. De fato, foi essa insistência sobre a cultura moral, independentemente de sua classe ou de sua origem social, que fez de Kung Chin o mestre imortal que ele é.

Tais sete ideias primordiais, contidas em sete palavras-chaves do pensamento de Confúcio, nos revelam o sentido profundo, ético e ritualístico de sua forma de pensar”.

“A Viagem em Busca da linguagem perdida”, do autor Gustavo Korte, assinala que chamava atenção pelo seu avançado saber na escrita, no cálculo e na arte da oratória acrescentando as ciências morais e políticas.

Passou quinze anos ministrando ensino e visitando soberanos feudais, dos lugares por onde passava.

Acrescenta o autor, ter ele retornado à terra natal, Lu, já velho, homem simples, pastor de rebanho, após se tornado o mais culto, sempre respeitado pelos seus concidadãos.



Confúcio também escreveu o “Livro dos Versos”; “Livro dos Anais” e a “Crônica do Reino de Lu”.

Os chamados “Analectos”, uma coleção póstuma, do filósofo Confúcio, explicita a ideia de seus ensinamentos elevados.

Na meia idade foi Ministro. As suas virtudes influenciaram a mudança dos hábitos corruptores desde muito enraizados na sociedade asiática.

Laotsé, filósofo, século IV anterior à nossa era, legitima o poder pela Sabedoria de seus dirigentes. Foi ele e Confúcio, espécie de fundadores da Moral Chinesa. A fim de ser avaliado, o Poder deve ser obedecido pela capacidade Moral e Intelectual do governante, aconselhavam.

O taoísmo, outra visão filosófica da era Tsou, surgida como espécie de reação ao confucionismo.

Laotsé ficara no ventre de sua mãe, durante sessenta e dois anos, nascendo já idoso de cabelos brancos..., consoante lendas.

A obra a ele atribuída “Tao-te Ching”, (“O Livro do Sentido e da Vida”) reflete a filosofia taoísta do **Wu Wei**, que é definida como “agir pela não-ação”; conformando-se a um mínimo de regras sociais.

A sua tradução foi multiplicada por numerosos idiomas, sendo a sua concepção originária desses dias remotos.

A literatura chinesa é também enriquecida pela obra “Chi-Quing”, compilação contendo trezentas canções populares e religiosas, redigidas nos séculos XI e VII, anteriores à nossa era.

O escrito exordial de História-Geral pertence a autoria do sábio da Antiguidade, Sen-Ma-Tsiá: “Memórias Históricas”. Compreende cento e trinta volumes relacionados a biografias de imperadores, informando ritos, cultos, moedas, comércio em geral, etc.

Obras outras, de filósofos, tais Mêncio; as de Cuang, de assuntos literários.



Escavações arqueológicas exibem a sua cultura antiga, dilacerada pela erosão do tempo.

A evolução social provocou o surgimento da escrita que, por sua vez, propiciou a aparição das ciências experimentais. Há um texto datado de 400 e 300 a.C., contendo as mais primevas tábuas de multiplicação e divisão.

Apesar de permanente clima belicoso, o período Tsou Oriental, projetou-se um dos mais profícuos na órbita intelectual. Teorias filosóficas foram proficientes, no fenômeno conhecido como as “Cem Escolas do Pensamento”.

No livro “História da Antiguidade”⁵⁰, lê-se: “O estudo da evolução social e econômica da China, tornou-se difícil pela natureza dos escritos chegados aos dias presentes. Textos perdidos definitivamente, tornam impossível a restauração dos originais”.

O calendário agrícola chinês exigia observações astronômicas. Duzentos anos anteriores a Hiparco, os sábios chineses fizeram a precessão dos chamados equinócios, recorrendo a um calendário lunar.

Coube à China a invenção do compasso, do papel e do leme. Segundo o Padre Luiz Monte, “ninguém inventa nada; descobre”! tinham, os estudiosos chineses, ciência das raízes quadradas e cúbicas. A China já era conhecedora da Agronomia, sendo adiantada a sua Arquitetura.

Suas obras literárias preservaram-se intactas, em quase sua totalidade. A prosa de Sen-Ma-Tsiã, permaneceu perdurável durante milênios. Outros escritos compõem provérbios e canções populares. A sua música encantava nos seus cantos melodiosos e danças rítmicas.

“O papel da civilização chinesa para os povos da Ásia é comparável ao da Grécia para os povos da Europa. A técnica, a arte, a literatura e a filosofia da China serviram de modelo ao Japão, à

50 Civilizações Perdidas – Coleções Abril



Coreia, ao Vietnã e à Mongólia. A sua escrita era utilizada ainda recentemente nas obras científicas, nos textos diplomáticos e na literatura da Ásia Oriental”.

Descobertas arqueológicas atestam a grandeza da sua Cultura, sepultada há milênios. Na obra “Civilização Perdida”, nítidas fotografias são apresentadas dessas relíquias artísticas, vencedoras da erosão natural operada pelo tempo.

Uma dessas relíquias exibe numa equipe de pedra, a figura familiar, aos historiadores asiáticos, do busto de Lin Cheng, um dos filhos do imperador Jing, o quarto monarca da dinastia Han.

Tal período histórico conheceu monarcas loucos, e também sábios, tiranos cruéis e reis filósofos. Teve também legisladores, burocratas, engenheiros e comerciantes ativos, que lidavam com caravanas carregadas de riquezas pela ampla rede de estradas leste-oeste, conhecida como “Rota da Seda”.

No permeio dos séculos IV e III, anteriores à nossa era, foi a época do maior poeta da China: Quin-Iã.

Na reinante dinastia Han, os chineses “atendiam aos mortos de forma igual aos vivos”, talqualmente algumas outras dinastias, no início deste texto, mencionava o comércio desse luxuoso tecido para o Ocidente, por cerca de seis mil e quinhentos quilômetros.

O jade, elogiado por Confúcio, tinha maior valor do que o ouro e o marfim. Nas cerimônias palacianas, a “pedra do céu”, expressava o caráter de nobreza. Igualmente, por ocasião dos ritos funerários, espelhava uma oferta às divindades.

O jade era visto em sepulturas, desde milênios anteriores aos dias da Cristandade.

O auto-proclamado monarca, Zhao Mao, em cento e vinte dois a.C., foi transformado em múmia, vestido de jade, envolvido por uma espécie de manto desse mineral.



Afirmava o pesquisador Sun Yang em 1917, que “os ossos do dragão” serviam de oráculo aos monarcas San, para a decifração de suas dúvidas. Tal fato propiciou o estudo acurado em relação a esses “ossos oraculares” impressionáveis. O clima supersticioso reinante dominava o entendimento...

O desenvolvimento do sistema hieroglífico chinês, pode ser comparado ao do Egito. Os desenhos da pictografia primitiva, conservaram-se como equivalentes das palavras. É o caso dos hieróglifos “homem”, “criança”, “mulher”, “árvore”, “alto”, “baixo” etc. a combinação desses hieróglifos simples forma outros, exemplo: dois hieróglifos da palavra “árvore” significava “floresta”. Em seguida, veio a sua evolução...

O império dos Hans abrange dois espaços de tempo; o anterior a duzentos e seis (antes da nossa era) a vinte e quatro de nossa era, até a chamada insurreição dos “sobrancelhas vermelhas”, e a dos Hans posteriores, (vinte e cinco a duzentos e vinte), da nossa era.⁵¹.

O reinado Han concluiu o projeto político de Chi Huang-Ti: a unificação da China!, segundo autores credenciados.

A dinastia Han terminou com o imperador Xian. Meses após, em 1900, d.C., Dong Zhuo ocupou o poder, incendiando, com seus soldados bárbaros, a sua capital. A biblioteca imperial foi queimada com seus manuscritos e demais tesouros culturais. A sua demolição foi lamentada. Ao poeta Wang Can deplorou a perda da sua grandeza. “A grande cidade mergulhou no caos. Tigres e lobos, os destruidores chegaram. Deixei minha casa. Nenhuma viva alma; apenas os ossos brancos cobrem a campina”.

Mais adiante, após quedas e ascensões, o império Han retornaria por cerca de dois milênios.

-x-

51 A Antiguidade – História do Mundo - Primitivo e Oriente – Fulgor Ed.



Precursora? Tudo indica que sim. Reflexões a respeito assinalam que uma chinesa, de nome Ban Zhao, nascida no começo do século da Cristandade, pertencente a uma família letrada, elevou-se em instrução, o pai, um estudioso do ramo histórico, tendo ela recebido a devida educação formal da escolaridade, exigida para esse afastado tempo. Fôra, com o passar dos dias, a preceptora da então imperatriz, instruindo-a em literatura clássica, história, matemática e astronomia. Nos momentos próprios compunha versos comemorativos para festividades oficiais.

Servia, também, de espécie de historiadora para a citada imperatriz He.

Entretanto, o que a imortalizou foi a obra intitulada “Lições para as mulheres”. Ela a concebeu de um manual de guia educativo dedicado às suas duas filhas. Na sua introdução assinada: “Um homem tem a capacidade de conduzir a própria vida, todavia deploro profundamente que nesta nossa época, as moças em idade de casar não recebam alguma orientação e conselho educacional”. Alerta, também, para uma instrução igualitária para ambos os sexos. Menciona a seguir, o sentido dualístico da então filosofia chinesa, o homem é Yang, o princípio ativo, enquanto a mulher é Yin, o passivo. E acrescenta: “Ensinar apenas aos homens, e não às mulheres, não seria ignorar a relação essencial entre esses dois princípios?”

O comportamento dessa “mulher indomável”, desafiou o regime machista de outrora, inclusive o da sua época, “quando as mulheres, fossem princesas ou filhas de agricultores, eram vistas como sexo inferior. As filhas dos camponeses, com frequência, eram mortas ao nascer, por pais decepcionados...”

Eis, portanto, “existiu na corte imperial, do século segundo d.C., uma mulher indomável, nenhuma convenção de inferioridade sexual da época conseguiu reduzir sua vida a uma condição de passividade e ignorância.”



A ideia fundamental da sua obra, a primeira em relação ao assunto, “é que as meninas deveriam ter direito à mesma educação fundamental que seus irmãos”. Argumentava “que uma mulher merecia ser educada a fim de poder melhor desempenhar seu destino de esposa e mãe.”

Ban Zhao evitava discutir a noção que a força do homem é equilibrada pela doçura da mulher e que a ele caberia controlar, enquanto ela se resumiria à submissão. Preferia insistir na necessidade de reconhecer o igual valor da mulher no casamento. Dizia ela: “O relacionamento correto entre marido e esposa é baseado na harmonia e na intimidade e o amor conjugal deve se fundamentar numa união autêntica.”

Esse livro impressionou vivamente tanto homens quanto mulheres da corte. E os argumentos de Ban Zhao convenceram suficientemente pelo menos um dos seus colegas dos arquivos imperiais, que aconselhou a esposas e jovens de sua família a reproduzir o seu conteúdo para proveito pessoal, cumprindo seus preceitos. Exemplos outros, multiplicaram-se com o tempo.

Outros deveres ambiciosos ocupariam Ban Zhao na biblioteca imperial.

Com a morte do imperador He, em 106 d.C., Ban Zhao foi ser a conselheira política da imperatriz Deng, sua antiga aluna.

De tempos em tempos, o exemplo dessa chinesa inteligente e corajosa, tem incentivado à concretização desse projeto humanitário e justo, por mulheres devotadas e intelectuais, tais Nísia Floresta e outras, de dias recentes, do passado século, tendo alcançado dignificantes vitórias nas áreas educativas, políticas e sociais.

A chinesa Ban Zhao foi, certamente, a primeira a defender, publicamente, os direitos da Mulher, no universo geográfico mundial.

Consultando as páginas do aludido livro, “Reinos Soterrados da China”,⁵² vemos ainda, relatos consubstanciados, de outra

52 Reinos Soterrados da China – Editores de Times Livros – Abril Coleções – Rio de Janeiro .



mulher que também emergiu, das cinzas do passado, não sobre o aspecto cultural propriamente dito, porém estritamente histórico, que chamou também a atenção mundial. Trata-se da chinesa Xin, esposa do marquês Le Cang, primeiro ministro de Changsha, importante distrito da atual Hunan.

Chamou a atenção geral, “quando se tornou defunta, depois de 21 (vinte e um) séculos! Ficou historicamente célebre, de chamar a atenção de arqueólogos e pesquisadores. (1972).

O seu corpo ressecado miraculosamente da cabeça até os pés calçados com sapato de seda.”

Procedimentos múltiplos absorventes da umidade envolviam a câmara, vedando-a. A cova preenchida até a superfície com terra bem compactada(...) “as bactérias agentes usuais da decomposição, não poderiam sobreviver naquele ambiente sem oxigênio(...) o resultado foi um ambiente frio, bastante úmido e quase estéril, em que as delicadas sedas, os frágeis laqueados e o corpo amortalhado da marquesa permaneceram intocados pelo tempo, sem apodrecer, sem virar pó.”

Foi realizada uma autópsia após 21 (vinte e um) séculos no corpo da marquesa de Dai. “Sua pele estava suave e flexível, as articulações conservaram a mobilidade(...) As condições dos órgãos internos eram tão perfeitos que uma autópsia produziu uma detalhada história médica(...) Parece que a marquesa comia muito bem e se exercitava pouco. Sua artéria coronária esquerda – o principal vaso que supre o coração de oxigênio – estava quase totalmente bloqueada(...) O cardiologista americano Tsung O. Cheng, que estudou os relatos da autópsia, da marquesa, em 1973, afirmou: “não há dúvida quanto a isso. A marquesa morreu de um ataque de coração.”

O cadáver foi radiografado na Faculdade de Medicina de Hunan, para “onde foram especialistas de toda a China examinar os restos mortais de dois milênios (...) Foram encontrados 138

(cento e trinta e oito) sementes de melão no esófago, no estômago e nos intestinos da senhora Xin, o que indica que ela morreu, subitamente, logo após comer um pedaço de melão...”

A falecida tinha 50 (cinquenta) anos de idade.

A sua celebridade ela deveu à Morte e não à Vida!

JURANDYR NAVARRO é escritor, autor de “Páginas de Verão” e outros livros; organizou a Antologia do Padre Monte. Ex-presidente da Fundação José Augusto, ex-presidente do IHGRN, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.



CASTRO ALVES DE A A Z

Thiago Gonzaga

*“Meteoros da vida!... Errantes astros!
Fugi!...Porém que fique uma lembrança!
Passai!...Deixando os perfumosos rastros!*

(Castro Alves).

Das vertentes que o Romantismo apresentou ao Brasil, uma ficou conhecida como Condoreirismo, isto pelo voo poético ousado, pelo estilo altiloquente e quiçá pelas alusões que se faziam ao condor, a gigantesca ave dos Andes.

Considerado a terceira fase romântica, no país, o Condoreirismo deixou-se marcar pela temática social e a defesa de ideias igualitárias. Em grande maioria, os poetas condoreiros eram seguidores da intensa e exuberante poética de Victor Hugo (1802/1885, escritor e poeta francês, autor de “Os Miseráveis”, “Nossa Senhora de Paris”, “Os Trabalhadores do Mar”, romances; “A Lenda dos Séculos”, “As Folhas de Outono”, poesias, e numerosas outras obras), um dos grandes nomes que influenciaram a nossa produção literária.

O maior poeta dessa fase, no Brasil, foi, sem dúvida, o baiano Castro Alves (1847/1871). Suas composições mais conhecidas são marcadas pelo combate à escravidão – daí o cognome, que lhe deram, “Poeta dos Escravos” -, em versos candentes de poemas como “O Navio Negreiro” e “Vozes d’África”.

*“A praça, a praça é do Povo!
Como o céu é do Condor!
É antro onde a liberdade
Cria a águia ao seu calor!”*



(Versos da segunda estrofe do poema “O Povo ao Poder”, CASTRO ALVES, in “Poetas Românticos Brasileiros”, vol. I (Rio de Janeiro: Livraria do Centro, 1963 – p. 111).

Assim canta o poeta em outro arroubo cívico do seu espírito liberal. A título de curiosidade, vale dizer que o cantor e compositor Caetano Veloso parafraseou os dois primeiros versos numa de suas composições carnavalescas, “Frevo novo”:

“A Praça Castro Alves é do povo

Como o Céu é do avião”.

Jorge Amado (1912-2001), talvez o mais famoso e traduzido escritor brasileiro de todos os tempos, no ano de 1940, começou a publicar, em folhetins, a biografia romanceada *ABC de Castro Alves*. Os primeiros capítulos saíram na revista *Diretrizes* (que circulou entre 1938 e 1945) e em 1941, ele entregou o seu trabalho à editora Martins para ser publicado em livro.

A história da vida do grande poeta baiano não poderia ser registrada apenas pelos fatos e datas que marcam os seus 24 anos de intenso viver, de amar e sonhar sofregamente. Jorge Amado sabia muito bem disto. O *ABC* toma a vida de Castro Alves numa dimensão muito maior, que começa com o despertar do nativismo na Bahia do século XVII e continua até então.

Usando de uma forma popular e tradicional de narrativa, o *ABC* exalta a trajetória existencial do poeta, num misto de ensaio biográfico e crítico, abrangendo desde os seus primeiros estudos na Bahia e no Recife, até o notório reconhecimento de sua obra no Rio de Janeiro e em São Paulo. Aspecto relevante, o enfoque dos vários amores do poeta, que culminam com a grande paixão pela atriz Eugênia Câmara (1837/1879, atriz e poetisa portuguesa, veio para o Brasil em 1859 a convite do Teatro Dramático do Rio de Janeiro).



Jorge Amado, criativamente, montou a história a partir da vida amorosa e poética do bardo, ligando a sua figura romântica a acontecimentos políticos e sociais do tempo, como a Independência, a abolição da escravidão, etc.

Em realce o caráter engajado e libertário de sua poesia. Circunstâncias históricas á parte, ecoam nessas páginas as palavras mais calorosas do poeta que amou intensamente e conflagrou as ruas de Salvador, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo.

Entre biógrafo e biografado, devemos ressaltar, há grandes afinidades não só de natureza literária, mas também de profunda identificação pessoal. O espírito romântico, a fluência verbal, a preocupação com o social, enfim, o sentimento de baianidade, tudo isto os aproxima, une-os fortemente.

A obra é definida pelo próprio autor como uma louvação, e é exatamente isso que se torna evidente; a sua escrita apresenta uma estética de admiração pessoal que floresce a cada capítulo. E – vale notar – reconstrói vários momentos da vida do poeta, delineados com pinceladas ficcionais excelentes.

Começamos a leitura como se escutássemos uma confissão, e daí em diante ficamos atentos e completamente envolvidos com a capacidade do autor, de criar, estimulando os sentidos em um verdadeiro convite ao prazer.

Assim, compreendemos de onde vêm a força e a beleza encontradas nos versos do poeta baiano. Só mesmo Jorge Amado, grande artista da palavra, conseguiria aguçar nossa imaginação e nos envolver com as vicissitudes de uma grande vida, como se lhe desse continuidade nas condições de escritor e lutador pelas causas sociais.



Bibliografia

ALVES, Castro. **O Povo ao Poder**, in “**Poetas Românticos Brasileiros**”, vol. I, Rio de Janeiro: Livraria do Centro, 1963.

AMADO, Jorge. **Abc de Castro Alves**. Rio de Janeiro, Editora Record, 1983.

THIAGO GONZAGA é escritor e pesquisador. Doutorando em Literatura Comparada (UFRN) autor de vários livros, dentre eles “Literatura Afrodescendente no Rio Grande do Norte” e “A Casa das Letras”.



PÉROLA: ÓPERA AOS POROS

Armando Prazeres

Pérola, o mais recente livro de Francisco Ivan, luz em tempos turvos. E que tempos, senão turvos, o tempo do poeta! Os poemas, 30 longos, não cedem ao concordante riso, menos ainda ao consonante aplauso. Descem a subterrâneos vertiginosos para, de lá, vagarem à lume. Instante em que a Poesia, pois, é, ópera aos poros.

Pois dessa ópera participei desde a criação do libreto, quando ainda era esboço e já encenava troantes árias, como esta, em que o poeta, sob tom algo suplicante, condoi-se dos tangidos pela fúria covídica, que é vírica e política. Como se lavando o agônico grito coletivo na agrura das palavras, solicita menos vaidade e mais verdade nas ações governacionistas:

*E que num vale só de poeira,
Herdeiros de tanta sujeira
E sem dinheiro para comprar sabão e caixão
Não sejamos sepultados parecendo pobres bichos
Partindo do mundo sem notícias de jornais
(Mais ao Norte a Morte)*

A obra, termo que Ivan evita, abre-se em leque, levitando díspares imagens que amalgamam-se sem denunciar a emenda. Dessa forma, o solar Sertão do Seridó solda rutilantes mosaicos bizantinos a ponto de muito podermos ver de qualquer pouco desse livro-miradouro; a chuva de ouro de uma mesquita de Istambul se iridesce em lágrimas derramadas na fogueira da pandemia, incitando-nos à ação além-ideologias; a chama do círio pascoal de uma liturgia sacra no Seminário de Caicó projeta anamórficas sombras no hábito jesuítico de Baltasar Gracián, não para fixar dogmas, mas para transfigurar conceitos. A literatura como pré-visão de

vultos e lutas, transmutações ovídicas, que no visor caleidoscópico do poeta nos quer mais sábios e sedentos:

*Quem dera a inspiração dos deuses!
E como Ovídio pudesse dizer
“Esta é a voz de um Deus,
Que há em meu peito”.
Com sua arte me afino e escrevo
(Tristia)*

Ivan, nesse ou em qualquer outro livro de sua extensa e variada ópera literária, não abandona o trabalho com a linguagem, que aqui parece discreta mas é quando mais ela exige. Embora ensaie contar, sopra para longe o discursivo-retórico em Poesia. Alude, elidindo. Quer mais epifânico? O que é realidade à primeira vista, ilude a ótica em seguida, se atentamos aos silêncios rumorosos, ao farfalhante pontilhado reticencial, recorrentes na escritura de Ivan. E os azuis de suas páginas? Algas-reais no branco do papel-espuma, que nadam dizendo tudo.

Ao infinito plúrimo, descarte do alcance, nos projetam as realidades possíveis de *Pérola*, não apenas para constatarmos que elas existem mas para movê-las do lugar e nos lançarmos a travessias de risco. Arriscar até o último lido. A Ivan, caminho não há à experiência da escritura, que é leitura em simultâneo (“Poema escrevo com a arte da leitura”), senão pelo deslizar das relações, as mais insuspeitadas, porém, sob rigorosas analogias, estudos de filósofo da linguagem. Assim, as coisas, apartadas dos ardis do inconsciente, não passam de contagem perdida, presas ao paraíso pretensamente encontrado, pois “a educação dos cinco sentidos é trabalho de toda a história universal até agora” (Marx via Haroldo de Campos):

*Aberto está o Paraíso.
E desde sua linguagem
O esplendor de sua grandeza
Chega até nós!*



*Leio, lentamente, com a lupa;
E o que agora leio é o real,
Realmente, nosso
(Aberto está o Paraíso)*

Pérola, lida por qualquer ângulo ao toque das pedras, é para todos os sentidos com a procura em vão, única via ao válido conhecimento. Os ressentidos, colados ao visgo das garantias, tentarão até evitar, só não poderão ignorar o nascimento divino da palavra, que desafia ilusórios reinos e arruína cortejos catequizantes. Ao papel-pérola, terra fértil, ocorrem fragmentos de memórias, que Ivan parece reconstituir em episódios, mas o que ele faz mesmo, como fez com *Amphion* (Sebo Vermelho, 2019) é fábula de concretas palavras. A precisão vocabular é cabralina, mas a verve é barroca:

*Apoiada em minha orelha direita,
Escutei dessa voz
Uma nota de adoçar amargura,
E que eu dobrei os joelhos,
E diante do cortejo com coroinhas
De roupa vermelha e cota branca,
E rostos sérios curvando leve as cabeças,
Havia anjos e pássaros,
Mas ninguém sorria
(Poema de Vigília)*

Afeito à concisão, Ivan, em *Pérola*, solta o verbo, mas não verborrage. Diz até onde o dizer é redução, condensa. Se há história, não reproduz, materializa em signos, que é o lugar onde o coração é som e a ação é cor. Também não surrealiza. Se sonha ou imagina, a palavra ancora no papel o aparentemente impalpável. *Pérola* é livro para ser apalpado pelos olhos, no que traz de plástico e concreto. Vira aquilo a que mira, e nós, leitores, derivamos. É pedra quando escreve sobre o escultor seridoense Dimas Ferreira, de quem foi amigo e cultor (“onde me pus a vê-lo como

um Brancusi”); é pintura quando dedica um poema ao artista visual potiguar Jota Medeiros (“pintar é isto, é escrever com pincel”).

Nessa toada de cantos paralelos, onde se é o que se conta e então tudo conta, todos os poetas são Ivan. É Lorca quando não chora, mas canta, com acordes seridoenses, a morte do poeta granadino (“cantam comigo tuas canções/canções que ressoam como vizinhas/no chão do Nordeste com sotaque”); é Maiakóvski quando se espelha em Maiakóvski, esparsando-se na espelhidão da página (“meu poema ao poema de Maiakóvski se alinha e é igual”). É pó de linguagem quando apura a puerilidade do ser, saltitante saci que não se deixa agarrar pelas mãos de adúlteras promessas (“e pula e pula e pula e pula/pula aqui pula acolá”).

Pérola, no entanto, não é um livro de homenagens, pelo menos na acepção encomiástica do termo. *Pérola* é um livro de poesia e como tal não reduz sua leitura a temas, nem mesmo quando tematiza. Transcende. É à palavra, sempre, o maior tributo. Foi assim com *Sertanejo no mar* (Sebo Vermelho, 2018), quando Ivan fez do sertão um mar de espanhas e espinhos. O mesmo podemos dizer com *Do Barroco: um ensaio, dois poetas - Caviedes e Gregório de Matos* (Sebo Vermelho/Edufrn, 2019), livro obrigatório às letreiras que se dizem avançar, no qual Ivan, ao celebrar núpcias entre os poetas peruano e baiano do século dezessete, desconstroi toda uma noção calcarizada de cultura literária.

Um livro de ou sobre poesia, não é para uma rosa, nem para o amor, nem para o humor, nem para os mortos. É uma rosa, que o diga Gertrude Stein; é amor/humor, como sloganpo(l)emizou Oswald de Andrade; são os mortos, ao modo de James Joyce.

Visto assim, se *Pérola* funda-se numa pulsão criadora motivada a partir de uma viagem feita por Ivan a Istambul, em 2019, vai avante, retrocede, provém, provê, prevê outras rotas e expectativas. A travessia pelas águas do Bosphorus, por exemplo, mesmo que existida, ela atravessa outras margens e outros mares, vivos e mortos. Não adianta tentar refazê-la *in loco*, nem pedir ao via-

jor *selfs, takes* de paisagens, passagens, dicas de turismo, registros de viagem. Tudo vão. Ivan viaja desviando, desviando de tudo aquilo que não seja viagem ao sertão de si mesmo. E nesse sertão, viajamundo. Por isso, porque viajar é preciso, daquela viagem só restaram palavras, a viagem é palavras:

*Sobre as águas de Bosphorus me vou
Naverrando. Vou ao encontro do Mar
Que chamam Negro. Estou sentado
Em um barco dentro do mar cada vez
Mais fundo e negro e segue a linha
d'água*
(Viagem pelo Mar Negro)

As mesquitas e ruínas de Istambul, se sobreoadas, percorridas no afã do corpo ou recuperadas das primeiras aulas, não são relatos de uma experiência, mas algo que os olhos do poeta, cegos de ouvir, deram à linguagem traduzir:

Istambul,
Hoje voando sobre ti,
Dize-me, que eras para mim?
Quando ainda sem asas voava
De olhos levantados pensando em ti?
E ao alcance da vista
Dois minaretes de alto alento
Perfuram o azul infinito
(Voo sobre Istambul)

Nessas transmutações espiralares, onde não se viajou para escrever memórias mas para morar no escrever, Ivan transcria-se ele mesmo na própria viagem. Viagem de poetas, que, no nove fora borgeano, falam todos um só idioma: poesia. Décio Pignatari, de quem Ivan foi aluno e amigo, tendo-o trazido a Natal para luminosas conferências, comparece não como monumento e sim como semiose. A cada passo do poema, signos, iconicizando-se, signatarizam-se:

*Imperador do reino dos signos,
Entranhado de suas leis universais
E de absoluto saber
Foi completo e perfeito.
O signo foi sua forma incorporada,
Marca – imagem logográfica –
Com espaços de letras – palavras –
Em poesia recortada – montagem –
Preto no branco da página,
– litografia –
Letras e palavras descoladas:
Poesia
Pois é
Poesia
(Funeral, hoje, pelos séculos)*

Os Irmãos Campos, por seu turno, Ivan os hasteia em alto monte e dali os contempla com venerado ardor. Não por reverência ou desejo de sob eles abrigar-se. Ivan não é poeta porque sonhou que seria; é poeta porque a Poesia o fez e o faz a cada poema, a cada ensaio, a cada tradução, a cada livro. Diante de Haroldo e de Augusto, poema que encerra *Pérola*, Ivan fecha o céu de poesia, donde a graça e o prazer de não ceder aos falsos brilhantes:

*Os Campos são para mim
Brilhantes estrelas.
E mais: ai do marujo que tomar
O rumo errado do marear por uma estrela:
Ele se despencará nas rochas,
Nos bancos sob o mar
(De Campos: dois poetas, duas estrelas...)*

Biografemas em vez de biografias. Vida da palavra. É esse o som da ópera que opera a vida de Ivan. Quer saber a vida do poeta, leia a sua obra. Mas não leia para, leia poros.



Pérola, Francisco Ivan, Natal, Sebo Vermelho, 2021, 102 p.

ARMANDO PRAZERES é professor, doutor em Literatura Comparada pela UFRN, escritor, autor de “Pau e Pedra: O Seridó Esculpido por Luiza Dantas e Dimas Ferreira” e outros livros.

FRANCISCO SOBREIRA E SUA BETÂNIA

Batista de Lima

Francisco de Paula Sobreira Bezerra nasceu em Canindé. Há mais de 50 anos reside em Natal, e escreveu sobre Sobral. Seu nome literário é Francisco Sobreira. Sobral, ele trata com o nome de Betânia. Por isso que nesse seu mais recente livro, **Houve uma vez em Betânia**, ele trata a Princesa do Norte como cenário de uma história de amor ainda nos moldes dos anos dourados. Afinal, em 1962, quando ingressou no Banco do Brasil, com pouco mais de vinte anos, foi para aquela cidade da Zona Norte cearense para onde foi destacado. Toda sua vida foi de bancário e escritor. É tanto que, quem não leu seu **A morte trágica de Alain Delon**, não tem a dimensão da gradiosidade dessa narrativa de 1972, considerada a obra de mais impacto naquele ano na Literatura Cearense.

Nesse seu novo livro, que apresenta como subtítulo **Uma narrativa entre ficção e memória**, há situações reais de Sobral, como nome de ruas e espaços de lazer, mas há também nomes fictícios de pessoas. Atento a esses aspectos da obra, o prefaciador Thiago Gonzaga, em texto muito elucidativo, detecta mudança do realismo fantástico de obras anteriores para um novo foco no cotidiano e para problemas existenciais nesse novo livro. É bem verdade que a cidade de Sobral, com seus atrativos, e Fortaleza, em alguns momentos, revelam-se como espaços memoriais com cenas bem características dos mais belos anos da década de 1960.

Francisco Sobreira, com esse seu novo livro, apresenta-se nostálgico a ponto de, mesmo nos momentos ficcionais, estar sempre a retornar àqueles belos anos de juventude. Essa característica pontifica sempre em suas obras que se apresentam em forma de contos e romances. Já ultrapassando os dez livros, além dos dois já citados, não se podem esquecer **A noite mágica**, 1979; **Não en-**

terrarei meus mortos, 1980; **O tempo está dentro de nós**, 1989; **Palavras manchadas de sangue**, 1991 e **Crônica de amor e ódio**, de 1997. A esses citados e mais do gosto deste leitor, somem-se outros também de muito valor, além das suas participações em inúmeras antologias.

Segundo o prefaciador, que demonstra bastante conhecimento das obras de Sobreira, é curiosa sua passagem do realismo fantástico das primeiras obras para obras mais existenciais e com intertextualidades com o cinema. Aliás, Francisco Sobreira é louco por cinema. Cinéfilo, não se exime das influências adquiridas da sétima arte. Betânia, seguida de Natal, não são tão providas de atrações para diversão além de seus cinemas. É nesse panorama que trafegam Dr. Solon, Stela, Maria Augusta, Romualdo, Dorinha e Seu Bené. Daí é só entrelaçar seus destinos e deixar brotar a narrativa com seus conflitos.

Mesmo chamando a cidade cenário de Betânia, quando aparece no início da narrativa a Avenida Francisco Monte, o leitor se situa em Sobral. Essa situação fica mais nítida, quando se delinea a Praça da Coluna, que ilustra a capa, o Beco do Cotovelo e a agência do Banco do Brasil. Ainda nesse roteiro real, vão aparecendo signos característicos daqueles anos dourados, principalmente ligados ao cinema. Richard Widmark e Natalie Wood entram na conversa dos amigos como se estivessem participando do grupo. Os filmes “Caminhos Secretos” e “Um corpo que cai” fazem parte daquele colóquio com tanta ênfase que parecem também presentes James Stewart e Kim Novak.

Fazem parte do sonho de consumo dos jovens da época, a lambreta, os programas de rádio, o chiclete e a brilhantina. Nesse cenário os personagens vão surgindo: Maria Augusta, Dr. Solon, Stela e Romualdo. Quando os destinos se entrelaçam, conflitos são gerados e sonhos se desmantelam. Era uma época em que ser funcionário do Banco do Brasil ou médico era sinal de status. Daí que esses personagens masculinos eram assediados pelas moças

casadouras da cidade. Talvez aí brilhe a própria figura do autor, solteiro, funcionário do Banco e amante do cinema. Aí, era assistir “Suave é a noite” ou “Candelabro italiano” e depois fazer serenata com as músicas tema desses filmes.

Além dos cenários citados, verifica-se que Fortaleza entra no roteiro da obra. As ruas São Paulo, Barão do Rio Branco e Governador Sampaio, além da Praça dos Leões são logradouros fortalezenses por onde Dr. Solon trafega com Stela depois que ela sai do London Bank ao fim do expediente. Se a capital cearense entra no roteiro é porque tanto personagens com o próprio autor tinham como referência para lazer de férias ou fins de semana os encantos da Capital. Por isso não é de admirar que até o Liceu do Ceará apareça referido por conta dos estudos do autor e da maioria dos intelectuais cearenses.

Aposentado do Banco do Brasil desde 1991, Francisco Sobreira curte a maturidade rememorando sua própria história. Para isso prefere transfigurá-la utilizando-se de personagens fictícios. Transita da sua realidade existencial para situações em que circunstâncias lhe ajudam a transportar esse cofre de memórias. Nem tudo é transparente para o leitor, mas não importa, a gente vai além do que está escrito. Essa é a grandiosidade da obra. Afinal, quem de sua geração não passou pelo que é narrado ou não viveu o que está sugerido nas entrelinhas?

BATISTA DE LIMA é poeta e contista e professor. - Membro da Academia Cearense de Letras; Membro da Academia Cearense de Língua Portuguesa e de outras intuições culturais.

CENTENÁRIO DE ALUÍZIO ALVES

Valério Mesquita

A memória do ex-governador, deputado federal, ministro e jornalista Aluízio Alves jamais deixará de despertar em todos nós, novas reflexões sobre a sua vida e obra. É o mesmo que afirmar que sempre se dirá dele a penúltima palavra mas nunca a última. Assim foi e continuará sendo com relação a vultos da estirpe de homens públicos como Juscelino Kubitschek, Getúlio Vargas e Carlos Lacerda. Isso tudo porque efetivamente Aluízio foi um líder porque inovou, recriou, reinventou e redimensionou a máquina, os métodos e as práticas político-administrativas que imperavam desde a Velha República. Assim ocorreu nas lutas que abraçou como deputado federal e governador do Rio Grande do Norte quando desafiou e derrubou as estruturas arcaicas da administração pública por um novo modelo na educação (método Paulo Freire); na industrialização, o progresso social através da energia de Paulo Afonso, além de inúmeras obras estruturais sob o timbre da modernidade. Foi líder porque despertou os acomodados. Apaixonou o povo pelas suas causas. Dividiu opiniões sem medo do julgamento dos apressados.

Como jornalista revelou-se o criador de empresas de comunicação. Como político sensível e hábil criou o seu próprio marketing, o seu estilo e a sua logomarca. Das sombras do eclipse da democracia brasileira optou pela cambiante concretude do processo da industrialização do novo nordeste, apesar da mordaza política. Por isso, como líder nato, permanente, eu não o comparo. Eu o separo. Ele tinha o selo e a marca da exclusividade. Ninguém foi como ele. Como empresário, no curso dos dez anos da cassação, trouxe para o Rio Grande do Norte inúmeros investimentos, os quais geraram empregos, e se não tivessem sido implantados naquele tempo, não seriam hoje continuados por outros investimentos.

Como Ministro da Integração deixou o legado maior: o projeto de transposição do Rio São Francisco. Dir-se-á que Aluizio Alves conquistou o futuro.

Ao lado de suas ideias e sentimento, ele possuía a convencidora energia da palavra, eloquente e ágil. Ninguém na vida pública do Rio Grande do Norte, a não ser ele, sabia fazer de forma tão mágica e carismática. Era um vocacionado desde adolescente em 1934, quando discípulo de José Augusto Bezerra de Medeiros. Em 1946, com 25 anos já é constituinte da República, convivendo com os luminares da redemocratização do país. Aluizio foi um predestinado que empreendeu uma cruzada digna e necessária em prol do desenvolvimento do Rio Grande do Norte, tanto como deputado federal, governador, líder popular, ser humano, desprendido, abdicando de ser senador para acolher companheiros de partido (PMDB).

Tudo o mais já foi dito sobre ele e reproduzido em todos os jornais. Falar mais é repetir-se. O que importa, é que nenhuma instituição pública, nem as gerações futuras deixem de reconhecer e proclamar os seus méritos que estão gravados no bronze da história político-administrativa do nosso Estado. Político nos seus defeitos comuns e humano nas suas contradições naturais. Aluizio Alves foi o ícone de todas as lideranças políticas do Rio Grande do Norte, de todos os tempos.

Ninguém possuirá em mais alto grau, a força de vontade, tenaz e formidável, a magia política, a capacidade de trabalho e a extraordinária flexibilidade do seu talento. Foi jornalista, escritor e orador, tanto no palco iluminado do Congresso Nacional daquele tempo, como em qualquer ruazinha modesta do Rio Grande do Norte no lampejo das antigas passeatas vindas lá do sertão do Cabugi.

Neste dia 11 de agosto de 2021, fez cem anos e como dói a sua ausência. Não há mais líder como tal no Rio Grande do Norte. Mas hoje, ele é uma lembrança que o tempo não desfez.

VALÉRIO MESQUITA é escritor e advogado, autor de “Notas de Ofício” e vários outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

O SERTÃO DE CASCUDO E AZOL

Manoel Ofofre Neto

No início da década de 1930, o mestre Luís da Câmara Cascudo embrenhou-se pelo Sertão. Dos 1.307 quilômetros percorridos nas “terras curralengas”, pariu um registro de cunho afetivo e confessional, convertido numa publicação: *Viajando o Sertão*.

Nela Cascudo dá conta do épico povoamento do Sertão; defende ferrenhamente a cozinha sertaneja, a arte e suas variadas expressões relacionadas à fé. Entroniza a cantoria e o vaqueiro. Destaca o classicismo sertanejo na fala. Espora o cangaço e Virgolino Lampeão. Particulariza, sem arroteio, o Sertão.

Quase cem anos depois, Azol, outro potiguar com raízes sertanejas – do Seridó e do Oeste norte-rio-grandenses – também incursiona pelo Sertão. O registro, igualmente poético e confessional, é pictórico, é sinestésico, provocando uma encantadora experiência sensorial.

Azol, diante da imensidão do Sertão, faz ele virar mar. Mar de possibilidades estéticas e visuais, tão vastas que se arvora de múltiplas linguagens, materiais e procedimentos: pinturas, fotomontagens a partir de sobreposições, vídeos e instalação. Todos muito bem enredados, na mesma toada cascudiana, que faria o mestre aplaudir de pé.

Não excedo em afirmar que Azol confabula com Cascudo, na medida em que identifico, cristalinamente, a paleta e a tradução visual de Azol na descrição do mestre. Numa das passagens de *Viajando o Sertão*, Cascudo registra que “atravessando o vale pontiado de casinhas sorridentes e cheio de alegria, sobressaia a cor encarnada, índice de mentalidade primitiva, arrebatada, impulsiva, sensual”. Azol, da mesma forma, carrega sua tradução de Sertão nos variados tons de vermelho, a mais antiga denominação

cromática do mundo e a primeira cor a ser batizada pelo homem, numa clara e dramática homenagem às suas raízes sertanejas, como se quisesse, ainda que identificando sérias e complexas questões sociais, provocar uma contemplação

Em ambas as incursões – a literária de Cascudo e a pictórica de Azol –, como arremate, cabem as certeiras palavras, que faço minhas, de M. Rodrigues de Melo, tiradas do prefácio de *Viajando o Sertão*: “extraordinário manancial de conhecimentos, sensibilidade e ternura humana”. São poéticas visões do Sertão, transmitidas com tons fortes, que traduzem a sua luminosidade e as suas infinitas possibilidades e expressões.

MANOEL ONOFRE DE SOUZA NETO frequenta cursos de formação livre em Desenho, Pintura, Curadoria, Arte Contemporânea e História da Arte na Escola de Artes Visuais do Parque Lage/RJ, na UFRN e em outras instituições. Realiza estudos sobre História da Arte, Colecionismo, Museologia e Mercado de Arte. É Promotor de Justiça da Infância e Juventude em Natal/RN. Exerceu, em dois mandatos, o Cargo de Procurador-Geral de Justiça do Ministério Público Potiguar (2009-2013). É professor e autor de livros e artigos jurídicos e sobre arte.

CENTENÁRIO DO LIVRO “HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO NORTE”, DE TAVARES DE LIRA

Chumbo Pinheiro &

David De Medeiros Leite

A presença dos portugueses no Brasil no auge das grandes navegações que mudaram o mundo a partir do século XVI tem sido estudada a partir de diversas perspectivas e abordagens históricas. Muitas pesquisas e estudos tem sido realizadas em busca das realizações que trouxeram do continente europeu às Américas, um contingente humano para um encontro que redefiniu os conceitos de humanidade, da geografia, da história, da sociedade. Passados cinco séculos desse entrelaçamento humano cheio de sonhos, desejos, desencontros e conflitos ainda somos tentados a buscar novos conhecimentos daquele momento tão crucial para a história humana.

No Rio Grande do Norte a presença europeia tem sido investigada, problematizada e historicizada por diversos autores que ora convergem outras divergem da sucessão dos fatos que aqui se sucederam. As fontes têm sido as mais diversas, mas tem sobretudo nos cronistas da época, as notas e registros que nos levam a cada vez mais buscar compreender a nossa história e contribuir para nosso fortalecimento como identidade potiguar e brasileira.

Entre os autores que se tem debruçado sobre a história do Rio Grande do Norte, destacamos aqui o norte-rio-grandense **Augusto Tavares de Lira**. Nascido em Macaíba em 1872. Sua história, sua biografia, representam uma página importante pela significativa participação na vida política nacional. Deputado federal, governador do Rio Grande do Norte, senador da República e líder do Senado, ministro da Justiça, ministro da Viação e Obras Públicas, ministro interino da Fazenda por duas vezes, ministro e

presidente do Tribunal de Contas da União. Além de professor e doutor em Direito.

Para além de suas importantes contribuições na história política, Tavares de Lira, também deve ser destacado como historiador. Analisar sua obra histórica a partir dos novos conceitos da historiografia poderá até enquadrá-lo como um historiador político, contribuinte de uma interpretação histórica que põe luz para os vencedores e para os grandes eventos na intenção da valorização do caráter nacionalista e homogêneo na medida em que apresenta para o leitor o herói nacional circunscrito aos fatos marcantes no tempo e no espaço. Segundo René Remond:

No Antigo Regime, a história era naturalmente ordenada tendo em vista a glória e a exaltação da monarquia. As revoluções que derrubaram os regimes monárquicos não destronaram a história política de sua posição preeminente, apenas mudaram seu objeto. Em vez de fixar-se na pessoa do monarca, a história política voltou-se para o Estado e a nação, consagrando daí em diante suas obras à formação dos Estados nacionais, às lutas por sua unidade ou emancipação, às revoluções políticas, ao advento da democracia, às lutas partidárias, aos confrontos, entre as ideologias políticas. (REMOND, 2003).

Contudo, mesmo a história política, tem se apresentado dentro da ciência histórica, como um dos ramos que vai além do conceito positivista que por tanto tempo dominou as concepções do campo da história, como sublinha Marieta Moraes Ferreira:

“É preciso também apontar os caminhos da renovação da história política, seja através do estudo de temas já tradicionais,

como partidos, eleições, guerras ou biografias, trabalhados porém em uma nova perspectiva seja através da análise de novos objetos, como a opinião pública, a mídia ou o discurso.” (In.: REMOND, R. Por uma história política, FGV 2003, p. 6).

Esses são os caminhos teóricos por onde não só a história escrita pelo macaibense, mas também diversos historiadores percorreram para registrar através das suas pesquisas os fatos e os homens que marcaram seus nomes no tempo e no espaço.

Ademais a obra **História do Rio Grande do Norte**, escrita por Tavares de Lira chega aos 100 anos em 2021, reúne documentos que se não falam por si só, nos permitem uma aproximação tal que nos impulsiona a espaços e tempos em busca de novos documentos, novos vestígios, novas pistas e novas interpretações que fazem a história saltar das folhas do livro para o campo vivo onde talvez adormecido, contudo, pulsante, encontremos a história em movimento. Dentre outras produções escritas por Tavares de Lira, a história do Rio Grande do Norte, se destaca. Para tanto, nota-se que, apesar de ser um dos historiadores mais lidos do Brasil e ter também escrito uma história para o estado norte-rio-grandense, Rocha Pombo, escreve carta reconhecendo o pioneirismo de Lira, missiva que está no prefácio do Volume 167 da série de Edições Senado Federal, publicado no ano de 2012.

Por outro lado, a periodicidade apresentada na obra abrange três séculos de história, o que a caracterizaria de longa duração, conceito o qual embora não nos caiba analisar aqui, está relacionada às tendências da Escola dos Anales, que inaugurou uma vertente histórica de análise profunda dos fatos a partir de uma maior diversidade de fontes no campo da economia e da sociedade. Cabe no entanto, lembrar, que a obra do ilustre potiguar foi escrita bem antes do surgimento dos embates dos historiadores, principalmente os franceses, que inauguravam uma nova fase das análises e estudos históricos, destacadamente a Ecole des Annales já nos anos finais da década de vinte do século passado.

Tavares de Lira, em sua História do Rio Grande do Norte, abrangeu um largo espaço temporal que tem por início a conquista da Capitania chegando aos primeiros anos do século XX. Diante de uma obra dessa importância, escrita por um norte riograndense, que teve destacado papel no cenário político nacional caberia no mínimo aos potiguares conhecer um pouco mais deste nosso conterrâneo. Também nos estudos realizados no âmbito da história potiguar nota-se uma carência temática na qual esteja inserida a participação deste filho de Macaíba, não pelo fato da personalidade individual, mas sobretudo pelas ações, compromissos, responsabilidades que assumiu ao longo da sua vida pública no contexto da mudança do regime monárquico para o republicano no Brasil.

A história do Rio Grande do Norte que Lira escreveu está inserida no contexto das comemorações do centenário da Independência. Neste sentido, somos levados a pensar em quais seriam os significados, sentidos e objetivos que se queriam alcançar, considerando que o país era não mais uma monarquia, e que para além da independência e do regime que se instaurou, o poder político e o regime que vigorava era então a república que ainda estava em suas primeiras décadas.

De qualquer modo, os relatos e transcrições que são reunidas na obra cumprem ou pode-se dizer que atendem os critérios para o reconhecimento de um trabalho historiográfico que contribuiu e poderá contribuir muito na intensificação das pesquisas sobre a formação política, social, cultural e econômica do estado.

Da polêmica chegada dos portugueses, tema do historiador norte-riograndense Lenine Pinto que defende a tese de que foi em terras potiguares que eles primeiro pisaram, Tavares de Lira, embora não faça referência a dados, inicia seu livro com esta intrigante informação “É impossível fixar com segurança a época exata em que foram, pela primeira vez, avistadas as costas do Rio Grande do Norte...” mais adiante prossegue “Dada a situação geográfica, é provável que o Rio Grande do Norte tenha sido dos primeiros pontos visitados em nosso litoral, “ (LIRA, págs. 17 e 18). Levantadas

estas hipóteses o autor trata do processo da conquista da capitania. Os registros apresentados dão conta de uma disputa acirrada, não só pela resistência dos habitantes nativos, os índios potiguaras, mas também pelo fato destes índios já estarem negociando com homens de outras nações europeias, principalmente, os franceses.

Sobre a colonização da capitania do Rio Grande, nota-se que uma distância temporal a separa em relação a grande parte das demais capitanias, principalmente, pela sua localização litorânea. Considerando que a primeira expedição colonizadora data de 1530 e que apesar das imensas dificuldades, seus sucessos apresentavam algum progresso, veremos que se passaram mais de 50 anos até se tentar efetivar a colonização do Rio Grande, o que se dará por volta de 1591. Ainda assim, a luta que se travou até que se estabelecesse o domínio português é ainda carente de estudos mais aprofundados, mesmo assim, podemos notar que se trata de um período de conflitos que precisam ser mais explorados para o conhecimento histórico, cultural, social e geográfico e certamente trazendo a luz um conhecimento que poderá dar ao Rio Grande do Norte um protagonismo histórico que ainda não conhecemos.

Apenas para ilustrar um dos fatos do período, lembremos os massacres de Cunhaú e Uruaçu que devido a sua importância histórica e religiosa promoveu o reconhecimento da Igreja Católica dos homens e mulheres que na ocasião foram sacrificados em nome da fé como santos mártires.

Instalado o domínio português, o período que se seguiu foi da consolidação do poder dos colonizadores, conforme as ordens que eram remetidas da metrópole. Mesmo neste período foram muitas as ações que culminaram com o desaparecimento de uma significativa parcela da população indígena que ocupava o território norte-rio-grandense.

A consolidação do domínio da coroa não significou efetiva tranquilidade colonial. Já nos primeiros anos do século XIX, os nascidos no Brasil, já compreendiam que o país estava caminhan-

do para manter uma dependência da metrópole e por várias razões os ideais republicanos começavam a aflorar.

Mais uma vez o solo potiguar fez brotar a sua coragem, seu ímpeto, seu caráter de defesa da liberdade e ofereceu ao Brasil nomes para não serem esquecidos como o de Frei Miguelinho e André de Albuquerque Maranhão, o primeiro condenado a morte após os acontecimentos de 1817, o segundo assassinado quando ocupava o governo revolucionário instalado durante a revolução.

Todos estes fatos são narrados por Tavares de Lira, com vasta documentação. Por esta razão, cabe sem sombras de dúvidas aos nossos historiadores, cientistas sociais, antropólogos, arqueólogos e pesquisadores das áreas afins, munidos dos mais modernos métodos e sistemas de pesquisas visitar a história e trazer a luz maiores conhecimentos sobre a história do Rio Grande do Norte, inclusive as importantes contribuições de Augusto Tavares de Lira.

Bibliografia

FERREIRA, Marieta Moraes. In.: **Por uma história política**. 2 ed. FGV. Rio de Janeiro, 2003.

PINTO, Lenine. **Reinvenção do descobrimento**. RN Econômico, 1998. Natal, RN.

RENÉ, Rémond. **Por uma história política**. 2 ed. FGV. Rio de Janeiro, 2003.

LIRA, Augusto Tavares de. **História do Rio Grande do Norte**. Ed. Senado Federal. Vol. 167, Brasília, 2012.

CHUMBO PINHEIRO é o pseudônimo de Luis Pereira da Silva, Licenciado e bacharel em História e bacharel em Ciências Sociais pela UFRN. Autor do livro “O silêncio que habita” (poemas) “Nei Leandro de Castro - 50 anos de atividades literárias”, (como coautor), dentre outros.

DAVID DE MEDEIROS LEITE é poeta, escritor e professor da UERN. Doutor pela Universidade de Salamanca. Autor de «2020», «Cartas de Salamanca», «Ruminar» e outros livros. Membro da Academia Mossoroense de Letras e de outras instituições culturais.

ACADEMIA DA TERRA DO SAL

Carlos Roberto de Miranda Gomes



O ouro branco das salinas não obnubilou a outra riqueza dessa terra – o campo da cultura.

Com essa evidência, um grupo de intelectuais, reunidos na sede do Lions Clube de Macau, ratificando o ideário desenvolvido em reuniões preparatórias informais, fundou no dia 6 de dezembro de 2018 a ACADEMIA MACAUENSE DE LETRAS E ARTES – AMLA, associação civil sem fins econômicos, com a finalidade de desenvolver, promover e estimular a criação artística e científica em suas diversas modalidades de expressão, através da literatura, da música, das artes visuais e cênicas, da história e demais ciências, preferencialmente emanadas de autores, pesquisadores e artistas do Município de Macau-RN e seus vizinhos na região, promovendo a interação com entidades congêneres do Rio Grande do Norte, do Brasil e de outros países, bem assim preservar as tradições culturais de Macau e conservar seu patrimônio histórico, literário e artístico, tudo como cravado em sua Cartilha Estatutária aprovada na mesma data, em seu artigo 3º.

O elenco dos Patronos foi recrutado dentre as figuras mais ilustres da antiga Ilha de Manoel Gonçalves, em número de vinte, contornando o comum, baseado na Academia Francesa, sem embargo de que esse número seja revisto no futuro, em seguida no-

minados, com a numeração das cadeiras que ornamentam a novel Entidade: 01 – Edinor Avelino; 02 – João de Aquino; 03 – Hianto de Almeida; 04 – Benito Barros; 05 – Aurélio Pinheiro; 06 – Gilberto Avelino; 07 – Monsenhor Paulo Herôncio; 08 – José Mauro de Vasconcelos; 09 – Monsenhor Honório da Silveira; 10 – Fagundes de Menezes; 11 – Manoel Jairo Bezerra; 12 – Américo de Oliveira Costa; 13 – Hélio Dantas; 14 – Clara Tetéo; 15 – Manoel Rodrigues de Melo; 16 – Luiz Xavier da Costa; 17 – Helvécio Barros; 18 – Maestro Avelino; 19 – Olda Avelino; 20 – Walter Wanderley.

Registram-se, como seus fundadores, as pessoas notáveis da cidade da luz, aclamados Acadêmicos na mesma ordem dos números das cadeiras que ocupam, em seguida nominados: 01 – Horácio de Paiva Oliveira; 02 – Alfredo Ramos Neves; 03 – Sebastião Alves Maia; 04 – José Ribamar da Silva Filho; 05 – Michelle Patrícia Paulista da Rocha; 06 – Gildegérci Maria Bezerra Avelino; 07 – Padre Antônio Murilo de Paiva; 08 – José Saddock de Albuquerque; 09 – Luiz Gonzaga da Silva; 10 – Marlúcia Menezes de Paiva; 11 – Getúlio Ramos Teixeira; 12 – Vicente Serejo Gomes; 13 – Jonas Eduardo Gonzalez Lemos; 14 – Francisco Carlos de Oliveira Sousa; 15 – Getúlio Moura Xavier; 16 – João Lino Dantas; 17 – Herbert Martins Bezerra; 18 – Cláudio Antônio Guerra; vagas, ainda, as duas últimas cadeiras.

Para a condução da novel Entidade, foram eleitos:

DIRETORIA:

Presidente: Horácio de Paiva Oliveira

Vice-Presidente: Alfredo Ramos Neves

Secretário-Geral: Sebastião Alves Maia

Diretor-Financeiro: Herbert Martins Bezerra

Diretor de Biblioteca e Revista: José Ribamar da Silva Filho.

CONSELHO FISCAL: Titulares: Gildegérci Maria Bezerra Avellino, Getúlio Moura Xavier, Padre Antônio Murilo de Paiva; Suplente: João Lino Dantas.

A sua sede foi instalada em prédio próprio, conhecido como “A Casa do Conde”, sita na Avenida Augusto Severo, s/n – Centro de Macau/RN (CEP 59.500-000), adquirida por cessão de uso da Prefeitura Municipal de Macau, através do Decreto nº 2.491, de 28/12/2020, publicado no D.O. do Município, edição 1.715, em 30/12/2020.

A posse ocorreu em solenidade, com pronunciamento do seu Presidente que, em parte de sua fala, assim proclamou:

Aliás, LUZ se propõe a ser a jovem ACADEMIA MACAU-SENSE DE LETRAS E ARTES quando escolhe a luz para sua divisa e a insere em seu lema, na expressão poética da palavra LUME, clareza, e a contextualiza na beleza inextinguível da ilha mãe, entre mar e céu: LUMEN INTER MARE ET CAELUM (Lume entre mar e céu).

Com essas poucas palavras, rogo a DEUS que a nova Academia da Terra do Sal cumpra o seu desiderato, para a grandeza da cultura potiguar.

CARLOS ROBERTO DE MIRANDA GOMES é Professor, Advogado e Escritor, titular da cadeira 33 da ANRL e pertence a outras entidades congêneres: AML, ALEJURN, ABROL, APHICUM, membro do IHGRN, da UBE/RN, Professor Emérito da UFRN; Emérito e Doutor Honoris Causa da UnP e Membro Honorário Vitalício da OAB/RN.

O CINEMA E SEUS PERSONAGENS NA TERRA POTIGUAR

Valério de Andrade

Sebastião Carvalho foi o primeiro colunista cinematográfico que li e conheci pessoalmente. Era crítico do Diário de Natal. Ficamos amigos. Creio que, cronologicamente, foi o primeiro entre nós a comentar diariamente os filmes em cartaz, como ocorria nos jornais cariocas e paulistas.

Nas nossas conversas, no Grande Ponto, depois das sessões das 20 horas do Rio Grande e do Rex, ele citava com frequência o nome de Moniz Vianna. Foi, portanto, através de Sebastião Carvalho, que o célebre crítico do Correio da Manhã passou a fazer parte do meu universo cinematográfico.

A FRUSTRAÇÃO – Sebastião Carvalho era mais do que um crítico de cinema. Era um jornalista eclético. Escrevia depressa e sobre qualquer assunto. Vi ele datilografando as laudas de um programa – creio era o episódio de uma novela radiofônica – enquanto ela estava indo ao ar na Rádio Poti.

Em 1958, Sebastião foi para o Rio de Janeiro. Estava preparado para ingressar na grande imprensa carioca, na época a maior do País e conhecida nacionalmente. Combinamos que ele iria visitar o Moniz Vianna. Mas ele não foi.

Em fevereiro de 1958, na minha primeira visita ao Rio, ao encontrá-lo percebi que alguma coisa havia dado errado. E, neste mesmo ano, ele voltou para Natal.

Infelizmente, Sebastião Carvalho não teve a sorte que eu tive.

O SEGUNDO CRÍTICO - Mais ou menos na mesma época (1955) que conheci Sebastião, também conheci Arnóbio Fer-

nandes, então colunista do jornal A República. Ficamos amigos. Também me tornei seu leitor.

Arnóbio Fernandes Pinto, que se tornaria professor da Universidade Federal do RN, tinha mais afinidade com o cinema europeu do que com o americano. E, ao contrário de Sebastião, não costumava citar o Moniz Vianna nas nossas conversas no Grande Ponto. O autor de “O Gangster no Cinema”, o potiguar Salvyano Cavalcanti de Paiva, figurava entre suas admirações.

O nosso grupo tinha mais dois cinéfilos: o publicitário João de Souza, que não tardaria a ir para o Rio, e Waldemar de Souza, cujo pai tinha uma farmácia no Alecrim e que se tornaria acadêmico de medicina. Nós fundamos o Cine Clube Tirol.

O CRONISTA DA CIDADE - Em 1956, Berilo Wanderley estreou na Tribuna do Norte com a coluna “Revista da Cidade”. Como indica o título, a temática jornalística era diversificada, mas, pouco a pouco, foi deixando o registro social cotidiano e passando a priorizar o enfoque cultural.

O cinema estreou nela com cinco notas, e, na última, ele diz: “Pretendíamos falar de “Em Cada Coração um Pecado”. Mas já falamos muito de cinema e o espaço da secção é pequeno. Falaremos amanhã”.

E não deixou mais de falar de filmes, e, de suas estrelas favoritas, cujo clímax platônico foi um encontro imaginário com Marlene Dietrich.

Não pertenci ao ciclo de amigos íntimos de Berilo Wanderley. Tivemos encontros pessoais episódicos e um relacionamento cordial. Mas vim a saber pela sua amada, Maria Emília Wanderley, que era meu leitor no Correio da Manhã.

Quando morreu, em 20 de julho de 1979, eu estava no Rio de Janeiro.

A GERAÇÃO DOS ANOS 60 – Não participei do advento da geração de críticos e cineclubistas natalenses dos anos 60 e 70.

Sobre aquele cotidiano cinematográfico o nosso pesquisador cinematográfico, Anchieta Fernandes, é quem talvez esteja mais apto para fazer o cinejornal daquela época - uma grande época e que não voltaria a se repetir.

Por coincidência, alguns dos participantes eram ou foram alunos do Colégio Marista, como, por exemplo, Valério Mesquita, Cláudio Emerenciano, Bené Chaves. Outro nome conhecido, Moacy Cirne, veio do interior do Estado. E do Ceará, com lugar cativo entre os melhores, e não só de Natal, continuamos tendo o escritor e crítico de cinema Francisco Sobreira.

José Bezerra Marinho, que viabilizou no Governo estadual o Festival de Cinema de Natal, em 1987, também abrilhantou o nosso cineclubismo. Alderico Leandro e Falves Silva também estiveram presentes.

NO TEMPO DO ROYAL CINEMA - Lá atrás, tivemos Alvarado Furtado, nos anos 30. Em seu livro, “O Mito em Água e Sal”, nosso inesquecível Salvyano Cavalcanti de Paiva nos leva para o tempo de Tom Mix e descortina as pernas de “O Anjo Azul” no cartaz do filme no Teatro Carlos Gomes.

Nos dias atuais, já fazendo parte da nossa História, o crítico carioca Rodrigo Hammer e o Professor paulista Nelson Marques, que trouxe de volta as sessões do cineclub e teve presença marcante na criação da atual Associação de Críticos de Cinema de Natal.

PRESENCAS MARCANTES - Num levantamento histórico sobre o Festival de Cinema de Natal, não se pode deixar de ressaltar as presenças dos médicos Ernani Rosado e Eudes Moura, do artista plástico Dorian Gray Caldas, do pintor Leopoldo Nelson, do arquiteto Ubirajara Galvão, da jornalista cultural Rejane Cardoso, de todos os jurados do Festival de Cinema de Natal. O mais solicitado, o escritor Iaperi Araújo, presidiu, inclusive, o Júri Nacional formado por críticos e diretores do Rio e São Paulo.

INTERVALO – Ainda há muito o que dizer sobre o cinema em Natal, de ontem e de hoje, sobre os seus personagens, mas isso ficará para outra ocasião. O que fiz foi um pequeno trailer – o filme poderá ser feito por um dos citados nesses fotogramas da minha memória.

VALÉRIO MARINHO DE ANDRADE é Jornalista profissional. Pesquisador Cultural. Documentarista. Criador do Festival de Cinema de Natal. Crítico de Cinema e Televisão da imprensa carioca. Colaborador da Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Membro Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

HITCHCOCK - SUSPENSE, DRAMA E HUMOR

Manoel Osofre Jr.

Dois mitos da sétima arte, Billy Wilder (1906-2002) e Alfred Hitchcock (1899-1980) criaram obras-primas sem nunca deixarem de agradar ao grande público. Como poucos cineastas, eles conseguiram esta proeza: fazer cinema-arte e divertimento, ao mesmo tempo. Sou fã deles, incondicionalmente.

Sobre Billy Wilder escrevi artigo publicado no Jornal de Fato e no blog Papo Cultura, depois incluído na coletânea “(Espaço) Jornalista Martins de Vasconcelos” (2019). Fiquei devendo a mim mesmo algumas palavras sobre Hitchcock. Personalíssimo, tinha ele um estilo próprio, que fez escola. Não se pode falar em suspense sem lembrar o seu nome. Prolífico, dirigiu cerca de 55 filmes, bem mais do que Billy Wilder. Antes de fazer carreira em Hollywood, sua filmografia, na Inglaterra, pátria de origem, já contava com 26 títulos, dentre filmes mudos e sonoros, dos quais se destacam “Os 39 Degraus”, “A Dama Oculta” e “O Homem que Sabia Demais”.⁵³

Em 1948, já firmado na Meca do Cinema, ele passou a lidar com a cor, o que lhe abriu mais um campo para suas experiências. “Festim Diabólico” foi o seu primeiro filme colorido, obra marcante sob vários aspectos. Toda a ação, ou quase toda, transcorre no interior de um apartamento de Nova York, onde moram dois rapazes, personagens psicóticos, em torno dos quais arma-se a trama.

De modo extremamente original, o diretor ousa filmar tudo com uma única câmera, sem qualquer corte do princípio ao fim. Uma façanha. Algo nunca visto. Poucos outros filmes, na História do Cinema, conseguem tamanha unidade de espaço e tempo, como “Festim Diabólico”. Hitchcock estava, então, no auge da carreira artística. Alguns dos seus melhores filmes viriam em seguida: “Pacto Sinistro”, “A

Tortura do Silêncio”, “Janela Indiscreta”, “Ladrão de Casaca”, “O Homem que Sabia Demais” (refilmado), “Um Corpo que Cai”, “Intriga Internacional”, todos da década de 1950, os dois primeiros em preto e branco, e os demais coloridos. São filmes arrebatadores, fascinantes pela mistura bem dosada de suspense, drama e humor.

Muitos outros grandes filmes realizou o mestre:

“Rebecca, a Mulher Inesquecível” (primeiro em Hollywood, 1940), “Correspondente Estrangeiro”, “A Sombra de uma Dúvida”, “Um Barco e Nove Destinos”, “Disque M para Matar”, “Psicose”, “Os Pássaros”, “Frenesi”. Gosto de todos e de vários outros, mas, dois - “Um Casal do Barulho” e “O Terceiro Tiro” - não me empolgaram.

Considerado por muitos críticos como a sua obra-prima, “Psicose” é um filme de terror bem diferente dos demais da mesma modalidade até então realizados. Hitchcock dignifica o gênero, por assim dizer, expressando um intrincado caso psiquiátrico. Todavia, como diz Rob Hill, em “501 Filmes que Merecem ser Vistos”, “Psicose foi sua primeira incursão no gênero terror, mas o terror só acontece depois de um terço do filme”. “Intriga Internacional” – um Everest de criatividade – é a cara do diretor: reúne todos os elementos de seus *thrillers* de perseguição, “desde a primeira versão de “O Homem que Sabia Demais” (Bodo Frundt, “Alfred Hitchcock e seus Filmes”. Ediouro, 1992).

A lista dos melhores filmes estadunidenses, apresentada pelo American Film Institute, em 1998, para comemorar os 100 anos do Cinema, inclui quatro obras de autoria de Hitchcock: “Psicose” (18º lugar), “Intriga Internacional” (40º), “Janela Indiscreta” (42º) e “Um Corpo que Cai” (61º). Hitchcock fica atrás, somente, de Steven Spielberg (5 filmes), injustamente, aliás, e empata com Billy Wilder. Para elaborar a referida lista, “mais de 1500 artistas e membros da indústria cinematográfica foram entrevistados, segundo determinados critérios” (Wikipédia).⁵⁴

A presença de Hitchcock em tal documento diz bem da sua importância como cineasta, cuja influência se faz sentir até hoje

no mundo do cinema. O seu legado deixa-se entrever na obra de diretores renomados, como, por exemplo, François Truffaut (autor de um livro a seu respeito), Brian de Palma e vários outros.

Rubens Ewald Filho, crítico e pesquisador, corrobora: “Incansavelmente criativo, inovador, sempre procurando novas fórmulas narrativas, novos movimentos de câmera, um desafio diferente a cada filme, é também de todos os cineastas o que mais teve imitadores ou discípulos” (“Dicionário de Cineastas”, 2002).

Enfocando o lado humano, afirma Bodo Frundt: “Na sua vida pessoal, não foi, certamente, nem mais feliz nem mais desesperado do que qualquer outro; apenas trabalhou muito para se expressar, e o fez melhor do que a maioria dos que o tentou” (sic) (ob.cit). Notável a sua predileção por atrizes louras nos papéis principais. “Louras glaciais”: Gracy Kelly, Ingrid Bergman, Marlene Dietrich, Kim Novak, Eva Marie-Saint... Diz-se que alimentava secreta paixão por Grace Kelly.

Nenhum outro diretor soube se autopromover, com tanta engenhosidade, quanto ele, de modo que a sua figura tornou-se emblemática. Mas, como disse Ewald Filho, sua fama está longe de ser injusta (ob. cit.).

Para encerrar estas notas, uma curiosidade: Hitchcock sempre fazia uma “ponta” em seus filmes, às vezes tão rápida que o espectador nem chegava a percebê-lo. Idiossincrasia de um gênio dotado de alto senso de humor.

Para saber mais.

Existe mais de uma dezena de livros sobre a vida e a obra de Hitchcock, quase todos não traduzidos para o português. Conheço a obra já referida, do escritor alemão Bodo Frundt, cuja leitura recomendo. Note-se que, além de François Truffaut, autor de “Le Cinema Selon Hitchcock” (1966), três outros famosos cineastas estudaram Hitchcock em livro: Peter Bogdanovich (“The Cinema

of Alfred Hitchcock”, 1963) e Claude Chabrol & Eric Rohmer (“Hitchcock, The First Fourty Films”, versão inglesa do original francês, 1979), em parceria.

Notas

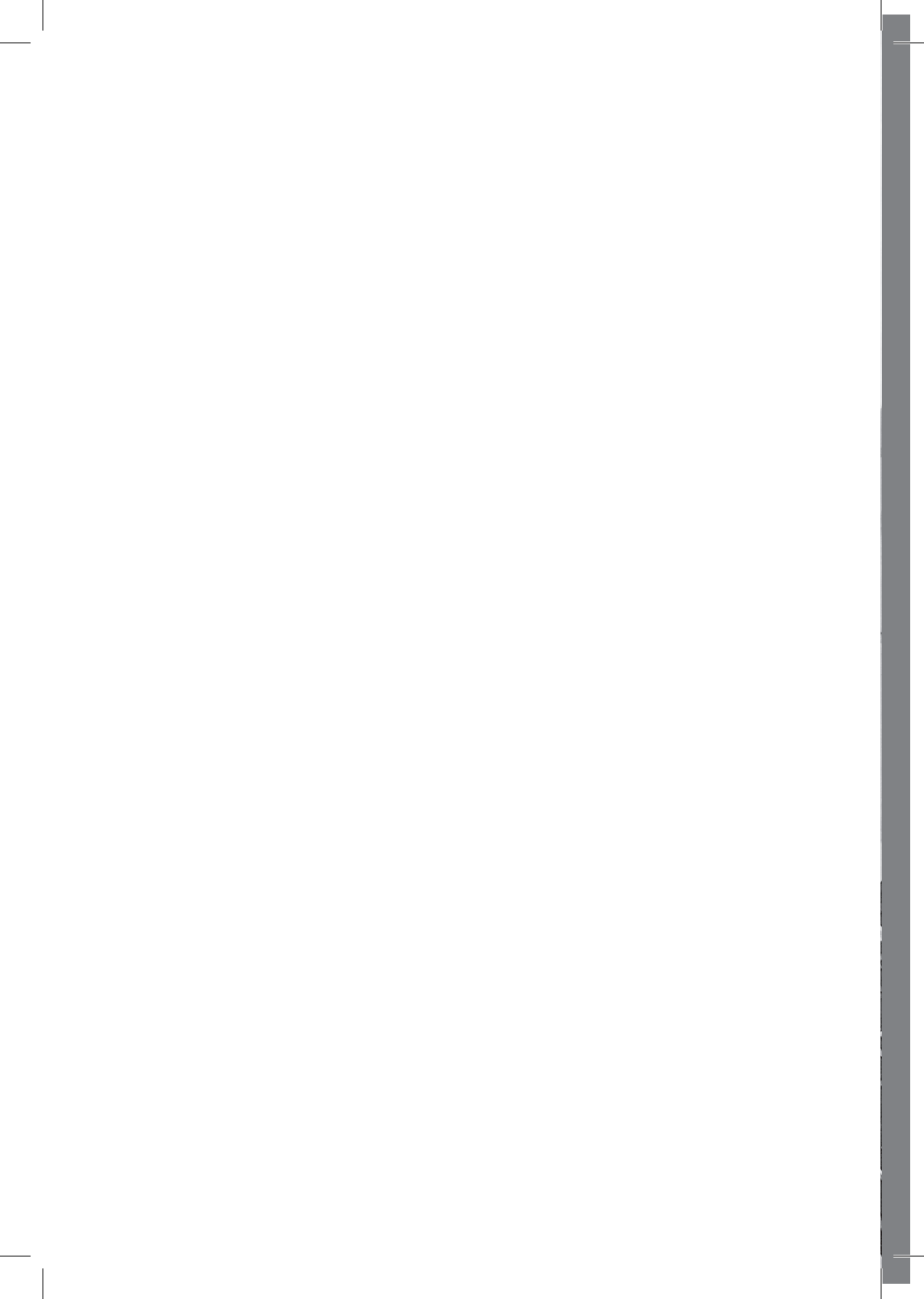
53. Hitchcock foi roteirista de alguns dos seus filmes, notadamente na fase inglesa. Em outros contou com a colaboração de sua mulher, Alma Reville.

Vários exemplares de sua filmografia tiveram roteiros baseados em obras de ficcionistas mundialmente famosos: Somerset Maughan (“Agente Secreto”), Joseph Conrad (“O Marido era o Culpado”), John Steinbeck (“Um Barco e Nove Destinos”), Daphne du Maurier (“Rebecca”, “A Estalagem Maldita”, “Os Pássaros”) e Patricia Highsmith (“Pacto Sinistro”). No mais valeu-se de obras ficcionais pouco conhecidas.

Thorton Wilder, ficcionista e dramaturgo americano, participou do roteiro de “A Sombra de uma Dúvida”. Este filme, por sinal, era o preferido de Hitchcock.

54. No livro “1001 filmes para ver antes de morrer” (Steven Jay Schneider organizador, 2008) constam 18 filmes de Hitchcock, comentados por diversos críticos. Dos demais cineastas em foco no livro: John Ford e Stanley Kubrick (9 filmes, cada), Steven Spielberg (8 filmes), Billy Wilder (6 filmes, quase todos em página dupla) e outros menos votados – Fellini, Orson Welles, Bergman, Buñuel, Antonioni, Howard Hawks, Martin Scorsese, etc.

MANOEL ONOFRE JR. é escritor e desembargador aposentado. Autor de “Chão dos Simples”, “O Caçador de Jandaíras”, “Ficcionistas Potiguaras” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e de outras instituições culturais.



ENTREVISTA





CONVERSA COM IVAN MACIEL DE ANDRADE*.

Por Lúvio Oliveira

A presente entrevista busca, talvez ainda de forma insuficiente, porém com honestidade de propósito e esforço em busca do desiderato, traçar um mapa humano e intelectual de um personagem especialíssimo e de um jurista e escritor culto e pleno de erudição: Ivan Maciel de Andrade. O entrevistador possui facilidades e dificuldades muito peculiares na tarefa a que ora se atreve diante do entrevistado. A uma, porque é admirador profundo e perene daquele que esteve entrevistando e se considera mesmo um discípulo direto (com muito menor quilate, por óbvio) do mestre; condição que vem de longe, das aulas de Introdução ao Direito nos bancos acadêmicos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e das leituras dos seus textos na imprensa potiguar. A duas, por se considerar ainda – mesmo que no status honroso de confrade do entrevistado, na Academia Norte-rio-grandense de Letras – um interlocutor muito reverente da personalidade e da obra de Ivan Maciel de Andrade, este que naquele sodalício da rua Mipibu, em Natal, ocupa a Cadeira nº 17, sendo o sucessor imediato do saudoso Aluízio Alves.

Talvez fatores como os descritos acima impeçam uma cômoda e tranquila atitude nessa situação inusitada de entrevistador. Mesmo assim, não se perdeu a oportunidade rara e extremamente necessária, essencial. Hoje tem-se aqui um pequeno documento, que traz mera síntese possível nesse formato, acerca de uma mente privilegiada e acima de qualquer média. Ivan Maciel de Andrade, os leitores percebiam, não é somente uma joia incrustada na Academia Norte-rio-grandense de Letras. Possui uma representatividade e uma estatura que o fazem ser um dos mais louvados escritores da atualidade no Rio Grande do Norte, tanto pelo leitor comum, como pelos que compõem a intelligentsia potiguar, por deter as

capacidades intelectivas e a coragem e a altivez moral de dizer o que deve ser dito.

Além de tudo o que foi destacado, vale um destaque para o aspecto de que o escritor entrevistado possui algo inatingível e insuperável nos textos que hoje publica na imprensa potiguar e que tem reunido em importantes, incontornáveis, imperdíveis livros (o mais recente, publicado pela Caravela Selo Cultural, intitula-se “Fios da Meada”): o estilo, a estética e o sabor do texto, que fazem com que o leitor se torne fiel e que nutra sempre o anseio pelo próximo que virá, em contínuos embevecimento, deleite mesmo, diante das palavras que lhes chegam aos olhos e à mente reflexiva, porque assim os provoca e os convoca Ivan Maciel de Andrade.

Confirmam, agora, o que é o essencial: o primor das respostas do entrevistado:

A entrevista

[L.O.] Professor Ivan Maciel, sabe-se que a sua relação com as letras – sejam elas no campo jurídico, sejam elas no campo artístico-literário – têm muito a ver com a sua admiração pela figura paterna. O senhor poderia nos descrever a figura do seu pai e os vínculos comuns que se constituíram em torno das ideias, do intelecto, da produção a partir da palavra escrita (no campo jurídico e literário)? Claro que, nesse caminho, também se indica falar acerca do ambiente da casa, da infância e da adolescência, com a inclusão da figura materna e demais personagens familiares nesse importante contexto das suas origens.

[I.M.A.] Meu pai (Dario Jordão de Andrade) era, sobretudo, um homem humilde. Por índole. Nunca se promoveu, nunca fez marketing de si mesmo, em meio a tantas “mediocridades triunfantes” e ciosas de sua projeção social. Foi professor do curso secundário; depois de aprovado em concurso, se tornou Promotor de Justiça e, por fim, também mediante concurso, chegou à car-

reira da Magistratura (que encerrou no cargo de Juiz de Direito da Comarca de Natal). Gostava de ler. E lia muito. Interessava-se não apenas pelas disciplinas jurídicas essenciais ao exercício de sua função judicante, mas, com prazer ainda maior, se dedicava à Filosofia e à Sociologia do Direito. E tinha paixão pela literatura, nacional e estrangeira. Apesar disso nunca aceitou o rótulo de intelectual. Assinava e lia, diariamente, jornais do Rio e de São Paulo. Gostava de ler em francês, embora lesse também razoavelmente em inglês e italiano. E estudou durante muito tempo alemão, sozinho, fazendo caprichosos exercícios num caderno pautado, com uma gramática e um dicionário de lado. Na verdade, eu fiz o Curso de Direito muito mais com ele do que com os professores que integravam o corpo docente da antiga Faculdade de Direito.

Por outro lado, aprendi com minha mãe (Jenny) a solidariedade ao próximo: ela não podia ver ninguém sofrer privações que não prestasse ajuda, auxílio, apoio, sem que a mão esquerda percebesse o que a direita fazia, como recomenda o Evangelho. Minha irmã Sônia formou-se na Faculdade de Direito de Maceió e não desfrutou do privilégio do acompanhamento de meu pai em seus estudos. Devo dizer que sempre achei Sônia a pessoa mais inteligente com quem convivi em minha vida. Quanto à minha infância, foi marcada pela presença de meus avós maternos: Olímpio e Ellen. Passava as férias na casa deles em Macaíba. Meu avô Olímpio era carismático, de atitudes ponderadas, firmes, éticas. Sua influência – como exemplo de honestidade e caráter – se estendia por toda a família, incluindo filhos e netos. Já quis muito escrever uma obra de ficção inspirada em meu avô Olímpio. Iniciei o projeto e nunca o levei adiante. E, sem imodéstia, sinto que poderia ter sido (dentro de meus propósitos) bem-sucedido. Lamento não ter perseverado. O meu tio materno, José Maciel, foi um grande, inesquecível, fundamental amigo durante as mais diversas fases de minha vida. Mas não posso esquecer, nessas lembranças, a minha avó materna, Sofia (meu avô paterno morreu muito moço), filha de italianos, lutadora, expansiva, uma heroína, pela capacida-

de de trabalho e abnegação, com quem convivi quase diariamente em minha adolescência. Manteve a família (os cinco filhos) com modestas atividades comerciais. Dessa linha paterna, vieram dois primos estimadíssimos: Ticiano Duarte, que já faleceu, e Valério Mesquita, ambos jornalistas e escritores.

[L.O.] Com a maturidade, a opção pelo Direito como escolha de ordem profissional foi algo natural ou se impôs como realidade pragmática? Em que dimensão o pensamento filosófico tocou nessa escolha, como análise das questões da vida e como disciplina associada ao conhecimento jurídico (em face da sua clara paixão pelo pensamento filosófico)?

[I.M.A.] A opção pelo Direito foi vocacional. Estimulada, naturalmente, por meu pai. Como sempre gostei de ler, convenci-me de que no campo jurídico teria as condições ideais para realizar essa paixão/compulsão. Ingressei na antiga Faculdade de Direito da Ribeira com 17 anos. Logo depois de concluída a graduação, fiz concurso para o Ministério Público. O interstício – o tempo entre a graduação e o concurso – para ingresso no Ministério Público foi dispensado pelo Governador do Estado (à época, Dinarte Mariz), em homenagem à primeira turma que se formava em nossa Faculdade. Pouco depois de ingressar no Ministério Público, fiz concurso e tornei-me professor do Curso de Direito da UFRN. Ensinei durante décadas a disciplina Introdução ao Estudo do Direito e, eventualmente, Filosofia do Direito.

Daí é que surgiu, se ampliou e se intensificou o meu interesse pelos aspectos filosóficos e sociológicos do fenômeno jurídico. Durante certo tempo sonhei em fazer uma pós-graduação no exterior. De preferência, na Alemanha. Tentei, mas não tive apoio nenhum para esse projeto. Reconheço que naqueles tempos esse projeto era de difícil realização. Ainda mais porque meu pai era um modesto Juiz de Direito, sem condições de assumir custos que excedessem as despesas domésticas. De qualquer forma, acredito que se morasse em São Paulo talvez as coisas fossem diferentes.

Diante dessa impossibilidade, fiquei – sem qualquer sentimento de frustração – absorvido pelas atividades funcionais e docentes.

[L.O.] Nessa trajetória profissional, também na visão acerca da vida, quais as suas influências estruturais decorrentes das leituras e das vivências diversas, no campo humano e humanístico, na trajetória profissional e de vida? Também numa síntese descabida, mas possível: quais os seus autores e livros de formação? E quais os que continuam sendo relidos?

[I.M.A.] Sempre me dediquei a todos os ramos do Direito. Mas o Direito Civil me atraiu muito, de início, devido a dois autores: Caio Mário da Silva Pereira e Orlando Gomes. Poucos ficcionistas e ensaístas brasileiros consagrados conseguiram escrever com a qualidade estilística de Caio Mário. Eu lia suas “Instituições” não só para aprender como pelo prazer da leitura. Orlando Gomes vinha em segundo lugar. Mas eu o lia também com enorme satisfação. Havia um criminalista, hoje esquecido, que criava surpreendentes imagens literárias – que eram repetidas por magistrados e advogados – tratando de delitos e de penas: Nelson Hungria. Era uma leitura erudita, mas sobretudo agradável: aprendia-se Direito Penal através de uma linguagem que somente podia ser encontrada em boas obras literárias. Contudo, eu tinha sempre à mão o monumental “Tratado de Direito Privado” de Pontes de Miranda. Lia-o de forma concentrada, paciente, mas com inesgotável admiração. Em matéria de Introdução ao Estudo do Direito, formei uma vasta biblioteca de autores nacionais e estrangeiros. Entre os brasileiros, dois nomes: A. L. Machado Neto e Tércio Sampaio Ferraz.

Devo observar que, durante um longo tempo de minha vida, fui principalmente um estudioso da teoria jurídica – no campo da própria Dogmática e nas esferas sociológica e filosófica. Quanto à minha formação literária, para ela contribuíram sobretudo dois escritores: Machado de Assis e Eça de Queirós. Deveria citar também Marcel Proust. E Fernando Pessoa. E Tolstói. E Dostoiévski. E Tchekhov. Lia sem método. Escritores antigos e recentes. Fic-

ção, poesia, ensaios literários, obras filosóficas. Li e reli “A comédia humana”, de Balzac, bem como James Joyce, Virginia Woolf, Kafka, Thomas Hardy, Flaubert, Faulkner, Albert Camus, Thomas Mann, Sartre e muitos outros escritores estrangeiros. Houve uma época em que me apaixonei pela ficção científica, mas, depois, passei a me interessar pelos romances policiais (um gênero pelo qual ainda hoje mantenho um grande interesse). Não posso esquecer, entretanto, os escritores brasileiros – Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, José Lins do Rego, Guimarães Rosa, Clarice Lispector. Continuo relendo, frequentemente, Machado de Assis.

[L.O.] O senhor teve uma trajetória profissional extremamente rica, tendo exercido diversos cargos importantes no contexto jurídico e político do Rio Grande do Norte. Que experiências considerou essenciais à construção da sua biografia? Quais as personalidades que mais lhe trouxeram fortes e indeléveis impressões? Quais os momentos culminantes e os mais delicados no contexto histórico em que esteve envolvido nessas décadas?

[I.M.A.] Destaco, desde logo, Geraldo Melo. Particpei com ele do CED (Conselho Estadual de Desenvolvimento) do governo de Aluizio Alves. Lá, no CED, é que foram elaborados os principais projetos que, adotados por Aluizio, mudaram radicalmente a face administrativa do nosso Estado, criando uma infraestrutura de órgãos e de serviços até então inexistentes.

Todos que conhecem Geraldo Melo sabem que ele é talentosíssimo. Excelente orador, jornalista, escritor (ficcionalista), grande conhecedor da economia estadual. Fez uma inovadora, eficiente e austera administração no Governo do Estado (durante seu mandato fui Consultor-Geral) e teve brilhante atuação no Senado Federal, com ideias e iniciativas que beneficiaram o Rio Grande do Norte e o próprio país. Saí do CED para implantar, a convite de Aluizio Alves, um novo órgão da Administração estadual: o Departamento Jurídico (de que fui Diretor-Geral), que aglutinava todos os Procuradores estaduais e que foi transformado depois na

Procuradoria-Geral do Estado. Ainda no governo de Aluísio Alves, fui Procurador-Geral de Justiça (que corresponde à chefia do Ministério Público). Aluísio foi um dos maiores tribunos políticos deste país, com a mesma estatura de um Carlos Lacerda. Sacrificou sua vocação de jornalista, em que adquiriu projeção nacional, pela política. Carismático, inteligente, com enorme capacidade de liderança, tinha uma personalidade marcante que, para o povão, assumiu proporções messiânicas. Multidões o seguiam fanaticamente, ouvindo-o e aplaudindo-o, num fenômeno de mobilização popular que nunca tinha ocorrido e jamais voltou a ocorrer em nosso Estado. Fez um governo que transformou e modernizou a Administração Pública, proporcionando o funcionamento de novos órgãos e segmentos administrativos que ampliaram substancialmente a prestação de serviços à coletividade.

Fiz parte também do governo (no cargo de Consultor-Geral) do Monsenhor Walfredo Gurgel – um governante responsável, criterioso, prudente, preocupado em que suas realizações (que foram muitas e relevantes) estivessem sempre dentro da capacidade de investimento e de endividamento do Estado. O Monsenhor Walfredo era pessoalmente agradabilíssimo, pela educação, cordialidade e simplicidade espontâneas (tipicamente sertanejas), pelo elevado nível intelectual e pelo informalismo com que tratava os seus auxiliares e, de resto, todas as pessoas que o procuravam na condição de Governador do Estado. Pertenci ainda ao governo de Garibaldi Alves, nos dois mandatos que lhe foram concedidos (na condição de Consultor-Geral). Garibaldi fez um governo marcado pelo espírito empreendedor, deixando um legado fabuloso de obras destinadas a dinamizar a economia estadual. Quanto à pessoa de Garibaldi, o mínimo que se pode dizer é que ele se comportava mais como amigo do que como autoridade em suas relações com o funcionalismo, dos de maior aos de menor hierarquia, e com o público a que atendia em suas frequentes e numerosas audiências. Garibaldi, pela competência e experiência, está credenciado a cumprir da melhor forma possível qualquer mandato popular que lhe seja conferido. Fora da

área administrativa, destaco três figuras, que conheci de perto: Raimundo Nonato Fernandes, Múcio Vilar Ribeiro Dantas e Américo de Oliveira Costa. Os dois primeiros, pelos excepcionais conhecimentos jurídicos e, o último, por seus méritos de ensaísta literário, que transcendiam em muito os limites da província.

[L.O.] Confesso que tenho uma curiosidade sobre o que lhe dá mais prazer na atualidade como leitor. Quais os temas eleitos e linhas de leitura? Obviamente, quais escritores e articulistas lhe trazem o prazer do texto (vide Roland Barthes)?

[I.M.A.] Continuo a ler e reler tudo o que me desperta interesse (de textos jornalísticos a estudos filosóficos). Mas uma leitura que considero especialmente prazerosa, pelo texto, é a de Jorge Luis Borges. A leitura desse escritor argentino nunca termina. Há sempre o que descobrir nele através de releituras. Compreendo que haja críticos e leitores que se concentram obsessivamente na obra de Borges, com exclusão de qualquer outra, para estudá-la e compreendê-la melhor, na plenitude de seus múltiplos, enigmáticos e desconcertantes significados.

[L.O.] Uma pergunta que parece ser essencial quanto ao entorno da nossa existência como país democrático (e sou sabedor das suas preocupações quanto a esse assunto): como o senhor vê o futuro do país e dos valores da Democracia diante da realidade da pandemia associada a experimentações políticas (às quais temos assistido perplexos) de natureza, digamos, extravagante?

I.M.A. Tenho receio do que haverá em nosso país após as próximas eleições presidenciais, se o candidato que pretende permanecer no poder for derrotado e tiver de transmitir o cargo ao seu sucessor. Vai acontecer a mesma sublevação que ocorreu nos Estados Unidos? Lá, o princípio de insurreição foi contido pelo aparato de segurança, que se manteve fiel à democracia. E aqui? Como vai ser?

[L.O.] A sua obra literária tem sido construída na conexão com a escrita e as publicações semanais na imprensa do Rio Gran-

de do Norte, destacadamente através dos textos que há anos escreve na Tribuna do Norte. Como conseguiu, com resultados tão satisfatórios (crescentemente reconhecidos por crítica e por leitores), associar o efêmero da realidade crua e do moto-contínuo dos dias à permanência da ideia e do estilo, firmando a palavra nos arames estendidos do tempo? Quais os frutos e os percalços que reconhece ter obtido e encontrado durante a edificação da sua obra literária até aqui? E os seus projetos literários, ainda não realizados e/ou publicados, que merecerão a sua atenção (e certamente o prazer dos leitores) num futuro próximo?

[I.M.A.] Não escrevi propriamente livros. Reuni artigos publicados na imprensa. Minhas leituras de obras literárias sempre foram feitas em horas sequestradas de minha rotina de Consultor-Geral do Estado (cargo em comissão que exerci durante 16 anos), de Procurador de Justiça do Ministério Público estadual e professor da UFRN. Quando me aposentei no Ministério Público, passei a advogar.

Participei de grandes escritórios de advocacia em Natal. Devo reconhecer, violentando minha modéstia, que obtive extraordinários êxitos profissionais. O tempo para me dedicar à literatura sempre foi escasso. Utilizava-o, talvez por comodismo, para ler, sem qualquer intenção ou veleidade de exercer uma atividade literária. A esta altura, gostaria, sim, de (esquecendo-me da idade) realizar um (novo, não, verdadeiro) projeto literário que se consubstanciasse num livro. Tenho ideias muito vagas acerca do que poderia ser esse projeto. Garanto, apenas, que não seriam memórias...

[L.O.] Professor Ivan Maciel, sabe-se que uma das suas grandes paixões sempre foi a das viagens. Acredita-se aqui que o destaque é e sempre foi para a Europa. Fale-nos algo acerca das suas realizações pessoais nesse campo.

[I.M.A.] Gosto imensamente de viajar. Viajei muitas vezes em companhia de minha mulher. Visitando, de preferência, países europeus, inclusive do Leste. Mas levei, algumas vezes, toda a família (filhos e netos) para conhecer a Europa. Viagens detalha-

damente programadas, para que eles aproveitassem ao máximo os contatos com a cultura europeia. Confesso que sou um apaixonado por Portugal, depois pela França, pela Itália e pela Espanha. Viajei igualmente, várias vezes, para os Estados Unidos, levando os filhos, quando pequenos, e depois os netos, para a Disney. Mas uma cidade que me empolga, sempre que a revisito, é Nova York. Sinto como se, lá, fosse uma cidade sem nacionalidade ou que contivesse todas as nacionalidades, antigas e atuais, uma síntese da espécie humana, como o Aleph de Borges em proporções reduzidas. Gosto imensamente também de Buenos Aires, pelas livrarias, pela arquitetura, pela gastronomia. Mas, ultimamente, me sinto desmotivado para viajar, em razão, óbvio, da pandemia e – psicologicamente – das limitações da idade. Reconheço que não viajei tanto quanto gostaria. Talvez porque a minha vontade de viajar fosse muito maior do que tudo o que eu pudesse fazer para satisfazê-la. Mas, quem sabe?! Talvez eu me aventure a passar alguns dias, em futuro ainda incerto, em Portugal (fiz, certa vez, uma ótima viagem de carro de Lisboa a Madri, de Madri a Lisboa, que durou cerca de um mês) e em Buenos Aires. Amém!

[L.O.] Um dos prazeres que vem cultivando ao longo dos anos é das audições de música erudita. Em que estatura a coloca na sua pirâmide de conhecimentos e afinidades eletivas? Como a música, a grande música, influencia na formação de um espírito livre e intrinsecamente humano como o seu?

[I.M.A.] Ouço música clássica pelo prazer de ouvir, mas estou muito longe de ser um especialista. Gosto muito, por sinal, de tudo o que Otto Maria Carpeaux escreveu sobre música e que me serve, muitas vezes, de pauta para compreensão, orientação e interpretação das obras dos diferentes compositores. Ouço as sonatas de Beethoven em estado de êxtase; o mesmo posso dizer em relação a Chopin e a vários outros compositores, mas o lugar ocupado por Bach é diferenciado – Bach é insuperável. Certa vez, numa catedral em Viena, ouvi, por acaso, um verdadeiro concerto com obras de Bach para órgão. O concertista era genial e o órgão ressoava pela

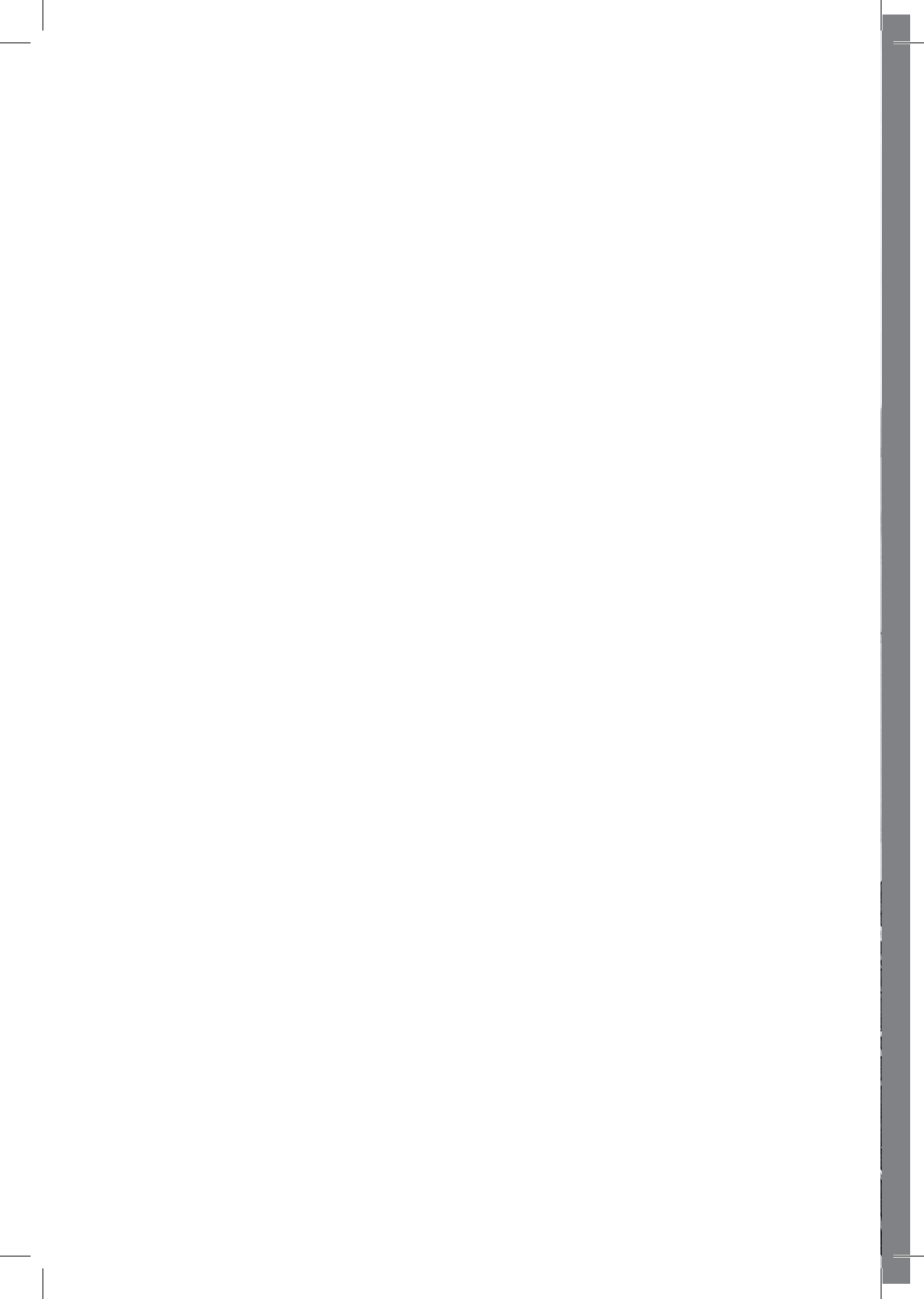
catedral impregnando-nos de uma musicalidade espiritual, mística, transcendente. Havia pessoas ao meu lado que choravam de emoção. No entanto, ressalvo que o meu gosto musical abrange também a MPB, que tem coisas muito boas, diria mesmo fabulosas.

[L.O.] E o cinema e as demais artes?

[I.M.A.] Leio muito sobre a história das artes. Tenho obras magníficas que me proporcionam uma visão de espectador capaz de desfrutar a beleza, a poesia, as “mensagens”, digamos assim, embora saiba que a palavra é inadequada, das pinturas e esculturas dos melhores museus do mundo. Mas apenas isso: resigno-me à posição de espectador. Quanto ao cinema, este, me fascina. O cinema é quase tão importante para mim quanto a literatura. Entendo que certos filmes conseguem mudar a nossa forma de ver e sentir a vida. Além disso, há filmes que – como a madeleine de Proust – reconstituem fases e episódios da minha vida. Quando volto a assisti-los, redescubro o tempo perdido.

* Entrevista originalmente publicada no blog “Típico Local” da Jornalista Cinthia Lopes Cardoso”.

LÍVIO OLIVEIRA é poeta e escritor, autor de “Telha Crua” e vários outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Procurador Federal.



CRÔNICAS





AS DOENÇAS DE MARCEL PROUST

Daladier Pessoa Cunha Lima

Marcel Proust nasceu a 10 de julho de 1871, em Paris, e faleceu a 18 de novembro de 1922, na mesma cidade. É filho de Adrien Proust (1834-1903), médico e higienista, que foi professor da Faculdade de Medicina de Paris e assessor do governo da França, na luta contra epidemias, especialmente a da cólera. A mãe de Marcel Proust, Jeanne Weil Proust (1849-1905), de família da Alsácia, tinha origem judaica. Existiu um outro médico na família, Robert, irmão de Marcel, dois anos mais novo. Diferentemente do pai e do irmão, médicos atuantes, atentos e dedicados à profissão, Marcel tornou-se um eterno paciente. Ressalte-se que uma doença o maltratou pela vida inteira, a asma, cuja primeira grande crise ele sofreu em 1881, aos nove anos de idade.

A obra-prima de Marcel Proust, “Em busca do tempo perdido”, compõe-se de sete partes, publicadas em francês –*À la recherche du temps perdu* –, entre 1913 e 1927. O romance abrange de 1840 a 1915, e se compõe de quatro mil páginas e de 1,5 milhão de palavras. Em um ensaio, o poeta e escritor Paulo Mendes Campos confessa que leu a versão original completa, mas ele se pergunta: “Terei mesmo lido a Recherche?” Sobre “Em busca do tempo perdido”, disse o escritor Vladimir Nabokov: “No conjunto, trata-se de uma caça ao tesouro, em que o tesouro é o tempo, e o lugar onde foi escondido, é o passado: esse é o significado implícito do título ‘Em busca do tempo perdido’”.

Mesmo com saúde frágil, Proust prestou serviço militar em Orleans, em 1889. A sua asma, provavelmente, era de cunho alérgico ao pólen, pois piorava durante as visitas aos parques e jardins, bem assim, na primavera. Gradativamente, tornou-se mais recluso, no intuito de prevenir os ataques de dispneia. Fez consultas com

vários médicos, no afã de minorar o tormento com as frequentes crises de asma, e, por conta própria, tomava misturas caseiras e insensatas. Costumava usar fumigações onde morava, o que só fazia agravar suas condições de saúde.

A morte da mãe de M. Proust, em 1905, obrigou-o a residir em apartamento de uma sua tia-avó, no Boulevard Haussmann, em Paris, onde preparou um quarto todo vedado e revestido de cortiça, a fim de se proteger da poeira e do barulho. Tomando muito café e trocando o dia pela noite, foi lá que Proust escreveu a maior parte da sua obra-prima. Conforme diz o escritor Paulo Mendes Campos: “Neste útero obscuro e precário, iluminado artificialmente, Marcel Proust vai buscar e entrançar os inumeráveis fios do tempo perdido.” Mas, de repente, teve que se mudar, o que muito o constrangeu, e passou a morar em prédio na Rue Hamelin, em piores condições, durante os seus dois últimos anos de vida. Diz Celeste Albaret, governanta que esteve ao lado de Proust por vários anos: “Sim, a Rue Hamelin foi sua última morada. Ele trabalhou, trabalhou sem descanso, às vezes num frio de geladeira. E ele se matou ali.” A cada dia as doenças de Marcel Proust que lhe causaram a morte, pneumonia e abscesso de pulmão, tornavam-se mais graves. O irmão Robert tentou em vão levá-lo para um hospital. Além de Celeste e do Dr. Robert, com ele estiveram, nos seus derradeiros momentos, o Dr. Bize, seu médico particular, e o Dr. Joseph Babinski (1857-1932), criador do sinal de Babinski, usado por neurologistas em todo o mundo. Às 5 horas da tarde, de 18 de novembro de 1922, Marcel Proust se despediu da vida, na presença do Dr. Robert, querido irmão, e da fiel governanta, “mãe adotada e filha adotiva”, Celeste Albaret.

DALADIER PESSOA CUNHA LIMA é escritor, professor e médico. Ex-Reitor da UFRN, atual reitor da UNI-RN. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor de “Retratos da Vida” e outros livros.

MEU AMIGO NELSON PATRIOTA

Andrcia Braz

*O amigo: um ser que a
vida não explica
Que só se vai ao ver
outro nascer
E o espelho de minha
alma multiplica...*

Vinicius de Moraes

Minha admiração por ele nasceu antes mesmo de nos conhecermos pessoalmente. Acho que a primeira vez que o vi foi numa Bienal do Livro de Natal. Não lembro o ano. 2007? Talvez. Ele estava participando de um bate-papo com Fernando Morais. Ainda lembro da pergunta que fez ao biógrafo de Olga Benario e de Assis Chateaubriand: “O que motivou o senhor a escrever a biografia de Paulo Coelho?”.

Alguns anos depois, nos encontramos na Editora da UFRN, onde comecei a atuar como bolsista na área de revisão de textos, por indicação da professora Penha Casado Alves, que continuou me acompanhando até a especialização. Seu apoio e orientação foram fundamentais para que eu seguisse atuando na área. Na Edufrn, fui muito bem acolhida por Risoleide Rosa e Wildson Confessor, revisores experientes que me ensinaram lições importantes para a atuação do revisor de textos e me passaram a segurança necessária para que eu pudesse desenvolver meu próprio trabalho com autonomia.

O ano era 2009. De início não houve muito contato com Nelson, mas aos poucos fomos nos aproximando. Ali nasceria a me-

lhora das parcerias de trabalho e uma sólida amizade. Costumo dizer que nossa amizade e aproximação intelectual começou em 2010, quando começamos a fazer alguns trabalhos juntos e a conversar mais sobre o ofício do revisor. Aliás, essas foram as “aulas” mais importantes da minha trajetória profissional. Aulas que se estendem até hoje, pois quando tenho alguma dúvida, lhe escrevo um e-mail ou espero um encontro presencial para discutirmos tal questão. Professor melhor eu não poderia ter. Portanto, considero que estamos completando dez anos de amizade e parceria de trabalho em 2020.

E o propósito desta crônica é, também, celebrar esse nosso encontro. Sim, porque gostaria de lembrar, ainda, a passagem do seu aniversário de 71 anos. Um aniversário diferente dos demais, é verdade, em virtude da pandemia. Um aniversário em que fui tomada por um profundo sentimento de nostalgia, mas também de gratidão e de muitos desejos de saúde e felicidade para o meu amigo que não vejo há alguns meses, mas está sempre comigo. Agora mesmo, enquanto escrevo esta crônica, tenho ao meu lado todos os livros publicados e/ou organizados por ele. Nelson está sempre por perto, mesmo quando não. Como diz Chico César, “sua presença me faz rir nos dias feitos pra chover”. Rubem Alves tinha toda razão quando disse que perante um amigo sabemos que não estamos sós, e alegria maior não pode existir.

Ah, como eu gostaria de tomar um café com ele hoje! Aliás, desde 2010, comemoramos seu aniversário com um almoço junto aos amigos da Confraria do Café, que se reúne para trocar ideias sobre livros, política, viagens... Esse ano a comemoração não pôde acontecer, mas o importante é que ele esteja bem e cuidando de sua saúde. Não vejo a hora de retomar minha rotina e vez por outra partilharmos um café na Cooperativa Cultural, ou mesmo um coquetel naqueles eventos literários e musicais que acontecem na livraria do campus. Que saudade desses momentos na presença de Carlos Braga, João Paulo Araújo, Priscila Matos e outros amigos queridos da UFRN! Sem falar nos livreiros – Adriano, Andrade e Wilson – com quem a conversa é sempre edificante.

O último evento de que participei na livraria foi uma homenagem ao sambista Elton Medeiros. Entre outros clássicos, Priscila Matos interpretou “Pressentimento” (Elton Medeiros e Hermínio Bello de Carvalho), um dos meus sambas prediletos. Outro evento marcante foi a homenagem a Chico Buarque. Ao interpretar grandes clássicos do músico carioca, a cantora e pianista Priscila Matos levou a plateia ao êxtase.

Voltemos ao início de nossa amizade e parceria de trabalho. Depois de um ano estagiando na Edufrn, recebi o primeiro convite para auxiliá-lo na revisão de um livro. Um trabalho desafiador, digamos assim. Lembro da minha alegria quando fui ao Centro de Convivência fazer uma cópia do material original para começar a trabalhar. Nelson estava responsável pela terceira edição do livro “A biblioteca e seus habitantes”, de Américo de Oliveira Costa, uma obra-prima da literatura potiguar que, aliás, merece ser mais popularizada. Por se tratar de um livro da década de 1970 que não estava digitalizado, tivemos de digitar e revisar a obra, sob a supervisão de Nelson, que também assina a apresentação, “Roteiro alternativo para ler Américo”, um texto fundamental especialmente para aqueles que estão conhecendo o livro. Nas palavras do crítico literário: “Livro sobre amor (e, eventualmente, o ódio) aos livros, *A biblioteca e seus habitantes* é um guia indispensável para quem deseja dispor de uma bússola quando tiver de adentrar os desvãos das bibliotecas”.

Depois, outros projetos partilhados e um aprendizado constante. Um outro trabalho marcante dessa nossa parceria foi a revisão do livro “Prelúdio e fuga do real”, do mestre Câmara Cascudo, cuja revisão ficou a cargo de quatro profissionais. A reedição da obra foi uma parceria entre a Edufrn e a Global e trouxe à baila uma obra que há muito carecia voltar às mãos dos leitores. Um deleite à parte o privilégio de ter um contato tão próximo com a obra de Cascudo (revisei outros dois livros dele enquanto estagiei na Edufrn, “Ontem” e “Pequeno manual do doente aprendiz”), que nesse livro constrói diálogos imaginários com figuras bíblicas,

históricas e mitológicas, entre elas Camões, Dom Quixote, Montaigne, Jean-Jacques Rousseau.

E as revisões em parceria continuaram com o passar dos anos. Vez por outra, eu o convido para dividir comigo a revisão de alguns trabalhos, especialmente quando se trata de textos literários, tendo em vista sua vasta experiência na área e o fato de também escrever ficção. Foi o que aconteceu com a revisão dos romances “Francisca”, de Ana Cláudia Trigueiro, e “Sertão de bem-querer e desamor”, de Fátima Medeiros. Revisamos juntos cerca de quinze livros. Bartolomeu Correia de Melo, Câmara Cascudo, Dorinha Costa, Dorian Gray Caldas, Francisca Miller, Luciana Moreira, Luís Carlos Guimarães são alguns dos autores cujas obras revisamos juntos.

Depois de algum tempo, tornei-me sua revisora. Durante alguns anos, revisei seus artigos publicados semanalmente na “Tribuna do Norte” e no Substantivo Plural, além de alguns livros, palestras, discursos etc. Aliás, seu discurso de posse na Academia Norte-rio-grandense de Letras é um dos meus textos prediletos. Seu último livro também figura entre os meus preferidos. O próprio título – “Caderno de espantos” – já chama a atenção do leitor para os assombros desse escritor maduro e crítico literário dos mais consagrados em nosso estado. Nas palavras do autor, esse seu novo livro, composto de “textos inclassificáveis”, é “um conjunto híbrido escrito ao longo dos últimos dois anos, sem que pudéssemos atinar, até quase o último momento, a que finalidade se prestariam. Ecos de conversas, leituras, sonhos e pesadelos, lembranças longínquas e recentes, acontecimentos que protagonizamos ou nos tocaram de perto”.

Voltemos a nossa parceria de trabalho, que vai além da revisão de livros. Em 2019, por exemplo, o convidei para me acompanhar num bate-papo sobre editoração de livros no curso de Biblioteconomia da UFRN. A atividade foi idealizada pela professora Ana Cláudia Costa, que ministrava a disciplina de Editoração à

época. Foi uma experiência incrível dividir com Nelson aquele momento. Duas gerações de revisores/editores partilhando suas experiências com estudantes que um dia podem vir a atuar nessa área. Impossível descrever a emoção de partilhar essa vivência do lado do meu mestre. Espero que um dia possamos dividir uma mesa para falar de literatura do Rio Grande do Norte, uma de nossas paixões em comum. A propósito, já idealizamos uma mesa sobre a crônica e o conto potiguar que seria apresentada num evento literário do Ceará. Aliás, seu livro “Uns Potiguares” (Sarau das Letras, 2012), reúne artigos sobre literatura potiguar publicados em jornais de Natal.

E por falar em artigos sobre literatura, ser amiga de Nelson é também partilhar de suas paixões/influências literárias: Franz Kafka, Jorge Luís Borges, Haruki Murakami, Américo de Oliveira Costa, Câmara Cascudo, Zila Mamede, Diva Cunha, Marize Castro e tantos outros. Como ele fez questão de dizer em discurso de posse, seu autor predileto é Câmara Cascudo. Não por acaso, Cascudo é o protagonista da novela publicada no livro *Colóquio com um leitor kafkiano* (Jovens Escribas, 2009).

Não conheço ninguém mais antenado que ele quando o assunto é literatura, sabe tudo quanto é novidade dos EUA, Europa... E foi por influência dele que li a trilogia “1Q84” e o romance de formação “*Norwegian Wood*” (Haruki Murakami), “Tirza” (Arnon Grumberg) e “O homem de Beijing” (Henning Mankel). Livros arrebatadores. Ele também me apresentou Otacílio Alecrim, Renard Perez... Admiro sua generosidade em partilhar suas experiências literárias e tantas vezes nos presentear com seus próprios livros. E foi assim que ganhei vários livros de Murakami e outros. Assim como Nilson Patriota, ele sabe que “a literatura nos salva da aridez de uma vida sem sentido”.

E à medida que o tempo passa, cresce a admiração pelo escritor, revisor, editor e tradutor que está sempre disposto a ensinar, corrigir, com muita delicadeza e elegância. Minha maior inspiração

profissional. Com ele aprendi, e aprendo constantemente, sobre a importância de cumprir prazos, da disciplina e, principalmente, do autocuidado relativo ao trabalho, o que inclui pausas e lazer, para garantir mais qualidade ao que fazemos e não prejudicarmos nossa saúde. Levarei sempre comigo suas lições, mestre.

Tenho tantos motivos para agradecer por nossa amizade e parceria de trabalho, mas não quero enfadar o dileto leitor. Falar de um intelectual como você não é fácil, mas a prerrogativa da amizade me permite tal ousadia. Obrigada por acreditar em mim quando nem mesmo eu sabia que caminho trilhar. Obrigada por me incentivar a estudar para concursos. Obrigada por me incentivar a escrever e publicar minhas crônicas e, sobretudo, por me ensinar que “a literatura e a arte são princípios dignos de fé, plenos de sentido e valores, com uma vantagem adicional: oferece material inesgotável para suprir toda uma vida”, como você mesmo ressaltou em seu discurso de posse na ANRL.

Escrevo esta crônica no dia do seu aniversário de 71 anos e meu maior desejo é este: um breve reencontro para um almoço, um café e uma tarde de bate-papo sem hora para terminar. Assim como Rubem Alves, também acredito que “tudo o que fazemos na vida pode se resumir nisto: a busca de um amigo, uma luta contra a solidão...”. Ele também diz que “a amizade é a coisa mais alegre que a vida nos dá”. Que a alegria da nossa amizade seja eterna.

ANDREIA BRAZ é escritora e revisora de textos. Autora do livro “Gotas de Otimismo e outras crônicas” (CJA Edições).

POEMAS





ÊXTASE

Zila Mamede

Quando eu contemplo o céu estrelado
Revolve-se a minh'alma fugidia.
Minh'alma errante, qual gigante alado
Que singra o espaço em louca travessia

E vozes a mim chegam num chamado
Trazido pelo mar em rebeldia
Acordes de um violino bem magoado
Traduzem a mais terna melodia.

Tudo me diz me fala, me convida
Que igual à sua vida é a minha vida:
Ao seu destino, o meu sempre se irmana.

Sinto algo que em meu peito desperta
E, então, vencendo espaços, se liberta
-Minh'alma primitiva de cigana!

*Publicado inicialmente no jornal "O Norte", de João Pessoa, em 10 de fevereiro de 1952, este soneto não foi incluído no livro "Rosa de Pedra" (1953).

DESAGRAVO A MÁRIO QUINTANA

Paulo de Tarso Correia de Melo

Academia
é um brinquedo
de criança.
Um simulacro
que se traça,
em torta imagem
e semelhança,
no chão da praça
ou no pó das ruas:
primeira casa,
segunda casa,
terceira casa,
primeira asa,
segunda asa,
pescoço e lua.
Para ganhá-la
há que jogar
pedra certa.
Não cubra risco
e nem invada
qualquer fronteira.
Equilibrando-se
em um pé só
se evita a bula
traíçoeira.
Pisa-se em asas
e em pescoço
antes de por
os pés na lua
do estranho jogo.
Na academia

se apanha a pedra
que se atirou
e tantas vezes
quantas as peças
constituintes
se recomeça
o que pulou.
Chegando à lua,
erga a cabeça
e ponha a pedra
na testa nua.
Sem pisar riscos.
Volte outra vez
da lua aos pés,
dos pés à lua,
se perguntando,
quem sabe ao certo,
por sanidade
ou produção
em cauteloso,
vão dialeto:
tô bom, tô bom?
Academia,
jogo avoengo,
de amplos vazios
é seu traçado
de bonifrates,
Judas, monstrengo,
em rua estreita
abandonado.

PAULO DE TARSO CORREIA DE MELO é poeta e escritor, autor de “Tallhe Rupestre” e vários outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Professor aposentado da UFRN.

ESTRELAS

Clauder Arcanjo

As estrelas zelam pelo silêncio da noite,
Enquanto conversam com os solitários.
As estrelas não apresentam o caos ao mundo,
Embora nos apresentem todo verbo infinito.
As estrelas desenham luzeiros no espaço,
Mas nunca se revelam espelho do cosmo.
As estrelas lotam, algumas vezes, o firmamento,
Porém, quanto menos cintilam, mais nos atraem.
As estrelas se parecem com cada um de nós:
Silentes, solitárias, a criarem, no vácuo, a luz.

CLAUDER ARCANJO é poeta, escritor e editor, membro da Academia Nor-
te-rio-grandense de Letras, e da Academia de Letras do Brasil. Autor de “O
Fantasma de Licânia”, “Lápis nas Veias” e vários outros livros.

SEGUNDA FEIRA DA ETERNIDADE

Jarbas Martins

Segundou. Segunda serenidade
em Angicos, Natal, Rio
na amenidade e no frio
em meu sonho que é verdade.

Na verdade sem idade,
em vila, fazenda, no cio
no ócio, no calafrio,
sem qualquer veleidade

Deixarei crescer minhas barbas
se eu não me chamasse Jarbas
ou chamasse Lívio Oliveira

que dizia ser eu anglicano.
E pra não dizer mais besteira
me calo. Não quero entrar pelo cano.

JARBAS MARTINS é poeta, escritor e professor aposentado da UFRN. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor de “Contracanto” e outros livros.

QUERO SER.

Elder Heronildes

Quero ser como sempre fui
Sem retoques, sem filigranas
Sem misturas e sem reticências,
Sem salamaleque, trejeitos ou volteios,
Mantendo-me inteiro, toda vida e a vida toda,
Preservando intacta a alma
Mesmo envolta em sua imaterialidade
Abstratamente falando.
Quero ser instrumento de carne e espírito
numa conjunção de todos os elementos
sensitivos ou insensitivos, mas que sejam,
voláteis, sem mistério, mas vivos.
Eu fui sempre aquilo que sempre fui,
Sendo claro e sem subterfúgios.
Há quem nasça misteriosamente, eu não.
Há quem nasça antes do próprio nascimento,
Por existir antes da vida, incriada, criada e recriada,
No mistério indecifrável, dele próprio,
Como fruto de fé, pois “fé é o oxigênio da alma.”
Que seguindo o corpo se mantém angelical e pura,
Dando sentido àquilo que é, porque sempre foi.
É por isso que se diz que a fé move montanhas,
E move.
Aceitá-la é saber viver, e eu sei,
Pois por ela e com ela vivo.

ELDER HERONILDES é poeta, escritor e advogado. Ex-reitor da UERN, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e atual presidente da Academia Mossoroense de Letras (AMOL).

DISCURSOS





ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS - COMEMORAÇÃO DOS 85 ANOS DA FUNDAÇÃO

Armando Negreiros

Excelentíssimo Senhor Presidente, Diógenes da Cunha Lima,
Excelentíssimas Autoridades aqui presentes ou representadas,
Ilustres Confrades e Confreiras,
Meus senhores, minhas senhoras,

Introdução

A Academia original foi uma escola fundada em 387 a.C., próximo a Atenas, pelo filósofo Platão. Nessa escola, dedicada às musas, se professava um ensino informal através de lições e diálogos entre os mestres e os discípulos. O filósofo pretendia reunir contribuições de diversos campos do saber como a filosofia, a matemática, a música, a astronomia e a legislação. Seus jovens seguidores dariam continuidade a esse trabalho que viria a se constituir num dos capítulos importantes da história do saber ocidental. A escola era formada de uma biblioteca, uma residência e um jardim. Pela tradição, esse jardim teria pertencido a Academus – herói ateniense da guerra de Tróia (século XII a.C.) e, por isso, era chamado de academia.

A Academia Norte-rio-grandense de Letras - ANL é formada no modelo da Academia Francesa, que foi fundada em 1635, por iniciativa do Cardeal Richelieu que obteve a autorização para seu funcionamento do rei Luís XIII, com a principal finalidade

de tornar a língua francesa “pura, eloquente, e capaz de tratar das artes e ciências”. É composta por 40 titulares. Os primeiros ocupantes são os fundadores que escolhem os seus patronos.

No dia 14 de novembro de 2021 (domingo passado) a Academia Norte-rio-grandense de Letras (ANL) completou 85 anos. Nesse período tornaram-se imortais 144 escritores. Além dos 40 patronos, escolhidos em homenagem póstuma pelos primeiros ocupantes das cadeiras, ou seja, os fundadores. A numeração das cadeiras, de um a quarenta, é feita pela ordem cronológica dos patronos.

A nossa ANL foi pioneira na inclusão de mulheres em seu quadro de acadêmicos. Carolina Wanderley (cadeira 06) e Palmira Wanderley (cadeira 20) foram fundadoras em 1936, quando eram apenas 25 ocupantes. Havia como PATRONAS três mulheres: Nísia Floresta (Fundador - Henrique Castriciano) – cadeira 2, Isabel Gondim (Fundador – Matias Maciel) - cadeira 8 e Auta de Souza (Fundador – Palmira Wanderley) – cadeira 20.

A Academia Brasileira de Letras só permitiu 41 anos depois, em 1977, com Raquel de Queiroz e a francesa só 45 anos depois, em 1981, com Margareth Yourcenar.

No momento temos dois acadêmicos eleitos, que ainda não tomaram posse, e uma cadeira vaga. Só a título de curiosidade, em 2003, quando editei o livro “NA COMPANHIA DOS IMORTAIS” nos 67 anos da ANL, suas 40 cadeiras haviam sido ocupadas por um total de 108 acadêmicos, hoje, com o quadro completo, serão 145, portanto uma renovação de 37 confrades em 18 anos.

A fundação da Academia

Luís da Câmara Cascudo foi o criador da nossa Academia Norte-rio-grandense de Letras. Reproduzo as suas próprias palavras, no ano de 1949:

“Há treze anos, 9 de agosto de 1936, Aderbal de França e eu ficamos o domingo juntos, debatendo, escrevendo nomes dos futuros imortais e seus padroeiros. Acertamos mais ou menos a lista, original pela letra de Aderbal, em meu poder. Fui começando a conversar com as minhas vítimas. Umas riam. Pilheriavam outras. Um deles, humorista nato, perguntou se já havíamos contado com o testamento de Fortunato de Aranha, o nosso maior livreiro, e cujas iniciais coincidiam com as de Francisco Alves, padrinho da Academia Brasileira. Aceitavam, entretanto, a imortalidade que lhes oferecia. Todos os acadêmicos fundadores foram, sem exceção, convidados por mim. Em nossa casa, ou melhor, na sala e alpendre, fizemos as primeiras sessões preparatórias, acertando dois pontos iniciais e definitivos. Primeiro: eu jamais seria presidente da Academia; segundo: aceitaria a secretaria geral na primeira diretoria. ... Finalmente, na noite de um sábado, 15 de maio de 1937, no Instituto de Música, declarou-se a Academia instalada regularmente e fiz as comunicações, desafogado da missão”.

Dessa forma o seu primeiro Presidente foi Henrique Castriano, que tem como patrono Nísia Floresta. A cadeira número um coube a Aduino Câmara, patrono Padre Miguelinho. Cascudo ficou com a cadeira número treze, cujo patrono é Luís Fernandes.

Apesar de Cascudo referir a data de 15 de maio de 1937 como estando a Academia regularmente instalada, no Instituto de Música, a data da sua fundação é considerada 14 de novembro de 1936, ocasião em que foi lavrada a primeira ata.

Em 28 de novembro de 1936 o acadêmico Câmara Cascudo submete ao julgamento da Academia quatro propostas de lema, organizados pelo padre Luiz Monte, sendo o primeiro: **Ad lucem versus**; o segundo: **Dúctor in altum**; o terceiro: **Viteus lumi, sidera corpe**; o quarto: **Tellus premat artus, tráhant sidera vérticem**. Depois de discutidos, é aceito o primeiro, que significa **em direção** à luz (rumo à luz, em busca da luz).

Somente na sessão de 27 de abril de 1938, após algumas modificações, foi determinada a relação dos 25 fundadores que escolheram os seus respectivos patronos.

O quadro da Academia seria aumentado para 30 membros em 22 de julho de 1943.

A nova mudança de estatutos ocorreria em 16 de março de 1957, no seu artigo segundo, que dispõe que a Academia ficará composta de 40 patronos, havendo assim um aumento de 10 cadeiras. Na reunião de 31 de março de 1957, foram votados os patronos, após breve discussão, se poderiam ser escolhidos nomes que já constavam da Academia Potiguar de Letras (APL). Após votação ficou definido que os eleitos seriam nomes que não fizessem parte da APL.

Em reunião realizada em 27 de abril de 1967, o presidente Manuel Rodrigues de Melo enfatizou que, “de acordo com o Regimento Interno da Academia, os candidatos eleitos tinham liberdade de escolher os seus patronos, motivo porque, concedia a palavra a qualquer dos presentes para a indicação do nome do seu patrono.”

Da construção da sede

Em reunião no dia 23 de janeiro de 1958, é comunicado que o prefeito Djalma Maranhão e a Câmara de Vereadores revalidaram a doação de terreno da praça Tomás de Araújo, ao mesmo tempo em que autorizaram a venda do referido imóvel para iniciar a construção da sua sede própria.

O presidente, Manuel Rodrigues de Melo, comunicou que havia feito proposta à Federação do Comércio do Rio Grande do Norte no valor de Cr\$500.000,00 e havia recebido contraproposta do seu presidente, Jessé Pinto Freire, no valor de Cr\$300.000,00, a qual, após algumas discussões, foi aprovada.

Reeleito presidente em 30 de janeiro de 1958, o acadêmico Manuel Rodrigues de Melo iniciou a construção, na rua Mipibu,

443, do prédio da Academia, com o apoio do Governador do Estado, Dinarte Mariz.

Em 27 de julho de 1963, sob a presidência de Manuel Rodrigues de Melo, os acadêmicos reuniram-se na Biblioteca do novo prédio. O presidente relatou sobre a construção. “O edifício de dois pavimentos está assim dividido: Térreo – biblioteca; museu de arte; auditório, compreendendo esse, por sua vez, teatro escola, cinema educativo, conferências etc.; secretaria, tesouraria, contadoria, discoteca e bar. Pavimento Superior – sala da presidência, sala dos acadêmicos e salão nobre, destinado esse exclusivamente às sessões públicas da Academia.”

Informou “que havia recebido 50% da subvenção de cinco milhões de cruzeiros, referentes ao exercício de 1962, colocados no orçamento pelo deputado Tarcísio Maia, tendo com esse dinheiro construído a grande placa de cimento armado do primeiro andar, levantando com o restante as paredes do mesmo.”

Lembrou “que a receita anual da Academia está limitada a Cr\$170.000,00 do estado do Rio Grande do Norte, Cr\$4.000,00 do município de Natal e o restante do governo federal, graças à boa vontade da nossa bancada na Câmara e no Senado, destacando, especialmente os deputados Tarcísio Maia e Mucio Bezerra.”

Informou “que para o exercício de 1963 possuímos no orçamento da República Cr\$3.800.000,00 destinados à Biblioteca e Cr\$1.800.000,00 destinados à construção, que somados aos 50% que faltam receber do exercício de 1962 perfaz um total de Cr\$6.300.000,00.” Ao final convidou os acadêmicos para visitarem a obra.

Nos dias 5 e 6 de setembro de 1964, em solenidades oficiais, foi instalada a maior parte da Academia. As obras foram concluídas no governo de Aluísio Alves, que prestou todo o apoio necessário.

Características de algumas cadeiras

Sanderson Negreiros foi o último dos fundadores a falecer, ocupava a cadeira 40. Algumas cadeiras são pródigas em ocupantes:

- **SEIS OCUPANTES** - A 9 - Roberto Lima. 15 - Lívio Oliveira. **Total = 2.**

- **CINCO OCUPANTES** – A 2 – Humberto Hermenegildo de Araújo. A 8 – Gaudêncio Torquato, eleito. A 11 - Paulo de Tarso Correia de Melo. A 12 – Cláuder Arcanjo. A 16 – Armando Holanda. A 20 – Jarbas Martins. A 24 - Sônia Fernandes Faustino. **Total = 07**

- **QUATRO OCUPANTES** – A 1 – Cláudio Emerenciano. A 4 – Cassiano Arruda Câmara. A 7 – Luiz Alberto de Faria. A 13 – Eulália Duarte Barros. A 19 – Marcelo Alves Dias de Souza. A 22 – Cônego José Mário Medeiros. A 23 – Iaperi Araújo. A 25 – Luiz Eduardo Suassuna. A 32 – Geraldo Melo, eleito. A 35 – Woden Madruga. A 36, no momento vaga, último ocupante José Augusto Delgado. A 38 – Benedito Vasconcelos Mendes. **Total = 12.**

- **TRÊS OCUPANTES** – A 3 – Daladier Pessoa Cunha Lima. A 5 – Manoel Onofre Júnior. A 6 – João Batista Pinheiro Cabral. A 10 – Dácio Galvão. A 14 – Armando Negreiros. A 17 – Ivan Maciel de Andrade. A 18 – Padre João Medeiros Filho. A 21 – Valério Mesquita. A 30 – Diva Cunha. A 31 – Leide Câmara. A 34 – Ivan Lira de Carvalho. A 37 – Elder Heronildes. **Total = 12.**

- **DOIS OCUPANTES** - Com apenas dois ocupantes temos as cadeiras 26 - Diógenes da Cunha Lima, 27 - Vicente Serejo, 28 - Jurandyr Navarro, 29 - Itamar de Souza, 39 - Marcelo Navarro Ribeiro Dantas e 40 - Geraldo Queiroz. **Total = 06.**

Completando 100 anos neste 2021:

MÊS DE MARÇO

DIA 9 - José Hermógenes de Andrade Filho NATALÍCIO 100 – CADEIRA 20

MÊS DE JUNHO

DIA 3 - João Wilson Mendes Melo NATALÍCIO 100 – CADEIRA 25

DIA 5 - Antônio Glicério FALECIMENTO 100 – PATRONO CADEIRA 23

MÊS DE JULHO

DIA 9 - Veríssimo Pinheiro de Melo NATALÍCIO 100 – CADEIRA 12

DIA 15 - Oriano de Almeida NATALÍCIO 100 – CADEIRA 13

MÊS DE AGOSTO

DIA 11 - Aluízio Alves NATALÍCIO 100 – CADEIRA 17

MÊS DE OUTUBRO

DIA 15 - Nestor Luiz Fernandes Barros dos Santos Lima NATALÍCIO 100 – CADEIRA 07

Homenagem especial:

Antônio Pedro Dantas, conhecido como Tonheca Dantas (18.06.1871 – 07.02.1940), patrono da cadeira 33 e que neste 2021 teria completado no dia 18 de junho 150 anos de existência. Teve como fundador da cadeira 33 Oswaldo de Souza e como sucessores Hypérides Lamartine – o nosso saudoso Pery e Carlos de Miranda Gomes o atual ocupante.

Natural de Vila de Carnaúba, município de Acari, foi compositor, regente e maestro. Tocava vários instrumentos como clarineta, flauta, trompete e violão. Autor da valsa Royal Cinema,

que hoje é nome de rua no bairro Lagoa Azul. Tonheca Dantas também é nome de uma rua no bairro de Bom Pastor.

Quando da morte de Tonheca Dantas, disse Aluizio Alves: “Royal Cinema... A peça é consagrada do seu nome, evocando em acordes sonoros toda a tristeza da nossa raça, o farfalhar dos nossos arvoredos, a tragédia de nossas terras, valsa cheia de gemidos, de aboio, de suspiros, de realidade e de vida.”

PRESIDENTES DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Henrique Castriciano de Souza	14.11.1936 a 27.04.1938
Antônio Soares de Araújo	07.05.1938 a 27.05.1943
Juvenal Lamartine de Faria	27.05.1943 a 24.03.1949
Paulo Pinheiro de Viveiros – 2 mandatos	24.03.1949 a 26.12.1949
Américo de Oliveira Costa - Renunciou	26.12.1949 a 31.12.1949
Edgar Barbosa	09.03.1950 a 22.02.1951
Paulo Pinheiro de Viveiros	22.02.1951 a 13.01.1955
Manuel Rodrigues de Melo – 2º mais tempo	13.01.1955 a 30.01.1976
Onofre Lopes da Silva	30.01.1976 a 13.07.1984
Dom Nivaldo Monte	13.07.1984 a 08.11.1984
Diógenes da Cunha Lima	08.11.1984 a

Nosso atual Presidente que completou agora no dia 08 de novembro 37 anos de brilhante presidência.

Imortalidade

Sabemos que o conceito da imortalidade se fundamenta na lembrança sempre renovada daqueles que um dia ocuparam aquela cadeira. Isso nos remete a algumas citações:

“A imortalidade é certamente um sentimento agradável, especialmente enquanto a gente está viva.” – **Theodor Herzl (1860 – 1904)**.

“Se a mortalidade da alma pode ser terrível, não menos terrível pode ser a sua imortalidade.” – **Unamuno (1864 – 1936)**.

“A vida é pobre demais para não ser também imortal.” – **Jorge Luis Borges**.

“A imortalidade é a arte de se morrer em tempo.” – **Sofocleto**.

“A imortalidade reside na lembrança, sempre renovada, daqueles que já se foram. Paradoxalmente, ou por pura ironia, imortal mesmo é aquele que já morreu. Os que estamos vivos apenas garantimos uma promessa de sermos lembrados pelos que irão nos suceder.

Até quando?

A lista dos ocupantes de uma mesma cadeira vai crescendo, de tal forma que, em algum tempo, se tornará impossível ao novo sucessor homenagear a todos. O patrono, este sim, será sempre lembrado, embora jamais tenha sonhado com a imortalidade, pois nunca ocupou a cadeira que tem o seu nome.” – **Armando Negreiros**.

JOÃO BATISTA MACHADO, DO ASSU.

REPÓRTER POLÍTICO

Cassiano Arruda Câmara

– Era assim que, quase sempre, Machadinho se apresentava.

Menos nesta Casa, para onde trouxe o seu bom humor e espírito solidário, nesses últimos oito anos. Ele aqui chegou com pompa e circunstância, consciente da importância de sua conquista.

Aquela Natal de menos de 200 mil habitantes, quando nos conhecemos, era um grande condomínio formado por migrantes vindos do Interior, e o município de origem era quase incorporado ao nome de cada um.

No dia 27 de Novembro, de 2013, Machado usou esse “abre alas” para cantar seu novo território nesta Casa:

“Ultrapasso as arcadas desse templo de preservação da memória cultural, fazendo-o com humildade e profundamente agradecido aos senhores acadêmicos pela honraria que me foi concedida e à graça de poder desfrutá-la no outono da vida. Nesta noite singular, retribuo sensibilizado, com os versos oportunos de Carlos Drummond de Andrade adequados à ocasião: -Tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo”.

Até chegar aqui, foi uma longa viagem.

O primeiro trecho da viagem foi de Assu a Mossoró, munido de uma bolsa de estudos para se matricular no Ginásio Diocesano, quando teve seu primeiro encontro pra valer com a política, através do deputado Aluizio Alves que indicou o seu nome para receber o custeio dos estudos num dos mais tradicionais colégios do Rio Grande do Norte.

Depois do Ginásial, foi o trecho Mossoró-Natal para cursar o Científico no Atheneu, passando a morar na Casa do Estudante, que recebia jovens de todo o Estado.

Em seguida foi aprovado no vestibular da Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, no ano de 1970. Mas, antes, já havia arrancado um lugar de estagiário na Tribuna do Norte, concedido pelo seu Editor-Chefe, Walter Gomes.

Saiu de lá para o Diário de Natal, ainda estudante, mas já auto titulado repórter político, acumulando a função de correspondente do jornal “O Globo”, do Rio de Janeiro, além de atuar nas revistas RN-Econômico e Cadernos do Rio Grande do Norte.

Nessa fase, depois de diplomado, mudou de lado no balcão. Convidado pelo governador Tarcísio Maia assumiu a Secretaria de Imprensa do Governo do Estado

Foi a base de uma nova carreira, no jornalismo oficial. Terminado o Governo de Tarcísio emendou com a assessoria de imprensa do Prefeito de Natal, José Agripino, a quem acompanhou por dois mandatos no Governo do Estado, e dos seus substitutos, Radir Pereira e Vivaldo Costa.

Derivou para a publicidade, integrando o time da agência Dumbo e criou um derivativo para não se tornar um burocrata, longe das redações dos jornais.

Ao mesmo tempo em que descobriu um novo derivativo em sua carreira, a de historiador com foco na nossa história política recente. Com a argucidade do repórter, a responsabilidade do jornalista e o rigor do historiador, produziu o melhor acervo da história política do Rio Grande do Norte na segunda metade do Século XX.

Assim escreveu 11 livros:

- “De 35 ao AI-5”;
- “Política no Atacado e Varejo”;

- Anotações de um Repórter Político”
- “Como se fazia Governador Durante o Regime Militar”;
- “1960 : Explosão de Paixão e Ódio”;
- “Perfil da República no Rio Grande do Norte”;
- “Testemunho de Ausentes”;
- “Resgate da Memória Política”;
- “Dossiê Político”;
- “Política em Atos e Fatos”;
- “Bastidores do Poder – Memórias de um repórter”.

Se existe um traço comum na obra de João Batista Machado foi conciliar as suas duas maiores paixões, o jornalismo e a política, ao longo de 18 anos, sempre com o rigor na apuração das informações e preocupação ética de quem nunca aceitou desempenhar o papel de demolidor de reputações – sobretudo de quem não podia se defender.

Característica que fica patente na leitura de “Bastidores do Poder”, que não teve a proposta de uma autobiografia, mas esta terminou fluindo normalmente, mesmo sem a preocupação cronológica.

O menino do Assu, guardou em sua memória o próprio deslumbramento com a passagem por sua cidade de personalidades da política nacional, como Adhemar de Barros e Plínio Salgado, na campanha presidencial de 1955, quando ele ainda não tinha definido seu rumo, mas pode tê-lo influenciado, a chegar junto a vários Presidentes da República que vieram depois dele ser inoculado pelo vírus do jornalismo que o contaminou por mais de 50 anos.

Tive o privilégio de estar ao lado de João Batista Machado ao longo desse meio século, como colega, amigo e irmão. Ele sempre um colega leal. Um amigo solidário. E um irmão dedicado.

O começo foi numa Natal de menos de 200 mil habitantes, contando com cinco jornais diários, cinco emissoras de rádio, onde a televisão ainda não havia chegado. A maioria desses veículos de comunicação pertencentes a um líder político. Mais um desafio para nosso repórter político que conviveu como aquela realidade sem se deixar influenciar por essa circunstância.

Nosso Repórter Político João Batista Machado sentou praça (na Tribuna do Norte) quando a política no Brasil era quase uma atividade clandestina, valendo lembrar que o grade nome da crônica política brasileira, Carlos Castello Branco escreveu algumas das mais belas páginas do gênero, justamente nessa mesma época, em que os principais pronunciamentos haviam migrado do Parlamento para os quartéis e trocado a tribuna pela “ordem do dia”, na caserna.

Também foi a época da grande revolução interna da imprensa, que depois de mais de cem anos se libertava da Galáxia de Gutemberg, saindo dos tipos móveis e da linotipo para o computador, e a quase universalização do sistema off set de impressão por toda a chamada mídia impressa..

E do outro lado, as comunicações viviam uma revolução alucinante, coincidindo com a corrida aero espacial que tinha como meta a chegada do homem à Lua, começando pela troca do Código Morse pelo telex, e pelo fax (de vida muito breve), até a chegada do telefone celular, na verdade um computador pessoal, validando a previsão de Marshal McLuan de que cada residência, na aldeia global, contaria com um computador. Na verdade não é nenhum exagero dizer que nos dias atuais existe um computador (i-phone) para cada bolso (da calça).

- E quem viveu os bons tempos do Telegrama Western e do dia para a noite passou a ter acesso ao mundo todo com a Internet? – Além de tudo de graça.

Abra-se um parêntesis para registrar que possuir uma fran-

quia da *The Western Telegraph* na Província, para postar suas reportagens por conta de alguma empresa jornalística, era o máximo de status para quem exercia o papel de correspondente de algum jornal ou revista. E Machado tinha a sua, por conta de *O Globo*, muito bem guardada e exibida convenientemente.

Quando se discute a imortalidade dos acadêmicos, Machado é o exemplo pronto e acabado do criador de uma obra imortal.

Na transição do Brasil Grande, chamado e aceito pela Redentora Revolução de 31 de Março, inclusive por quem dizia isso com uma ponta de ironia, até a Nova República de Tancredo, Sarney, Collor, Maluf, Adreazza, Petrônio Portela, Ulisses Guimarães e tantos outros, que criaram as condições para haver o renascimento da Democracia no Brasil de todos nós.

Machado desfrutou de uma posição privilegiada tanto de um lado quanto no outro do balcão. Foi o repórter que acompanhou os atos e fatos depois de '64, como uma testemunha com uma missão a cumprir: divulgar o que estava acontecendo, mesmo o que sofreu censura na época. E ele foi minucioso na preservação do fato.

Quem quiser, em qualquer época, saber como a atividade política foi praticada no ciclo do governo militar, assim como no processo de abertura desde a campanha das Diretas Já, no Rio Grande do Norte, vai ter de recorrer a obra de memória política de João Batista Machado respaldada pela forma isenta com que testemunhou os fatos mais importantes da vida pública do RN, consagrada pelos seus contemporâneos pela isenção, equilíbrio, dignidade do trabalho de um escritor preocupado em não abrir mão de sua condição de jornalista que manteve sua devoção ao jornalismo político, sério e comprometido com os princípios da ética e da decência.

Muito mais do que qualquer avanço tecnológico, a obra de João Batista Machado se fundamenta nas suas qualidades huma-

nas, no seu apego as melhores tradições nordestinas e o sentido telúrico que faz o Vale do Assu marcar presença em todos os momentos de sua vida.

Nesta Academia Norterriograndense de Letras, o homenageado desta tarde-noite, manteve a tradição de ser um profissional da palavra, assim como Cascudo, Eloy de Souza, Castriciano, Dorian Jorge, Murilo Melo Filho, Sanderson, Luiz Carlos Guimarães, Navarro, Aluizio, Agnelo, Eider Furtado, Antônio Pinto, Paulo Macedo, até Serejo e Woden que continuam a nos brindar com sua convivência.

Senhor Presidente Diógenes da Cunha Lima, espero ter cumprido a missão que me foi confiada, apresentando um breve necrológio do seu último ocupante:

- Declare vaga a cadeira nº 32 da nossa Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, que estava sendo ocupada e engrandecida por João Batista Machado, até o dia 26 de Maio de 2021, quando faleceu, engordando a vergonhosa lista de mais de 820 mil vítimas da Covid 16 no Brasil que nos atingiu a todos.

Machado partiu para a Casa do Senhor depois de nos premiar com sua convivência amena e nos enriquecer com o exemplo do seu legado literário.

MISSA DE SÉTIMO DIA DO MINISTRO JOSÉ AUGUSTO DELGADO

Pe. João Medeiros Filho

“*Seremos julgados pelo amor*”, assim sentenciou São João da Cruz, grande místico espanhol do século XVI, sobre o fim de nossa trajetória. Abordar o tema da morte geralmente é doloroso, porque as pessoas a concebem fora da existência. Morrer faz parte do viver. Despende tempo, energia, renunciar a algo, perder, tudo isto indica que a vida é semelhante a uma vela que se consome para produzir luz. Plena desse brilho foi a caminhada de nosso irmão José Augusto Delgado, que permanece em nossa memória. O nome que recebeu no batismo é simbólico, icônico, usando a expressão da moda. Tem o onomástico do pai adotivo do Salvador do Mundo e esposo de Nossa Senhora. Nosso inesquecível confrade é exemplo de dedicação e probidade. Augusto, pela nobreza do seu caráter, pela consciência da nossa condição de filhos de Deus. Delgado era elegante, fino e delicado no pensar e no proceder. Côncio da limitação humana, confiava em Deus, em sintonia com o pensamento do apóstolo Paulo: “*Tudo posso naquele que me fortalece, que é Jesus Cristo.*” (Fl 4, 13). Sua postura revela que comungava dos sentimentos do inesquecível Cônego Luiz Monte, membro de nossa Academia: “*Sem a fé, sou pequeno demais para o céu. Com ela grande demais para a terra.*”

Caríssimos irmãos, preparar-se para o ocaso da vida não é voltar-se para a noite da morte, mas perceber que o sol se põe nesta vida terrena, mas continua a resplandecer na vida celestial, onde o dia é eterno. Os astros cintilam nas alturas. Deste modo, o professor Delgado também brilhará no céu.

Como cristãos, devemos ter consciência de que a morte é apenas o umbral da entrada na nova vida. Cristo proclamou: “*Eu*

vim para que todos tenham vida. E a tenham em plenitude ou abundância.” (Jo 10, 10). Santo Agostinho, bispo de Hipona, proferiu esta verdade teológica: “*Mors, vere dies natalis hominis*”, a morte é o verdadeiro natalício do ser humano. Se pensássemos apenas na morte, colocaríamos o sentido de tudo somente no final da existência. Muitas pessoas tendem para essa posição e acabam desprezando o viver, diminuindo o sabor dos dias na terra. Contudo, a tentação maior é uma abordagem contrária: pensar somente na ilusória vida passageira. O enfoque no provisório pode gerar desespero, quando as limitações começam a aparecer. “*Somos peregrinos e estrangeiros, mas, em breve, estaremos em nossa pátria*”, proclamou o apóstolo Pedro (1Pd 1, 1).

O cristianismo define a morte como passagem da existência limitada para a vida plena, em Deus. Trata-se de completar e consumir o que temos e vemos apenas como um esboço. “*O que agora vemos é como uma imagem imperfeita num espelho embaçado, mas depois veremos face a face. Aqui, o conhecimento é imperfeito e parcial, mas depois será pleno, assim como sou conhecido por Deus.*” (1Cor 13, 12). Vivemos na fé e na esperança aquilo que um dia veremos na Eternidade.

Assevera ainda o cristianismo que, apesar de vivermos na limitação do tempo, já somos eternos, enquanto filhos do Deus Infinito, que um dia nos perfilhou pela sua misericórdia e ternura. Por isso, os cristãos sabem que a morte não pode separá-los de Cristo. Portanto, nosso irmão Delgado desfruta agora da herança eterna e do prêmio dos justos e eleitos. “*Somos herdeiros do céu e coerdeiros com Cristo*”, assegura-nos a Carta aos Romanos. (Rm 8, 17).

Só é possível compreender o mistério da morte, sob a ótica e a dimensão da fé. Esta identifica tipos de presença que a corporeidade não alcança, descobre união e proximidade que o espaço sequer imagina. Ela é a marca do divino, atemporal, onipresente e espiritual. Ultrapassa os limites e as amarras, rompe os laços que nos prendem e liberta-nos das prisões. A fé conduz-nos ao amor.

E este “é mais forte que a própria morte”, afirma São João (1Jo 3, 14). Porque soube amar, nosso irmão Delgado permanece vivo. E Santo Agostinho conclui: *“ninguém ama sem ter fé, nem acredita sem amar.”*

Desde tempos remotos, já sabia de sua riqueza interior, como jurista, homem probo e de fé no Deus da Paz e da Justiça. Eu era um jovem e inexperiente padre, pároco em Caicó, em 1965. Ali, recebi a visita do saudoso Monsenhor Expedito Sobral de Medeiros, que um dia me batizou na matriz de Jucurutu. Comecei a indagar sobre a sua paróquia de São Paulo do Potengi. E ele proferiu palavras, que permanecem vivas em minha memória: *“João, acabo de conhecer um magistrado, como define a Bíblia, sábio, honrado, prudente e conciliador, humanista e sobretudo temente a Deus.”* E *“Monsenhor Expedito tinha o faro de nossas almas”*, no dizer de Oswaldo Lamartine. Existem pessoas que se engrandecem com as academias. Há outras que tornam grandes as academias às quais pertencem. Assim, na ANRL destaca-se José Augusto Delgado.

Hoje, a seus familiares e amigos, cabe-nos dizer que não nos inquietemos. O amor, apesar de invisível e imprevisível, cria formas e modos diferentes de se manifestar. Pela fé e guardado no tesouro de nossa memória, ele permanecerá vivo, unido e presente. Os discípulos de Jesus não ficaram sem ver Aquele a quem tanto amaram. Ele mostrou-lhes a Sua face. Assim, os que nos precederam na casa do Pai, saberão como nos confortar em nossas angústias e inquietações, pois já encontraram a Paz definitiva. Nosso amigo Delgado pertence agora ao plano divino, alcançável pela força de nossa crença. Meus irmãos, a fé nos consola e fortalece. *“Aos vossos fiéis, não é tirada a vida, mas transformada. E desfeita a nossa habitação terrena, nos é dada nos céus, uma eterna morada”*, como ouviremos no prefácio desta missa. Há uma lenda entre os índios kadiwéus, de profundo sentido teológico, afirmando que *“a morte leva o ser humano à vida oculta e silenciosa. Aqueles que amamos não morrem, apenas transmigram.”*

A saudade dói em nosso íntimo. Ela torna presente o ausente, preenchendo o vazio da solitude. Mas, Deus existe para aquietar a saudade. A palavra é pobre para falar sobre o mistério da morte. Um dia encontrar-nos-emos para celebrar o grande banquete dos eleitos de Deus. Agora, nosso confrade goza das maravilhas celestiais. Que ele descanse em paz! E junto de Deus, lembre-se de nós, peregrinos da vida. Hoje rendamos graças ao Pai Celestial pela grandeza de sua existência e sabedoria com a qual Ele o revestiu. *“Os olhos jamais contemplaram, os ouvidos nunca escutaram, o pensamento humano sequer imaginou aquilo que Deus reserva para seus filhos amados.”* (1Cor 2, 9).

Natal, 13/09/2021. Igreja de Bom Jesus da Ribeira.

O ARTISTA DA CAPA

Pintor e desenhista, Iaponi Araújo, ou simplesmente, Iaponi, como se assinava, nasceu em São Vicente (RN), 1942. Mudando-se, com a família, para Natal, por volta de 1950, não tardou a revelar-se como pintor naif, pioneiro desta arte no Rio Grande do Norte. Com muita sensibilidade abordou, frequentemente, temas folclóricos – lendas, tipos, autos populares, etc. – em quadros a óleo e desenhos, que logo chamaram a atenção da crítica e do público. Em 1967, fixou residência no Rio de Janeiro, onde veio a participar, intensamente, da cena artística. Entre 1970 e 1972 residiu em Londres.

Realizou várias exposições individuais e participou de outras tantas coletivas. O seu legado, para as artes plásticas, no Rio Grande do Norte, reveste-se de grande importância. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1986.

QUADRO DE ACADEMICOS

Cadeira	Patrono	Primeiro Ocupante	Sucessores
1	Padre Miguelinho	Adauto da Câmara	Raimundo Nonato da Silva, Sylvio Pedroza, Claudio Emerenciano.
2	Nísia Floresta	Henrique Castriciano	Hélio Galvão, Grácio Barbalho, Ernani Rosado, Humberto HERNANDEZ de Araújo.
3	Cons. Brito Guerra	Otto Guerra	José de Anchieta Ferreira, Daladier Pessoa Cunha Lima.
4	Lourival Açucena	Virgílio Trindade	Enélio Lima Petrovich, Agnelo Alves, Cassiano Arruda Câmara.
5	Moreira Brandão	Edgar Barbosa	Ascendino de Almeida, Manoel Onofre Jr.
6	Luís Carlos Wanderley	Carolina Wanderley	Gumercindo Saraiva, João Batista Pinheiro Cabral.
7	Ferreira Nobre	Antônio Soares	Mariano Coelho, Nestor dos Santos Lima, Luiz Alberto G. de Faria
8	Isabel Gondim	Matias Maciel	Walter Wanderley, Nilson Patriota, Nelson Patriota, Gaudêncio Torquato
9	Almino Afonso	Nestor Lima	Cristóvão Dantas, Humberto Dantas, Peregrino Junior, Dorian Gray Caldas, Roberto Lima.
10	Elias Souto	Bruno Pereira	Paulo Macêdo, Dácio Galvão
11	Padre João Maria	Januário Cicco	Onofre Lopes da Silva, Miguel Seabra Fagundes, Fagundes de Menezes, Paulo de Tarso Correia de Melo
12	Amaro Cavalcante	Juvenal Lamartine	Veríssimo de Melo, Oswaldo Lamartine de Faria, Paulo Bezerra, Clauder Arcanjo.
13	Luís Fernandes	Luís da Câmara Cascudo	Oriano de Almeida, Anna Maria Cascudo Barreto. Eulália Duarte Barros.
14	Joaquim Fagundes	Antônio Fagundes	Raul Fernandes, Armando Negreiros.

15	Pedro Velho	Sebastião Fernandes	Antonio Pinto de Medeiros, Eloy de Souza, Umberto Peregrino, Francisco Fausto, Lívio Oliveira.
16	Segundo Wanderley	Francisco Palma	Rômulo Wanderley, Maria Eugênia Montenegro, Eider Furtado de Mendonça e Menezes, Armando Holanda.
17	Ribeiro Dantas	Dioclécio Duarte	Aluizio Alves, Ivan Maciel de Andrade.
18	Augusto Severo	Waldemar de Almeida	D. Nivaldo Monte, Pe João Medeiros Filho.
19	Ferreira Itajubá	Clementino Câmara	Nilo Pereira, Murilo Melo Filho, Marcelo Alves Dias de Souza.
20	Auta de Souza	Palmira Wanderley	Mario Moacir Porto, Dorian Jorge Freire, José Hermógenes de Andrade Filho, Jarbas Martins.
21	Antônio Marinho	Floriano Cavalcanti	Luiz Rabelo, Valério Mesquita.
22	Côn. Leão Fernandes	Côn, Luís Monte	D. José Adelino Dantas, Côn. Jorge Ó Grady de Paiva, Côn. José Mário de Medeiros.
23	Antônio Glicério	Bezerra Júnior	Othoniel Menezes, Jaime dos G. Wanderley, Iaperi Araújo
24	Gothardo Neto	Francisco Ivo Cavalcante	Antídio Azevedo, Antônio Soares Filho, Tarcísio Medeiros, Sônia Fernandes Faustino.
25	Ponciano Barbosa	Aderbal de França	Inácio Meira Pires, João Wilson Mendes Melo, Luiz Eduardo B. Suassuna.
26	Manoel Dantas	José Augusto Bezerra de Medeiros	Diógenes da Cunha Lima
27	Aurélio Pinheiro	Américo de Oliveira Costa	Vicente Serejo
28	Padre João Manoel	Paulo Viveiros	Jurandy Navarro
29	Armando Seabra	Esmeraldo Siqueira	Itamar de Souza
30	Mons. Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo	Aluísio Azevedo, Diva Cunha.
31	Padre Brito Guerra	José Melquíades	Pedro Vicente Costa Sobrinho, Leide Câmara.
32	Francisco Fausto	Tércio Rosado	João Batista Cascudo Rodrigues, João Batista Machado, Geraldo Melo.
33	Tonheca Dantas	Oswaldo de Souza	Hypérides (Peri) Lamartine, Carlos de Miranda Gomes.
34	José da Penha	Alvamar Furtado	Lenine Pinto, Ivan Lira de Carvalho.
35	Juvenal Antunes	Edinor Avelino	Gilberto Avelino, Ticiano Duarte, Woden Madruga.
36	Benício Filho	João Medeiros Filho	Olavo de Medeiros Filho, José Augusto Delgado. (vaga)

37	Jorge Fernandes	Newton Navarro	Luís Carlos Guimarães, Elder Heronildes.
38	Luís Antônio	José Tavares	Vingt-un Rosado, América Rosado, Benedito Vasconcelos Mendes.
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes	Marcelo Navarro Ribeiro Dantas
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros	Geraldo Queiroz

Este livro foi composto em
Adobe Garamond Pro
e impresso em cartão
Duo Design 250g./m². (capa)
e Pólen Bold 90g./m². (miolo)
pela Offset Gráfica, Natal/RN,
dezembro de 2021

www.offsetgrafica.com.br